

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Letras e Comunicação

Programa de Pós-Graduação em Letras



Dissertação

Maternidade compulsória:
valoração e discurso intolerante em comentários no *Facebook*

Ana Clara Molina

Pelotas, 2024

Ana Clara Molina

Maternidade compulsória:
valoração e discurso intolerante em comentários no *Facebook*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Karina Giacomelli

Pelotas, 2024

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

S237m Santos, Ana Clara Molina dos

Maternidade compulsória [recurso eletrônico] : valoração e discurso intolerante em comentários no *Facebook* / Ana Clara Molina dos Santos ; Karina Giacomelli, orientadora. — Pelotas, 2024.
116 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Maternidade. 2. Círculo de Bakhtin. 3. Valoração. 4. Discurso intolerante. I. Giacomelli, Karina, orient. II. Título.

CDD 469.5

Ana Clara Molina

Maternidade compulsória: valoração e discurso intolerante em comentários no
Facebook

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre(a) em Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 16/08/2024

Banca examinadora:

Prof(a). Dr(a). Karina Giacomelli

(Orientador)

Doutor(a) em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Prof(a). Dr(a). Vera Lúcia Pires

Doutor(a) em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Prof(a). Dr(a). Jael Sânera Sigales Gonçalves

Doutor(a) em Letras pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL).

**Dedico este trabalho à minha família, ao meu
companheiro e a todas as mulheres que me
inspiram.**

Agradecimentos

Aproveito este espaço em meu trabalho para agradecer, primeiramente, aos meus pais, Margarete e Gilmar, que sempre foram incansáveis e nunca mediram esforços para ajudar em meus estudos. Sem vocês, nada disso estaria acontecendo. Que sorte e privilégio os meus!

Agradeço também ao meu companheiro e parceiro de vida, Luki, que esteve comigo durante esses dois anos de mestrado, segurando minha mão, oferecendo apoio, suporte, afeto, carinho e muito mais.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Karina Giacomelli, que acompanha minha trajetória acadêmica desde o meu segundo ano da graduação em Letras. Iniciamos a nossa história no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), continuamos na pesquisa, chegando até o mestrado. Muito obrigada, professora.

Agradeço à Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia Pires, por ter aceitado fazer parte da minha banca de qualificação, trazendo contribuições pertinentes para o trabalho, deixando-o mais completo e por ter aceitado fazer parte também da minha defesa de dissertação.

Agradeço à Prof^a. Dr^a. Graziela Frainer Knoll pela leitura atenta do meu texto no momento de qualificação da pesquisa e pelas ricas contribuições.

Agradeço à Prof^a. Dr^a. Jael Sânera por ter aceitado o nosso convite para fazer parte da minha defesa de dissertação.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), por permitir que eu fizesse parte dele e por acreditar na potência da minha pesquisa.

Agradeço à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por ter financiado meus estudos durante esses dois anos.

MUITO OBRIGADA!

Resumo

MOLINA, Ana Clara. **Maternidade compulsória**: valoração e discurso intolerante em comentários no *Facebook*. 116f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas.

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa o caso que envolveu uma atriz brasileira em 2022. A atriz, em questão, engravidou em decorrência de um estupro, porém descobriu a gravidez apenas no final dela, optando por ter o bebê e entregá-lo para adoção. Todavia, a privacidade da jovem foi exposta por uma profissional da saúde presente no parto que entregou as informações sobre o ocorrido à imprensa. Ao se tornar público, muitas pessoas começaram a emitir opiniões a respeito da atitude da atriz, condenando duramente sua conduta de não assumir o papel de mãe do bebê. Dessa maneira, nos sentimos instigadas a analisar comentários-enunciados presentes na publicação de uma revista na rede social *Facebook* que julgavam a atitude dela. Para isso, nos ancoramos nos pressupostos teóricos-metodológicos do Círculo de Bakhtin, com foco no conceito de valoração, além de utilizarmos a noção de discurso intolerante, elaborada por Diana Luz Pessoa de Barros. As análises foram realizadas seguindo os procedimentos analíticos propostos por Sobral (2006): descrição, análise e interpretação. Os resultados obtidos a partir das análises nos mostraram que eles mobilizam diferentes tópicos que revelam uma visão de mundo que crê que toda mulher, por ser mulher, deve ser mãe. Sendo assim, as que não seguem esse caminho merecem que discursos intolerantes sejam proferidos a elas.

Palavras-chave: maternidade; Círculo de Bakhtin; valoração; discurso intolerante.

Abstract

MOLINA, Ana Clara. **Compulsory motherhood**: valuation and intolerant speech in *Facebook* comments . 116f. Dissertation (Master's Degree) - Graduate Program in Languages and Literatures, Center for Languages and Communication, Federal University of Pelotas.

The present work has as its object of research the case that involved a Brazilian actress in 2022. The actress in question became pregnant as a result of rape, but discovered the pregnancy only at the end of it, choosing to have the baby and give it up for adoption. However, the young woman's privacy was exposed by a healthcare worker present at the birth, who gave the information about what happened to the press. When it became public, many people began to express opinions about the actress's attitude, strongly condemning her conduct of not assuming the role of mother. In this way, we felt instigated to analyze comment-statements present on the publication of a magazine on the social media network *Facebook* that judged her attitude. For this, we are anchored in the theoretical-methodological assumptions of the Bakhtin Circle, focusing on the concept of valuation, in addition to using the notion of intolerant discourse, elaborated by Diana Luz Pessoa de Barros. The analyzes were performed following the analytical procedures proposed by Sobral (2006): description, analysis and interpretation. The results obtained from the analyzes showed us that they mobilize different topics revealing a worldview that believes that every woman, for being a woman, must be a mother. Therefore, those who do not follow this path deserve to have intolerant speeches uttered at them.

Keywords: motherhood; Bakhtin Circle; valuation; intolerant speech.

Lista de figuras

Figura 1	Captura de tela elaborada pela autora.....	80
Figura 2	Captura de tela elaborada pela autora.....	85
Figura 3	Captura de tela elaborada pela autora.....	89
Figura 4	Captura de tela elaborada pela autora.....	91
Figura 5	Captura de tela elaborada pela autora.....	95

Lista de abreviaturas e siglas

ADD Análise Dialógica do Discurso

ONU Organização das Nações Unidas

Sumário

Introdução	10
1. “corpo feminino como corpo materno”: a maternidade como o principal papel social desempenhado por uma mulher	17
1.1 Breve panorama a respeito da maternidade	17
1.2 “O poder das palavras” e os “sujeitos considerados como maus cumpridores de certos contratos sociais” - violência simbólica e discurso intolerante	32
2. “A língua, a palavra, são quase tudo na vida do homem.” O Círculo de Bakhtin e sua percepção dialógica acerca da linguagem	37
3. O caso, a publicação, o corpus e o método: a metodologia de pesquisa	62
3.1 “Imagina se tal colunista descobre essa história”: a exposição do caso Klara Castanho	62
3.2 Por que a CARAS? Uma escolha justificável	68
3.3 Como coletar um corpus tão grande? - Os comentários-enunciados e o seu recorte	71
3.4 “A ênfase é a interseção” - Descrição-análise-interpretação - Procedimentos metodológicos	73
4. “A alma do compreendedor não é tabula rasa” - análise de cinco comentários-enunciados	80
Considerações finais	100
Referências	103

Introdução

“A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física.” (BOURDIEU, 2022)

Todos os dias, no mundo inteiro, mulheres são agredidas e mortas pelo simples fato de serem mulheres, sendo uma em cada três vítima de violência, segundo a OMS - Organização Mundial da Saúde (2021). Uma parcela de casos de violência contra a mulher, envolvendo anônimas e famosas, chega à mídia, que os compartilha com seus espectadores. O fenômeno das redes sociais possibilita uma interação mais direta entre os veículos de comunicação e o público, permitindo que as pessoas expressem suas opiniões, algo que pode ser observado em algumas plataformas de redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, por exemplo.

Tendo em vista o exposto no parágrafo anterior, a presente dissertação de mestrado é resultado do caminho traçado durante a graduação em Letras - Português e Espanhol na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), onde casos de violência de gênero e as opiniões expressas sobre eles em plataformas de redes sociais sempre ganharam destaque nos trabalhos desenvolvidos por esta pesquisadora, ancorados pelo campo teórico denominado no Brasil como Análise Dialógica do Discurso.

Ao longo dos séculos, o gênero feminino foi tratado de maneira subordinada ao gênero masculino, resultado da estrutura patriarcal que determina as relações entre eles. É verdade que a sociedade patriarcal em que se vive hoje é um pouco diferente da vivenciada séculos atrás. Os avanços proporcionados pelas lutas do movimento feminista não devem ser ignorados, porém o mundo ainda é um lugar dos homens e para os homens.

Beauvoir (1970) afirma que à mulher é relegado o lugar de *Outro*, de segundo sexo, sendo o homem o sujeito, o absoluto, o essencial, já ela, em contrapartida, seria caracterizada de forma contrária às qualidades atribuídas a ele. Ao torná-la *Outro* o homem a desumaniza, a anula enquanto sujeito e ser social, a torna objeto, tendo assim, a mulher, seus direitos e dignidade negados.

A desumanização do gênero feminino é o que permite que mulheres morram e sejam agredidas todos os dias devido sua condição, socialmente construída, de mulher. No Brasil, a violência contra a mulher está presente em todas as regiões, atingindo índices preocupantes (Karam, Castro, 2020). Todavia, além da violência

física, as mulheres também são agredidas de outras formas, sendo considerados, segundo o Instituto Maria da Penha, cinco tipos de violência, sendo elas a física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. Na raiz dessas violências que atingem as mulheres está a violência simbólica, aquela que, segundo Bourdieu, legitima a dominação masculina, sendo compreendida por ele como um tipo de violência “suave, insensível, invisível” (Bourdieu, 2022, p. 12). Não há como apontar em dados a violência simbólica que atravessa as mulheres todos os dias, pois muitas vezes ela não é percebida nem pelas próprias vítimas, fazendo parte da estrutura patriarcal que as coloca em posição de inferioridade.

Partindo de um recorte ocidental, a influência do cristianismo não pode ser ignorada frente ao modo como as mulheres são vistas deste lado do mundo. A tradição judaico-cristã é fundamentalmente patriarcal, sendo os patriarcas os dignitários da Igreja, os primeiros chefes de família (Delphy, 2009, p. 173). Com o advento do movimento feminista, o patriarcado deixou de ser visto como era tradicionalmente, ou seja, como um “regime paterno” e passou a ser visto como um sistema que oprime mulheres, considerando-as inferiores aos homens. O cristianismo foi responsável, com muitos de seus mitos, pela proliferação de ideias que atribuem às mulheres o papel de subserviência. Uma ideia propagada pelos mitos cristãos é a da maternidade, personificada na figura de Maria, aquela que representaria “a maternidade divina, virgindade, imaculada concepção e assunção” (Lemos, 2013, p. 205).

Há uma noção, enraizada no inconsciente coletivo, influenciada, por exemplo, pelo mito de Maria, de que a maternidade é uma condição natural das mulheres. Badinter (1985) defende que a maternidade não é um sentimento que nasce com as mulheres, mas sim um sentimento que pode ser adquirido ou não por elas. Essa visão da maternidade é reforçada a partir da socialização de gênero, processo pelo qual as pessoas, desde a infância, aprendem as normas e os comportamentos associados ao seu gênero. A socialização ocorre principalmente por meio da interação com a família, amigos, escola, mídia e sociedade em geral. Dentro dessa noção, os homens são socializados para serem fortes, corajosos, para trabalharem e provirem um lar, enquanto as mulheres são socializadas para serem delicadas, carinhosas, obedientes, cuidadoras do lar e dos filhos.

Dentro deste contexto do que se espera de cada um dos gêneros, destacam-se as contribuições de Butler (2023), que afirma que ao se descobrir o

sexo de um bebê, já se cria um universo em torno dele, o que acaba rompendo com as distinções entre sexo e gênero na visão da autora, acreditando que o sexo, na verdade, sempre foi gênero desde o princípio. Esse universo esperado por cada um deles é chamado por Butler (2023) de “performatividade”, ou seja, um conjunto de práticas sociais e culturais compreendidas como femininas ou masculinas.

A performatividade abordada por Butler (2023) faz com que a sociedade espere determinadas atitudes das pessoas com base em seu gênero. O não cumprimento de tais atos performativos pode ocasionar o que Barros (2016) denomina como discurso intolerante, ou seja, aquele discurso proferido a atores sociais que não correspondem ao que é esperado socialmente por eles.

Um caso que envolve a questão da maternidade, que reflete essa socialização das mulheres para o maternar e que teve grande repercussão no Brasil, no ano de 2022, foi o da atriz Klara Castanho. Ela, com então 21 anos, publicou, no dia 25 de junho de 2022, um relato em seu *Instagram* (@klarafgcastanho) contando que fora vítima de um estupro e que mesmo tendo direito a um aborto legal, acabou por ter a criança, entregando-a, posteriormente, para a adoção. A necessidade do relato, segundo a atriz, veio após especulações que estavam circulando pela internet sobre seu caso.

Klara Castanho recebeu muito apoio por parte de famosos e de pessoas anônimas, que se solidarizaram com a violência sofrida por ela. Por isso, no dia 06 de julho de 2022, alguns dias após a publicação da carta aberta, ela retornou as suas plataformas de redes sociais para agradecer a grande rede de apoio que vinha recebendo. Dentre os vários veículos de comunicação que noticiaram o caso, está a página da revista CARAS Brasil no *Facebook*, que noticiou o retorno da atriz ao *Instagram*. O que veio, em seguida da publicação da revista, foram muitos comentários julgando a atitude da Klara de entregar o bebê para adoção.

Desse modo, o objeto que instigou o desenvolvimento da pesquisa é o caso da Klara Castanho. Como já comentado anteriormente, o compartilhamento de comentários a respeito de casos de mulheres vítimas de violência sempre foram de interesse desta pesquisadora, que decidiu continuar voltando seus olhos para essa temática, uma vez que esta é uma questão recorrente na sociedade. A pergunta principal de pesquisa que norteia este trabalho é: De que maneira um enunciado, que sempre é valorado, ou seja, sempre expressa um juízo de valor, produz discursos intolerantes perpetuando a ideia de maternidade compulsória? Sendo

precedida de outras duas questões, que são: 1) O que esses enunciados podem explicar sobre por que se espera que uma mulher assuma sempre o papel da maternidade mesmo em casos de estupro? e 2) Qual a relação da exigência da maternidade com o discurso intolerante proferido a uma mulher vítima de uma violência como o estupro? Para essas perguntas de pesquisa, tem-se como hipótese a ideia enraizada na sociedade de que toda mulher nasceu para a maternidade. Essa crença é amplamente difundida desde a infância, uma vez que as meninas são socializadas para esse papel desde cedo, como mencionado acima. Dessa forma, doar um filho e não assumir a maternidade dele é negar o papel de mulher, presente no senso comum, desafiando as expectativas sociais convencionais.

À vista disso, esta investigação tem como objetivo geral apontar o discurso intolerante e a valoração presente nos comentários da publicação que realizam o tema (tema para a teoria bakhtiniana) de julgar a atitude da atriz de negar a maternidade, a fim de demonstrar como a ideia da maternidade compulsória está presente no todo social que regula o papel da mulher, mesmo na contemporaneidade, adotando como base teórica-epistemológica os pressupostos do Círculo de Bakhtin, que no Brasil fundamentam a teoria da Análise Dialógica do Discurso. Como objetivos específicos tem-se: apresentar um breve panorama a respeito dos papéis sociais destinados às mulheres, com foco na maternidade; teorizar acerca da violência simbólica e como ela se relaciona com a temática da pesquisa; demonstrar o conceito de discurso intolerante na perspectiva da pesquisadora brasileira Diana Luz Pessoa de Barros e relacioná-lo à noção de valoração em Mikhail Bakhtin e o Círculo. O *corpus* de análise desta pesquisa são os comentários publicados na postagem mencionada acima.

Existem, dentro do ambiente acadêmico e fora dele, muitos estudos que se dedicam a questionar, debater e confrontar discursos hegemônicos sobre o papel da mulher na sociedade. Graças às lutas do movimento feminista, o discurso patriarcal e machista, preponderante há tantos séculos, passou a ser enfrentado e colocado em questionamento, levando muitas pessoas a refletirem sobre o assunto.

Tem-se, atualmente, uma vasta produção bibliográfica que busca discorrer sobre as várias formas de violência contra a mulher, que configuram violência de gênero. A academia é um espaço de produção de conhecimento que possui como um dos seus objetivos refletir criticamente sobre as temáticas que atravessam a vida da população. Essas pesquisas acabam por aproximar e romper as barreiras da

universidade com a sociedade, permitindo que a produção de conhecimento atravessasse os muros universitários. Todavia, apesar da ampla produção a respeito da violência contra as mulheres em várias áreas do conhecimento, a desigualdade de gênero ainda permeia as relações sociais.

Não se espera que este trabalho realize uma mudança de pensamento na sociedade e o papel da maternidade deixe de ser atribuído às mulheres; o que se espera e se objetiva com este trabalho é que ele se una às demais produções acadêmicas sobre maternidade para continuar propondo reflexões e questionando a raiz de papéis pré-estabelecidos para as mulheres. Ademais, a presente pesquisa irá analisar os discursos propagados em plataformas de mídias sociais, espaços que possibilitam que os usuários se sintam livres para comentar e enunciar o que desejam, mostrando o que pensam e como dão sentido aos acontecimentos que vivenciam. As várias formas de violência contra a mulher fazem parte de uma construção social, e se elas podem ser construídas, também podem e devem ser desconstruídas. Se o que se pensa é resultado do modo como os acontecimentos são valorados, ou seja, do modo como ganham sentidos, expressos nos enunciados efetivamente produzidos, precisa-se, construir outros enunciados em que outras valorações (outros sentidos) sejam o reflexo de novas realidades, ao mesmo tempo em que refratam as novas formas de compreender o papel da mulher em relação à maternidade.

Não é possível ignorar a relação do pesquisador com seu objeto de pesquisa em um trabalho que se ancora nos pressupostos teóricos-metodológicos da Análise Dialógica do Discurso, uma vez que para a ADD essa relação nunca é neutra. Dessa forma, não apenas a grande repercussão do caso e o fato dele estar em foco no momento de escrita do pré-projeto de pesquisa motivou o trabalho. A pesquisadora em questão entende-se como mulher e foi, ao longo de toda vida, atravessada por discursos que a inserem em determinados papéis sociais, sendo um deles o da maternidade. No capítulo dedicado à metodologia de pesquisa, a relação do pesquisador com o seu objeto é mais debatida, porém, julga-se importante levantar esta questão já na introdução. Como será visto posteriormente, o pesquisador precisa tomar um certo distanciamento do seu objeto de pesquisa, no entanto, não há como existir um distanciamento por completo, já que o pesquisador é um ser social e é atravessado constantemente por seu horizonte avaliativo.

Com a finalidade de responder às perguntas de pesquisas propostas e de verificar se a hipótese coincide com a investigação e as análises que serão feitas, expomos a estrutura deste trabalho, organizado da seguinte maneira: No primeiro capítulo, intitulado “1. ‘corpo feminino *como* corpo materno’: a maternidade como o principal papel social desempenhado por uma mulher”, discutimos a questão da maternidade como uma obrigação para as mulheres, estando ele dividido em duas seções. A primeira, intitulada “1.1 Breve panorama a respeito da maternidade”, e a segunda “1.2 ‘O poder das palavras’ e os ‘sujeitos considerados como maus cumpridores de certos contratos sociais’ - violência simbólica e discurso intolerante”, buscamos dar conta da visão social que se tem da maternidade, bem como das noções de violência simbólica e de discurso intolerante.

Já no segundo capítulo de revisão teórica, intitulado “‘A língua, a palavra, são quase tudo na vida do homem.’ O Círculo de Bakhtin e sua percepção dialógica acerca da linguagem”, discorremos sobre alguns conceitos basilares do Círculo de Bakhtin pertinentes ao nosso estudo. Estes incluem a noção de relação dialógica, interação verbal, enunciado concreto, signo ideológico e valoração. Optamos por apresentar esses conceitos em um único texto, sem subdividi-los em seções separadas, já que estão interligados dentro da própria teoria.

No terceiro capítulo, intitulado “O caso, a publicação, o *corpus* e o método: a metodologia de pesquisa”, apresentamos a metodologia que nos guiou. Este capítulo está dividido em quatro seções, sendo a primeira intitulada “‘Imagina se tal colunista descobre essa história’: a exposição do caso Klara Castanho”, onde expomos o objeto que motivou a presente investigação. Na segunda seção, denominada “Por que a CARAS? Uma escolha justificável”, comentamos a respeito da publicação da qual os comentários-enunciados foram extraídos e justificamos sua escolha. A terceira seção, nomeada: “Como coletar um *corpus* tão grande? Os comentários-enunciados e o seu recorte”, onde explicamos como se deu a escolha dos dados. Por último, na quarta seção, denominada “‘A ênfase é a interseção’ - Descrição-análise-interpretação - Procedimentos metodológicos”, apresentamos os parâmetros analíticos que serão utilizados para dar sustentação às nossas análises. No nosso último capítulo, denominado: “‘A alma do compreendedor não é *tabula rasa*’ - análise de cinco comentários-enunciados”, apresentamos as nossas análises. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

1. “corpo feminino *como* corpo materno”: a maternidade como o principal papel social desempenhado por uma mulher

“Os valores de uma sociedade são por vezes tão imperiosos que têm um peso incalculável sobre os nossos desejos.”
(BADINTER, 1985)

Neste capítulo, discutimos a respeito da maternidade como uma imposição às mulheres tão enraizada na concepção social do gênero feminino que acaba tornando-a inquestionável, conferindo-lhe um caráter natural. Em outras palavras, dentro deste contexto, toda mulher, em algum momento da vida, irá se tornar mãe. A citação que dá título ao presente capítulo foi extraída do livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2023), da filósofa Judith Butler, que versa sobre o fato de que a principal característica atribuída ao corpo feminino se refere a sua capacidade de gerar uma criança.

Dessa maneira, julgamos pertinente dividir o capítulo em duas seções: na seção 1.1, discorreremos sobre como a mulher é vista na sociedade patriarcal, sobre as ondas do feminismo que muito contribuíram e contribuem para a mudança de paradigmas em relação ao papel esperado por ela, sobre o discurso acerca da maternidade como uma obrigação feminina e sobre o mito do amor materno. Já na seção 1.2, dissertamos em torno de dois conceitos que legitimam o discurso em torno da maternidade compulsória: violência simbólica e discurso intolerante.

1.1 Breve panorama a respeito da maternidade

Uma pesquisa realizada em 2023 pela Empresa Júnior da UVV (Ejuvv), da Universidade Vila Velha, no Espírito Santo, em parceria com o jornal A Tribuna, indicou que 45% das mulheres se sentem pressionadas a terem filhos. A pesquisa ainda mostrou que 23,7% delas afirmaram sentir-se pressionadas pela família, 11,2% pelo parceiro e 10,1% pela sociedade em geral. Embora o movimento feminista venha lutando há algum tempo para que a mulher tenha direito sobre o que fazer com o seu próprio corpo, elas ainda se sentem obrigadas a serem mães, sendo essa obrigação determinada pelo meio social, que todos os dias encontra diferentes maneiras de mostrar à mulher que o seu destino “óbvio” é a maternidade.

As primeiras manifestações de luta pelo direito das mulheres datam do ano de 1791, quando a intelectual francesa Marie Gouze, cujo pseudônimo era Olympe de Gouges, nos anos finais da Revolução Francesa, escreveu a *Declaração dos Direitos da Mulher* em resposta à *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*,

escrita em 1789. A *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* não considerava os direitos das mulheres e afirmava que o lema da Revolução - Liberdade, igualdade e fraternidade - garantia apenas liberdade para os homens, igualdade entre os homens e fraternidade apenas entre eles. O documento criado por Gouges possuía 17 artigos, nos quais a defensora das mulheres reivindicava o direito da mulher ao espaço público, para que ela pudesse possuir uma profissão e um trabalho, assim como os homens, além de lutar pelo direito ao voto feminino (Zybersztajn, 2009).

Contudo, a declaração de Olympe não foi considerada, e ela acabou sendo condenada à guilhotina. O ocorrido com Olympe de Gouges era o esperado devido ao contexto de uma Revolução que tinha como inspiração os ideais filosóficos de Jean-Jacques Rousseau, que afirmava que o homem devia ser forte e ativo, enquanto a mulher deveria ser fraca e passiva. Além disso, a Revolução tinha como um dos seus maiores representantes Napoleão Bonaparte, que afirmava que a mulher era propriedade do homem, e que ele não era propriedade dela. Mais ou menos na mesma época, a história também registrou as demandas da inglesa Mary Wollstonecraft, que publicou em 1792, após um ano da publicação das reivindicações da Gouges na França, um texto intitulado *Reivindicação dos direitos da mulher*, no qual exigia a inclusão da mulher na vida pública, dado que elas não eram vistas como cidadãs portadoras de direitos (Moraes, 2016).

A luta de Olympe de Gouges e de Mary Wollstonecraft pelo direito das mulheres a ocupar o espaço público, obtendo uma profissão assim como os homens e decidindo pelos governantes que iriam representá-las, embora não tenha sido ponderada pelo sistema que dominava na época, ecoou ao longo da história e mobilizou outras mulheres em prol do mesmo objetivo. Dessa maneira, o que passou a existir foram as “ondas do feminino”, termo utilizado para fazer referência a períodos de comoção feminista (Monteiro, Grubba, 2017).

A primeira onda do feminismo, também conhecida como “movimento sufragista”, impulsionada e estimulada por figuras como Gouges e Wollstonecraft, buscava o direito ao sufrágio feminino, ou seja, o direito ao voto, em meados de 1897. Neste momento, várias mulheres se uniram para exigir que as mulheres obtivessem participação ativa na política, possibilitando a elas a garantia de poder votar e serem votadas (Monteiro, Grubba, 2017).

É importante salientar que o movimento feminista de primeira onda de forma alguma abrangia todas as mulheres ou era experienciado por todas elas da mesma maneira. Este foi um movimento de participação de mulheres de maioria branca e de classe média, que possuíam escolaridade e que também lutavam por trabalho nas áreas em que haviam se formado. Todavia, se realizarmos um recorte de raça e de classe podemos observar que as mulheres brancas possuíam formação universitária e lutavam para trabalhar no que haviam estudado, no entanto não renunciavam a suas empregadas domésticas, que na maioria das vezes eram negras.

Segundo bell hooks¹ (2015, p. 197), “Ser oprimida significa ausência de opções.” A partir da citação da autora, podemos observar que mesmo as mulheres brancas sendo oprimidas por seus maridos, elas ainda possuem a opção de oprimir outros grupos, como as mulheres negras, por exemplo. Contudo, ainda assim, o movimento em questão foi legítimo e garantiu o direito ao voto a várias mulheres.

Os primeiros momentos dos movimentos feministas reivindicavam a participação das mulheres em espaços públicos e apontavam que esses espaços eram feitos por homens e para os homens, buscando revolucionar e mudar essa estrutura patriarcal. Todavia, ao direcionarem a atenção para o público, muitas feministas deixaram de questionar a maneira como as mulheres eram vistas dentro do ambiente privado. Friedrich Engels, em sua obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de 1844, elabora seu pensamento a respeito da divisão sexual do trabalho, isto é, a forma como o trabalho é distribuído entre homens e mulheres.

Não podemos falar de divisão sexual do trabalho sem antes citar a visão do filósofo Karl Marx sobre o trabalho. Segundo o autor, o trabalho é “uma condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana” (MARX, 2013, p. 167) Em outras palavras, na concepção de Marx, o trabalho é intrínseco ao ser humano, não sendo limitado a um período específico da história ou de certas estruturas sociais. Independentemente das diferentes maneiras como as sociedades se organizaram ao longo do tempo, o trabalho sempre permaneceu, fazendo parte de uma condição indispensável para a existência e sobrevivência da humanidade.

¹ A inicial do nome e do sobrenome da autora está em letras minúsculas porque é assim que ela os grifa.

De acordo com Engels (2010), nas sociedades primitivas não havia uma divisão rígida do trabalho baseada no gênero. As tarefas eram distribuídas de acordo com a capacidade e as necessidades da comunidade. No entanto, assim que a propriedade privada passou a ditar as relações, surgiu uma nova forma de divisão do trabalho, pautada no trabalho produtivo e no trabalho reprodutivo. Os homens ficaram com o trabalho produtivo enquanto as mulheres com o trabalho reprodutivo, sendo submetidas a uma posição de subalternidade na sociedade. Não há como falar a respeito do surgimento da propriedade privada sem falar a respeito da monogamia, uma forma de organização familiar que garantia a transmissão da propriedade privada através das gerações.

A segunda onda do movimento feminista ocorreu principalmente entre as décadas de 1960 e 1980 e abordou uma gama mais ampla de questões relacionadas à igualdade de gênero, diferentemente da primeira onda, que foi focada no sufrágio feminino. O contexto social e histórico em que emergiu a segunda onda foi marcado por algumas mudanças sociais, como o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos e os protestos contra a Guerra do Vietnã. Neste momento, as mulheres começaram a questionar e a desafiar as normas sociais tradicionais que limitavam suas oportunidades e liberdades. Algumas das pautas desse período são a luta pelo direito à igualdade salarial, a luta pelos direitos reprodutivos, o que inclui o acesso ao controle de natalidade e o direito ao aborto. Ademais, as feministas da segunda onda seguiram buscando maior representação política e igualdade de oportunidades. É neste momento que os papéis de gênero impostos pela sociedade também passaram a ser questionados por elas, bem como a ideia de que elas deveriam ter a possibilidade de realizar escolhas em suas vidas (Silva, Carmo, Ramos, 2021).

Muitas pensadoras fundamentais para o feminismo até a atualidade emergiram durante este período do movimento das mulheres, e uma delas foi a filósofa francesa Simone de Beauvoir. Em seu livro *O Segundo Sexo*, dividido em dois volumes intitulados *Fatos e Mitos* e *A experiência vivida*, publicado pela primeira vez em 1949, ela proferiu uma das frases mais conhecidas e citadas pelo movimento feminista:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto

intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro* (Beauvoir, 1967, p. 9).

A partir da citação acima, que inicia o capítulo denominado *A infância*, do segundo volume de sua obra, podemos observar que Beauvoir tinha como um dos seus objetivos debater a narrativa criada em torno da “natureza feminina”. Segundo ela, essa narrativa não passaria de uma construção social criada para colocar as mulheres em posição de subalternidade em relação aos homens, em posição de *Outro* e, como diz o próprio título de sua obra, de “segundo sexo”.

O lugar de *Outro* destinado à mulher, comentado por nós anteriormente na introdução deste trabalho, é empregado por Beauvoir para indicar que a mulher se constitui, se determina e se diferencia em relação ao homem. No entanto, o mesmo não ocorre de maneira inversa; o homem não se constitui e não se determina em relação a ela. Não há uma relação de completude ou troca entre ambos, o que, de acordo com a autora, leva a mulher a se posicionar nesse lugar sem questioná-lo. O consentimento da mulher a essa posição ocorre porque, nas palavras da autora:

O homem que constitui a mulher como um *Outro* encontrará, nela, profundas complicitades. Assim, a mulher não se reivindica como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de *Outro* (Beauvoir, 1970, p. 15, grifos da autora).

A visão da mulher como *Outro* não confere a ela um caráter de sujeito, assim como ao homem, uma vez que ela foi colocada nesse lugar principalmente devido a sua capacidade de gerar uma criança. Em tempos muitos remotos, não se compreendia completamente o que ocorria quando a mulher engravidava, o que colocava a mulher em uma posição mitológica. Nessa perspectiva, ela representava a Terra, a Mãe, a Deusa, ou seja, algo que transcende a humanidade, que não é humano e que não podia ser compreendido fora dessa esfera fantástica (Beauvoir, 1970).

De acordo com Estupiñán (2021, p. 45), “Os debates teóricos do movimento feminista da segunda onda focaram-se nos modos pelos quais as mulheres poderiam adquirir e usar o poder que lhes tinha sido negado historicamente pela sociedade patriarcal.” O poder almejado pelas mulheres na segunda onda, conforme a autora, refere-se a dois eixos específicos: o poder como dominação e o poder

como empoderamento. Não se pode falar de poder sem contextualizar como essa noção é vista por Foucault, que afirma que “o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada.” (Foucault, 1988, p. 89) Dessa maneira, o poder não está presente em instituições específicas, o poder está presente em todas as relações sociais.

Dentro desse movimento de segunda onda, o poder é visto como uma forma de oprimir e colocar em um lugar de subordinação tudo o que é relacionado ao feminino, característica fundamental de uma sociedade patriarcal. Essa estrutura coloca o homem em posição de superioridade e a mulher de inferioridade, em que as mulheres seriam vistas como “vítimas carentes de poder” (Castellanos, 2011, p. 39). Carentes de poder em dois sentidos: sem poder no sistema em que estariam inseridas, uma vez que ele privilegiava o homem em detrimento da mulher, e sem poder sobre si e seus próprios corpos, pois não podiam escolher o que gostariam de fazer com eles.

A segunda onda do feminismo teve um impacto na sociedade, contribuindo para mudanças significativas nas atitudes culturais e nas políticas públicas em relação às mulheres. Dessa forma, um marco na história das mulheres e que impacta diretamente na questão da maternidade é a criação da pílula anticoncepcional. A primeira pílula anticoncepcional aprovada para uso nos Estados Unidos foi o Enovid, em 1957.

Falar da criação da pílula anticoncepcional é necessário dentro de uma pesquisa que busca debater a questão da maternidade compulsória, uma vez que ela foi um marco na revolução sexual e na autonomia das mulheres sobre os seus próprios corpos, permitindo o controle da fertilidade e a escolha do momento para engravidar, caso seja do desejo da mulher. A pílula desempenhou um papel significativo na transformação da sociedade e nos direitos reprodutivos das mulheres.

As feministas de então, ao clamarem pela (re)apropriação do ventre materno – ‘nosso ventre nos pertence’, que significava, sobretudo, escolher a maternidade e o seu momento, ‘um filho se eu quiser, quando eu quiser’ – tratavam de assegurar o poder que lhes cabia na escolha da maternidade, na vivência da sexualidade, e no domínio de seus corpos. Afirmavam-se como sujeitos de sexualidade, de desejos, de diferenças, de direitos, de liberdade, já que o poder da maternidade lhes foi conferido biológica e historicamente (Scavone, 2010, p. 51).

A partir da citação acima, podemos observar que as feministas daquele período ao reivindicarem o direito sobre seus próprios ventres estavam buscando o poder de escolha sobre seus corpos e o que fazer com eles, algo marcante do feminismo de segunda onda, como vimos mais acima. A maternidade, que durante tanto tempo havia sido uma imposição para as mulheres, sem a possibilidade de escolha, começa a ser encarada como uma decisão possível para a mulher.

No que diz respeito à terceira onda do movimento feminista, é importante enfatizar que ela é caracterizada por uma diversidade de perspectivas e abordagens que destacam a importância de reconhecer as diferentes experiências das mulheres com base em raça, etnia, classe social, orientação sexual, entre outros fatores. Este é um momento em que se questionam as normas tradicionais de gênero e se procura desconstruir estereótipos que limitam as mulheres, incluindo desafiar as expectativas sociais em relação ao comportamento feminino e masculino, bem como questionar as noções binárias de gênero (Brito, 2021).

Há, ainda, uma quarta onda do movimento feminista, que revigora na sociedade até os dias atuais e apresenta características próprias. De acordo com Holanda (2018), o feminismo atualmente se apresenta de forma horizontal e coletiva, priorizando os feminismos das diferenças. Neste novo contexto de luta do movimento feminista, observa-se a ausência de uma figura específica que represente o movimento, pois agora prevalece a presença de várias figuras, inúmeras, que o representam e coexistem ao mesmo tempo. É importante destacar que a autora em momento algum afirma que nunca houve um feminismo ou uma tentativa de feminismo pautado na coletividade e na diferença. O que ela ressalta é que hoje em dia essa é a principal característica do feminismo, o que acabou contribuindo para a geração dessa onda. Ademais, este é um feminismo que possui um caráter mais descentralizado, desabrochando em países subdesenvolvidos, principalmente, conforme afirmam Soares, Mazzarino (2021).

As redes sociais marcam o feminismo de quarta onda. No Brasil, uma data que pode ser utilizada como referência é o ano de 2013, quando as ruas das maiores capitais e cidades do país foram tomadas de manifestantes que protestavam contra o aumento das passagens de ônibus. De forma gradativa, os espaços públicos foram tomados cada vez mais por pessoas que demonstravam indignação com os ajustes e aumentos nos preços do transporte público. Já neste

marco histórico dos movimentos sociais no país observava-se a ausência de um indivíduo como a “grande cara” do movimento.

Segundo Bogado (2018), passa-se a observar uma nova geração política que se organiza de formas diferentes de tempos atrás para lutar e reivindicar o que acredita, com linguagens e estratégias específicas. Esta nova geração, formada de muitos jovens, utiliza amplamente as redes sociais e outras plataformas digitais para mobilizar apoiadores, disseminar informações e pressionar autoridades. De acordo com a autora,

As redes sociais, nesse momento, não eram vividas apenas como veículo eficaz para a propagação de informações, mas lançaram também as bases desejadas para um novo tipo de organização política: uma democracia conectada, participativa, transparente (Bogado, 2018, p. 28).

O feminismo de quarta onda é marcado pelas trocas, visto que elas ocorrem tanto no mundo *off-line* quanto no mundo *on-line*, algo que não ocorria nas demais ondas do feminismo, sobretudo na primeira e na segunda, devido à ausência da internet e das redes sociais. A internet possibilita que informações sejam trocadas entre feministas de todos os lugares do mundo, possibilitando que laços sejam criados, removendo, mais uma vez, o caráter de centralização presente nos outros grandes momentos históricos que envolveram as lutas das mulheres.

Conforme Costa (2018),

O grau de autonomia da descentralização das redes abriu um vasto campo de estratégias inesperadas de mobilização e comunicação políticas. Entre elas, estão as perspectivas capazes de mobilizar a expressão individual, assim como a erosão parcial entre o público e o privado, que podem ser vistos como o cerne da criação de modulações mobilizadoras estimuladas pela estrutura das redes. A internet fornece ainda um modelo de plataforma de comunicação que permite a criação de um novo padrão organizacional articulado através da polinização cruzada, da consulta mútua e da retroalimentação (Costa, 2018, p. 44).

De acordo com a citação acima, o grau de autonomia da descentralização das redes permitiu a expressão individual, ou seja, a liberdade para que todas as pessoas possam compartilhar suas experiências e tomar a palavra dentro do movimento. Assim, a internet possibilita um intercâmbio maior de ideias, estimulando o diálogo.

Como exemplo da expressão individual, uma marca do feminismo de quarta onda, temos a *hashtag* #PrimeiroAssédio, que surgiu a partir de uma campanha que se originou após a participante do MasterChef Júnior, Valentina Schulz, de apenas doze anos, ser vítima de comentários pedófilos e machistas nas redes sociais. Essa *hashtag* foi criada pelo Think Olga, uma Organização não-governamental (ONG) que tem como objetivo lutar por um mundo mais digno para as mulheres, tanto do Brasil quanto do mundo. Dessa maneira, a *hashtag* começou a ser utilizada para que mulheres pudessem denunciar a primeira vez que passaram por um assédio em suas vidas (Costa, 2018).

No entanto, apesar de uma das principais características do feminismo de quarta onda ser dar voz a mulheres de grupos que muitas vezes não eram ouvidas ou até mesmo inseridas nas pautas do feminismo de primeira, segunda e terceira onda, ele ainda não chega a todas as mulheres (Soares, Mazzarino, 2021). Uma parte significativa da sociedade atualmente possui acesso à internet e aos meios de informação. Através de um clique, somos apresentados a lugares diferentes, informações novas, dentre tantas outras coisas que a internet nos possibilita. Todavia, por essa ser a realidade desta pesquisadora e muito provavelmente da maioria dos leitores desta dissertação, já que não poderíamos acessá-la se não fosse de forma *on-line*, muitas vezes não percebemos que essa é uma ferramenta distante para outra parcela da sociedade.

Se partirmos de um recorte brasileiro, uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), intitulada Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), apontou que, em 2022, a região com maior percentual de pessoas utilizando a internet era a Centro-Oeste, com 96,6%, e a menor era a área rural, com 72,7%.

Outro ponto negativo que vale a pena ser ressaltado é que muitas páginas e conteúdos elaborados *on-line* com a intenção de disseminar informações sobre feminismo muitas vezes acabam atingindo sempre as mesmas pessoas e não são entregues a outras que desconhecem de tais informações, o que limita a expansão do movimento. Isso ocorre porque a distribuição pode acabar acontecendo em microbolhas, onde a informação circula sempre entre os mesmos usuários (Soares, Mazzarino, 2021).

No que diz respeito à militância feita na internet através das *hashtags*, temos o exemplo da campanha #EuEmpregadaDoméstica, que carrega o pronome pessoal

“eu”, marcando o espaço de individualidade, onde cada mulher pode compartilhar as suas experiências. Essa hashtag foi criada e começou a circular nas redes sociais em 2016 pela rapper, professora, historiadora, feminista e, sobretudo, ativista brasileira Joyce da Silva Fernandades, também conhecida como Preta-Rara. Ela foi criada com a intenção de compartilhar abusos sofridos por mulheres empregadas domésticas em seu ambiente de trabalho. Contudo, vale a pena ressaltar que não é necessariamente o caso de que cada mulher que sofreu abuso irá expor seu nome e contar o seu relato. O que aconteceu, nessa situação e no uso de outras *hashtags*, é que muitas mulheres, com medo de se expor, enviavam seus relatos para outras mulheres, que os compartilhavam, sem tirar a individualidade de cada um deles. Todavia, diferentemente das outras *hashtags*, essa não foi tão difundida, o que, de acordo com Costa (2018, p. 52), “relativiza a aparente horizontalidade das redes, que não são uma tábula rasa independente das relações de poder *off-line*.”

Outro questão importante a ser debatida é a possibilidade que a internet deu de amplificar os discursos de ódio que, anteriormente, já eram dirigidos às feministas, criando novas possibilidades de disseminação (Soares, Mazzarino, 2021). Assim, não há barreiras no mundo virtual, e essas não barreiras permitem que esses discursos atinjam um público mais amplo. Muitas vezes, esses discursos são proferidos sob o manto do anonimato, o que encoraja a propagação de mensagens agressivas e misóginas.

Outrossim, também existem os “trolls”, ou melhor, usuários que criam perfis anônimos para encaminhar mensagens maldosas e, por vezes, criminosas às pessoas e, nesse caso, às feministas, tornando a experiência delas na internet mais desafiadora. Dessa forma, assim como a internet possibilitou a criação de páginas feministas com a intenção de disseminar conteúdo sobre a temática, a partir de diferentes pontos de vista, também facilitou a formação de comunidades que se opõem a luta feminista. Tais comunidades se organizam de forma mais eficiente e, assim, acabam potencializando seus ataques.

Como vimos mais acima, essa é uma onda feminista que abarca os países subdesenvolvidos. Essa onda nos leva ao feminismo decolonial, aquele “tipo” de feminismo que abrange os feminismos subalternos, contra-hegemônicos, pós-coloniais, negro, comunitário e indígena. Vale a pena, antes de dar sequência, abriremos um parênteses a respeito do que significa utilizar o termo decolonial, uma vez que poderia ser utilizado “descolonial”. Esse feminismo surgiu a partir do livro

Colonialidad y género (2008), de autoria da filósofa argentina María Lugones. De acordo com Castro (2020, s/p), a preferência pelo termo decolonial se dá pelo fato de que o termo “descolonial” pode indicar se livrar de uma determinada situação, neste caso, o colonialismo, e, em suas palavras “talvez retornar a uma situação sem o contágio da opressão colonial”, por isso a preferência por decolonial, pois segundo ela compreende que “não é possível desfazer-nos das marcas do colonialismo” (Castro, 2020, s/p).

As representantes do feminismo decolonial são intelectuais não-brancas que se propõem, de acordo com Castro (2020), a denunciar

o racismo de gênero e a forma como a geopolítica do conhecimento silencia as vozes das intelectuais e dos intelectuais subalternos, isto é, todas as pessoas não brancas, indígenas, negras, chicanas, latinas, asiáticas, afrodescendentes, mestiças, imigrantes, e as vozes de sexualidade dissidente, pessoas transexuais, gays e lésbicas dos países periféricos do capitalismo (antes chamados de países do terceiro mundo, em desenvolvimento) (Castro, 2020, s/p).

Como podemos observar a partir da citação acima, um conceito importante dentro do feminismo decolonial é o de “geopolítica do conhecimento”. Esta noção consiste em algo que foi imposto a todos os países do globo, ou seja, uma epistemologia hegemônica, que se baseia em categorias modernas universais de pensamento. Essa geopolítica do conhecimento se refere aos países centrais do capitalismo, bem como os países do continente europeu e os Estados Unidos. Essa imposição acaba resultando na marginalização e na subordinação dos países do Sul Global, desconsiderando a riqueza e a diversidade de tais culturas.

O feminismo decolonial critica a narrativa eurocêntrica e questiona a invisibilização das contribuições e resistências de povos minoritários. Dessa forma, o feminismo decolonial afirma que a colonização não foi um evento singular e distante, mas sim um processo contínuo cujos efeitos podem ser sentidos até hoje em diversas esferas da vida pública e privada, manifestando-se em forma de desigualdades estruturais e em práticas racistas e discriminatórias que estão enraizadas na sociedade.

Outra crítica feita pelo feminismo decolonial diz respeito a identidade universal de “mulher” posta por aquele feminismo europeu-americano que tinha como centro a libertação das mulheres da opressão patriarcal. Nas palavras de Castro (2020, s/p),

Da mesma forma que o conceito universal moderno de ser humano - ou de natureza humana, definida com base no modelo europeu de racionalidade (autonomia moral e razão instrumental) - serviu para legitimar a submissão dos povos não europeus à invasão colonial, cultural e econômica, também pode-se dizer que o conceito universal de “mulher” serviu para ocultar outras formas de opressão, como a de raça e a de classe (Castro, 2020, s/p)

Conforme colocado pela citação acima, da mesma forma que o discurso hegemônico criou um conceito universal de “ser humano”, o discurso feminista também criou um modelo universal de “mulher” que seria representante do feminismo. Todavia, este modelo universal de “mulher” ignora as diversas experiências e opressões enfrentadas por mulheres de diferentes raças, classes sociais etc.

Na mesma seara da questão da “mulher” dentro do movimento feminista, a feminista e intelectual estadunidense Judith Butler, em seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003), condena duramente a noção de sujeito do feminismo posta por ele. De acordo com a autora, indicar “mulheres” como sujeitos do feminismo “tornou-se um termo problemático, um ponto de contestação, uma causa de ansiedade.” (Butler, 2023, p. 20) Segundo Butler, fortemente influenciada pela teoria foucaultiana, a mulher como sujeito do feminismo nada mais é que uma construção discursiva delimitada pelo sistema de poder dominante.

Assim, o sujeito feminista se revela discursivamente constituído, e pelo próprio sistema político que supostamente deveria facilitar sua emancipação, o que se tornaria politicamente problemático, se fosse possível demonstrar que esse sistema produz sujeitos com traços de gênero determinados em conformidade com um eixo diferencial de dominação, ou os produz presumivelmente masculinos. Em tais casos, um apelo acrítico a esse sistema em nome da emancipação das “mulheres” estaria inelutavelmente fadado ao fracasso (Butler, 2023, p. 19).

A citação acima aborda a ideia de como o sujeito feminista é construído discursivamente, influenciado pelo próprio sistema político que deveria promover a

emancipação das mulheres. A questão central é que, se for possível demonstrar que esse sistema político produz sujeitos com características de gênero específicas, alinhadas a uma hierarquia de dominação, ou os produz presumivelmente masculinos, então um apelo acrítico a esse sistema em nome da emancipação das mulheres seria inevitavelmente condenado ao fracasso. A crítica aqui está relacionada à possibilidade de que o sistema político, mesmo quando aparentemente comprometido com a emancipação das mulheres, reproduza e reforce normas de gênero estabelecidas socialmente. Se o sistema está moldando os sujeitos de maneira que reproduzam desigualdades de gênero ou promovam uma visão presumivelmente masculina, apelar acriticamente a esse sistema como meio de emancipação seria problemático.

Essa visão de sujeito do feminismo, para Butler (2023), cria e representa ele como estático, sendo esta uma crítica central na teoria elaborada pela autora. Ademais, Butler também critica noções teóricas que separam sexo de gênero, colocando o sexo como de natureza biológica e o gênero como de natureza social e histórica, logo, construída. Butler (2023) diz que antes mesmo de nascer, ao saber o sexo do bebê, todo um universo do que esperar dele é criado a partir dessa informação, sendo assim, o próprio sexo já é gênero dentro da concepção da autora. Tudo o que é esperado pelas pessoas a partir do seu sexo biológico constituem o que ela chama de “atos performativos”.

Butler critica a visão de corpo materno da teórica Julia Kristeva, que o vê como “portador de um conjunto de significados anteriores à própria cultura” (Butler, 2023, p. 143). A crítica de Butler à teoria de Kristeva gira em torno do fato que a autora não considera o corpo materno como uma construção cultural, onde sua percepção pode variar de cultura para cultura. Butler (2023) afirma que esta visão de Kristeva é, na verdade, uma visão do corpo materno cultural resultante de um discurso histórico já estabelecido, que reforça uma visão naturalista da maternidade e não a enxerga como parte de uma construção social. Essa noção do corpo materno defendido por Kristeva reforça, nas palavras de Butler, a “instituição da maternidade como sendo compulsória para as mulheres” (Butler, 2023, p. 163).

Embora ultimamente se perceba uma crescente nas discussões sobre a maternidade, principalmente por conta do feminismo, o meio midiático, por exemplo, ainda é um dos responsáveis por difundir a romantização da maternidade e o mito do amor materno. De acordo com Silva, Aranha (2020, p. 68),

Romantizar quer dizer tornar o fato mais romântico, doce ou agradável. No universo feminino, podemos perceber falas como “parem de romantizar a mulher”, abrindo discussão para o fato de que não somos diferentes dos homens: podemos falar alto, podemos não querer vivenciar o casamento e a maternidade. Então, ouvimos muito a frase: ‘Parem de romantizar a maternidade’ como um pedido para que a sociedade mude o foco das matérias a esse respeito, ou que, pelo menos, admita que exista outro lado da maternidade que não aparece com frequência nas capas de revista (Silva, Aranha, 2020, p. 68).

Propagandas, sobretudo aquelas desenvolvidas por empresas em datas comemorativas como o Dia das Mães, apresentam a maternidade de forma idealizada, nas quais as mães estão sempre felizes, conseguindo gerenciar jornadas de trabalho fora de casa e dentro dela com o marido e os filhos, por exemplo (Silva, Aranha, 2020).

Também há uma romantização da gestação, ignorando todas as dificuldades encaradas pela mulher neste período, como, por exemplo, mudanças no corpo. No que diz respeito ao pós-parto, este também é romantizado pela sociedade, a qual desconsidera as dificuldades encaradas pela mulher na amamentação, além da pressão para que ela recupere rapidamente o corpo que tinha antes da gravidez, reforçando padrões de beleza (Silva, Aranha, 2020).

Algo ainda pouco comentado na sociedade é a questão da depressão pós-parto. Uma pesquisa realizada pela *Factors associated with postpartum depressive symptomatology in Brazil: The Birth in Brazil National Research Study, 2011/2012*, desenvolvida pela pesquisadora Mariza Theme, da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp/Fiocruz) aponta que, em cada quatro mulheres, mais de uma delas apresenta sintomas de depressão no período de 6 a 18 meses após o parto. Acredita-se que a depressão pós-parto ainda não é muito debatida na sociedade justamente devido ao fato enraizado do amor materno como algo inato à mulher, quando na verdade não é dessa forma. Badinter (1985) afirma que o amor materno é um sentimento como qualquer outro, que pode ou não existir. Para a autora,

o amor materno existe desde a origem dos tempos, mas não penso que exista necessariamente em todas as mulheres, nem mesmo que a espécie só sobreviva graças a ele. Primeiro, qualquer pessoa que não a mãe (o pai, a ama etc.) pode ‘maternar’ uma criança. Segundo, não é só o amor que leva a mulher a cumprir seus ‘deveres maternos’. A moral, os valores sociais, ou religiosos, podem ser incitadores tão poderosos quanto o desejo da mãe (Badinter, 1985, p. 17).

As mulheres que escolhem não ter filhos geralmente enfrentam um estigma social, o que gera uma pressão social para que elas sigam o papel tradicional de mãe, e aquelas que optam por não seguir esse papel podem ser vistos como "anormais" ou "egoístas", enfrentando julgamento de pessoas próximas que possuem visões tradicionais sobre o papel das mulheres na sociedade.

A maternidade compulsória está tão enraizada na sociedade que a mulher que opta por não assumir esse papel é questionada a respeito da sua fertilidade, uma vez que ser mãe é algo tão naturalizado e colocado como inato pela sociedade que a mulher que não o exerce só pode sofrer de algum problema de saúde que não permite que esse papel se realize. Também há um discurso de que a mulher que é mãe nunca estará sozinha e que ao experienciar o amor materno jamais sentirão nada perto de tal sentimento, estando essas mulheres "completas" de verdade.

Um dos usos é pressioná-lo contra as têmeoras das mulheres, ou seja, usar o arrependimento como uma arma cujo objetivo é ameaçar, acuar, alinhar e regular, assegurando-lhes que certamente vão lamentar se fizerem um aborto, uma vez que devem estar intrinsecamente conectadas a sua gravidez devido ao desejo inato de ser mães (Donath, 2017, p. 76).

A citação acima nos diz que uma das estratégias para forçar mulheres a serem mães é injetar nelas a ideia de arrependimento que pode surgir pela "não maternidade". O arrependimento é um sentimento humano e diante desses contextos pode ser usado como uma forma de pressionar mulheres que optam por não ter filhos.

Ao mesmo tempo, as mulheres que acabam optando pela maternidade influenciadas pelos discursos dominantes em torno do mito do amor materno, ao observarem que a maternidade, na prática, não é como o romantizado pela sociedade, acabam desenvolvendo sentimentos de culpa e frustração, uma vez que não experienciam a maternidade da forma como ela foi demonstrada para elas, achando que o problema está nelas em seus papéis como mães, sem enxergar que esse ideal de maternidade não existe na realidade (Tourinho, 2006).

Não podemos deixar de citar a influência que o discurso médico tem como reprodutor da maternidade compulsória. Embora a história da opressão das mulheres tenha registrado uma evolução com o surgimento dos métodos contraceptivos, a medicina ainda possui um poder na decisão das mulheres pela

maternidade. O aborto, no Brasil, por exemplo, só é permitido em três casos específicos: quando a gravidez garante risco de vida para a pessoa que está gestando, quando a gravidez é resultado de uma violência sexual e quando o feto apresenta anencefalia. Em outros países do mundo, como a Argentina, por exemplo, o aborto é permitido até a 14ª semana de gestação. No objeto de pesquisa que motivou este trabalho, a vítima relatou em sua carta aberta publicada em seu *Instagram* que o médico a fez escutar o coração do bebê, disse que 50% do DNA do bebê era dela e que ela deveria amá-lo por isso. A atitude do médico que atendeu a atriz Klara Castanho mostra que não importa como a criança foi concebida e sim que a mulher deve ser mãe em qualquer contexto, visto que este é o destino dela.

1.2 “O poder das palavras” e os “sujeitos considerados como maus cumpridores de certos contratos sociais” - violência simbólica e discurso intolerante

Como vimos anteriormente, os papéis sociais atribuídos às mulheres sempre foram inferiores aos destinados aos homens, sobretudo no Ocidente. Muitos estudiosos discutem essa divisão entre os gêneros, sendo que um deles, ao observar essas diferenças, estabelece um conceito que é de grande interesse para esta pesquisa: o de violência simbólica.

Pierre Bourdieu, sociólogo francês, desenvolveu sua percepção a respeito da forma de organização social na qual às mulheres são atribuídos papéis sociais de inferioridade, enquanto aos homens são conferidos papéis de superioridade, ao realizar uma pesquisa etnológica observando o povo berbere, nativo da Calíbia, região de montanhas próxima à Argélia. De acordo com Bourdieu (2022), a escolha pela análise realizada na Cabília é justificável, dado que esta região mantinha uma tradição mediterrânea compartilhada pela região europeia, e por isso a forma de organização observada lá se repetiria em outros lugares.

Ao estudar a forma de vida dos membros do povo berbere, o sociólogo percebeu uma forma de organização androcêntrica, na qual o homem, enquanto gênero masculino e não “homem” com “H” (termo frequentemente utilizado para referir-se ao ser humano), ocupava o centro organizador da comunidade, enquanto a mulher estava em uma posição de subalternidade dentro dessa perspectiva de mundo masculina.

Arbitrária em estado isolado, a divisão das coisas e das atividades (não necessariamente sexuais) segundo a oposição entre o masculino e o feminino recebe sua necessidade objetiva e subjetiva de sua inserção em um sistema de oposições homólogas, alto/baixo, em cima/embaixo, na frente/atrás, direita/esquerda, reto/curvo, seco/úmido, duro/mole, temperado/insosso, claro/escuro, fora (público)/dentro (privado) etc. (Bourdieu, 2022, p. 21).

O que Bourdieu está afirmando, a partir da citação acima, é que ao observar essa comunidade, ele identificou uma forma binária de tratar as relações entre o feminino e o masculino, sempre com dois elementos de oposição, como os demonstrados neste trecho. O autor traz esses exemplos para mostrar que as divisões entre homem e mulher se dão dessa forma, como dois sistemas diferentes que se complementam e se sustentam. Essas divisões binárias, segundo ele, são impostas de forma naturalizada, sendo inscritas em um “sistema de diferenças, todas igualmente naturais em aparência; de modo que as previsões que elas engendram são incessantemente confirmadas pelo curso do mundo” (Bourdieu, 2022, p. 22). Essas diferenças que são colocadas em posição de equivalência e de complementaridade são postas como inevitáveis, já que dentro dessa dinâmica da naturalização elas não teriam como ser evitadas (Bourdieu, 2022).

De acordo com o autor, a naturalização da dominação masculina ocorre de forma simbólica (Bourdieu, 2022). Contudo, antes de apresentarmos as definições de violência simbólica para ele, é fundamental discutirmos a respeito da noção de poder simbólico, termo que antecede a ideia de violência simbólica por ele cunhada. Assim como a dominação masculina, Bourdieu elaborou sua tese sobre o poder simbólico ao observar uma escola particular localizada em Chicago, nos Estados Unidos. O poder, como já havia dito Foucault, está em toda parte, no entanto, segundo Bourdieu (1989, p. 7-8),

É necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (Bourdieu, 1989, p. 7-8).

Conforme a citação acima, o poder simbólico não é “óbvio”, e para compreendê-lo, é necessário buscar onde ele não está explicitamente visível, ou seja, onde se crê não haver poder algum atuando. Em outras palavras, é essencial

explorar os domínios em que se acredita não haver qualquer manifestação de poder, pois é precisamente nessas lacunas que esse tipo de poder se revela.

Bourdieu identificou diversos sistemas simbólicos, dentre os quais se destacam a arte, a religião e a língua, por exemplo. Para nós, nos interessa versar a respeito da língua como um sistema simbólico de perpetuação do poder simbólico. O foco dado à língua como sistema simbólico neste trabalho se justifica pelo fato de que estamos inseridos em uma pesquisa científica que busca observar os discursos proferidos a uma mulher que abdicou do papel social da maternidade imposto a ela. Como veremos mais adiante, no capítulo dedicado à teoria bakhtiniana, a língua é muito além do que ela representa em seu plano linguístico.

A questão ingênua do poder das palavras está logicamente implicada na supressão inicial da questão acerca dos usos da linguagem e, por conseguinte, das condições sociais de utilização das palavras. Desde o momento em que se passa a tratar a linguagem como um objeto autônomo, aceitando a separação radical feita por Saussure entre a lingüística interna e a lingüística externa, entre a ciência da língua e a ciência dos usos sociais da língua, fica-se condenado a buscar o poder das palavras nas palavras, ou seja, a buscá-lo onde ele não se encontra (Bourdieu, 1996, p. 85).

A citação nos mostra que buscar o poder puramente na utilização das palavras é buscar por algo e saber que não irá encontrá-lo, uma vez que ele está para além delas. O poder da língua não pode ser plenamente compreendido apenas através da análise linguística isolada, sendo necessário explorar as dimensões sociais e os contextos nos quais as palavras são empregadas para, assim, compreendê-las.

Bourdieu (2022) atenta para os possíveis equívocos que a utilização do termo “violência simbólica” pode ocasionar. Segundo o autor, falar a respeito da violência simbólica pode vir a possibilitar a interpretação de que ela é mais importante do que a violência física ou, ao mesmo tempo, ao caracterizá-la como simbólica, ela pode ser vista sem implicações na realidade de fato, como a violência física nos mostra, por exemplo.

A dinâmica da violência simbólica, na visão do autor, ocorre a partir da relação do dominado com o dominante, do “acordo” que essa estrutura dominante estabelece entre eles para que ela ocorra. Tal acordo consiste em o sujeito dominado aceitar e aderir às estruturas de poder impostas pelo dominante. Essa

negociação ocorre quando o dominado não tem os meios para questionar ou pensar criticamente sobre a dominação que está sendo exercida sobre ele (Bourdieu, 2022).

Outro conceito que julgamos importante abordar nesta seção é o conceito de discurso intolerante, com base na definição da pesquisadora brasileira Diana Luz Pessoa de Barros. Segundo Barros (2009), o discurso intolerante é dirigido a atores sociais que não teriam cumprido as expectativas da sociedade em relação a eles. Na visão da autora, há um contrato social, e o agente em questão não cumpriu o que esse contrato exigia dele, o que justificaria o surgimento de determinados discursos. Barros (2009) afirma que neste tipo de narrativa há a figura do destinador e do destinatário, e o discurso intolerante marca uma ruptura entre eles. As pessoas, ou seja, os sujeitos que não cumpriram com o esperado por eles, passam a ser percebidos como “maus atores sociais, maus cidadãos - pretos ignorantes, maus usuários da língua, índios bárbaros, judeus perigosos, árabes fanáticos, homossexuais promíscuos” (Barros, 2016, p. 8).

Uma característica destacada pela autora que está presente nos discursos intolerantes são as paixões. A paixão, dentro do contexto apresentado por Barros, não pode ser compreendida a partir do senso comum. Barros desenvolve sua visão sobre as paixões nos discursos intolerantes com base no que o linguista Greimas elabora em sua pesquisa sobre a cólera. Existe um percurso passional, que começa inicialmente com o intuito de que o destinatário irá cumprir o que se imagina; ou seja, esse primeiro momento é marcado pela expectativa. Logo depois, ao perceber que o destinatário não realiza o esperado, o sujeito que espera se frustrará e ficará decepcionado (Barros, 2009). Posteriormente, ele passará a desejar prejudicar esses sujeitos que quebraram as expectativas criadas por ele, gerando o que Barros chama de “paixões malevolentes”. Nas palavras da autora, “as paixões malevolentes variam de intensidade - antipatia, irritação, raiva, ódio - e são as que caracterizam, no domínio público, a xenofobia, por exemplo.” (Barros, 2009, s/p).

Todavia, conforme destacado por Barros (2009), o sujeito apaixonado, ao mesmo tempo que sente a paixão malevolente, também sente a paixão benevolente, aquela que seria contrária a tudo aquilo que está presente no sujeito que não cumpre com o esperado por ele socialmente. O sujeito que pune o outro porque este o frustra é o sujeito do “amor à pátria, à sua língua, ao seu grupo étnico, aos de sua cor, à sua religião” (Barros, 2009, s/p).

Há duas fases que marcam os percursos passionais do ódio. A primeira fase já foi abordada anteriormente e refere-se às paixões malevolentes e benevolentes, sendo ela conhecida como a fase do preconceito. A segunda fase seria a da intolerância ou da discriminação; nessa fase, o sujeito preconceituoso não “guarda” seus preconceitos e os escancara, passando do âmbito emocional para a o âmbito da ação concreta (Barros, 2016). Ademais, os discursos intolerantes relacionam-se diretamente com outros discursos que permeiam a sociedade. De acordo com Barros (2009, s/p), examinar essas relações com outros discursos “complementa a determinação do quadro de valores em que o discurso intolerante se insere e sua determinação sócio-histórica.”

Neste capítulo, desenvolvemos a questão do papel da maternidade como um papel fortemente atribuído às mulheres. Além disso, teorizamos sobre a violência simbólica e o discurso intolerante, dois tópicos importantes para o nosso trabalho. No próximo capítulo, apresentamos a Análise Dialógica do Discurso e alguns conceitos que acreditamos ser fundamentais para esta pesquisa.

2. “A língua, a palavra, são quase tudo na vida do homem.” O Círculo de Bakhtin e sua percepção dialógica acerca da linguagem

“A palavra quer ser ouvida, compreendida, respondida e quer, por sua vez, responder à resposta, e assim *ad infinitum*.”
(Bakhtin, 2003)

Conforme apresentado nos objetivos, este trabalho se propõe a analisar a valoração nos comentários-enunciados publicados em uma plataforma de rede social que julgam a atitude de uma mulher de renunciar o papel de mãe, bem como apontar o discurso intolerante presente neles. Tais análises serão realizadas com intuito de compreender e apreender os sentidos e como eles produzem discursos intolerantes que contribuem para a propagação da ideia de que a maternidade é uma característica inata à mulher. Desta maneira, com vistas a alcançar este objetivo, faz-se fundamental teorizar acerca da Análise Dialógica do Discurso e seus conceitos basilares, dado que ela é a vertente discursiva escolhida para ancorar a pesquisa.

A Análise Dialógica do Discurso (ADD) surgiu como teoria no Brasil em 2006, sobretudo após a publicação do livro *Bakhtin: Outros Conceitos-chave*, organizado pela pesquisadora Beth Brait, no qual ela escreve um capítulo intitulado *Análise e teoria do discurso* e estabelece a ADD como uma nova teoria discursiva ancorada nos estudos da linguagem do Círculo de Bakhtin.

Embora o foco deste capítulo seja apresentar noções da ADD essenciais à pesquisa, é conveniente salientar que o Círculo de Bakhtin era um “grupo” de intelectuais que se reunia para discutir questões filosóficas, linguísticas etc., a partir de diferentes perspectivas, na Rússia do início do século XX. A palavra “grupo” foi usada entre aspas visto que o Círculo não era, de forma alguma, uma organização estática (Clark, Holquist, 1998). No entanto, devido à grande contribuição teórica, Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pável Medvedev destacam-se como os nomes mais reconhecidos, embora seja importante mencionar que ele contou com a colaboração de muitos outros estudiosos.

Uma busca, por exemplo, em repositórios *on-line* nos mostrará que o Círculo de Bakhtin é utilizado como base teórica-epistemológica em trabalhos que se

propõem a analisar dialogicamente discursos compartilhados em diversas esferas sociais. Todavia, é importante enfatizar que Bakhtin começou suas análises tendo como objeto obras literárias, uma vez que o teórico vivia em um dos momentos de maior repressão da história da União Soviética. Compunham o *corpus* de análise do autor os livros do também russo Fiódor Dostoiévski e do francês François Rabelais. Entretanto, é com o livro *Problemas da obra de Dostoiévski*, publicado pela primeira vez em 1929 e reeditado e publicado novamente, em 1963, com o nome *Problemas da poética de Dostoiévski*, que Bakhtin ficou famoso por estabelecer o caráter dialógico da linguagem.

À vista disso, apesar da importância do breve panorama a respeito do Círculo de Bakhtin demonstrado acima, o foco central do capítulo é discorrer a respeito de alguns conceitos que permeiam a teoria bakhtiniana e que são fundamentais para a presente pesquisa. Alguns conceitos são trabalhados em obras do Círculo e outros foram percebidos e desenvolvidos por estudiosos no Brasil. Dessa forma, os conceitos que serão mobilizados e apresentados são os de **relação dialógica**, **interação verbal**, **enunciado concreto**, **signo ideológico**, e, por último, o conceito de **valorção**, foco central do nosso trabalho. Para a escrita do capítulo são utilizadas como respaldo teórico, principalmente, as obras de autoria do Círculo traduzidas para o português e os textos de seus comentadores brasileiros.

Antes de iniciarmos nossas considerações a respeito dos conceitos que permeiam a filosofia da linguagem elaborada pelo Círculo de Bakhtin e que são pertinentes para esta pesquisa, é necessário demonstrar em qual contexto eles surgiram. As discussões que ocorriam dentro do Círculo sobre a linguagem criticavam duas tendências filosóficas dominantes no começo do século XX que precederam suas observações e protagonizaram os estudos da linguagem por muito tempo: o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato.

O subjetivismo individualista tinha como principais expoentes o cientista alemão Wilhelm von Humboldt (1767-1835) e o filólogo alemão Karl Vossler (1872-1949). Essa vertente era marcada por uma ideia de que a linguagem era fruto da mente humana, um movimento que partia do interior, ou seja, de dentro, para o exterior, para fora. Determinada tendência integra uma teoria da expressão, isto é, para ela, tudo que é expresso pelo sujeito ocorre de dentro para fora. Segundo Volóchinov (2018), para o subjetivismo individualista tudo que é essencial se

encontra no interior e o exterior só pode ser visto como essencial ao ser transmutado para o interior.

Já a segunda tendência do pensamento filosófico-linguístico, o objetivismo abstrato, que tem como principal representante o linguista e filósofo suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), contrariamente ao subjetivismo individualista, enxerga a língua como um sistema de signos e regras acabado. Esse sistema é inculcado aos indivíduos, ou seja, nos usuários da língua, que não podem interferir nem modificar (Silva, Leite, 2013).

Embora Volóchinov (2018) considere e concorde com alguns pontos levantados por ambas as vertentes mencionadas, discorda totalmente em tantos outros. Segundo o autor, a primeira tendência, a que se refere ao subjetivismo individualista, estaria equivocada ao colocar o interior em detrimento do exterior, uma vez que, para ele, o interior só existe em função do exterior. O estudioso argumenta que “o centro organizador e formador não se encontra dentro (isto é, no material dos signos interiores), e sim no exterior. Não é a vivência que organiza a expressão, mas ao contrário, a expressão organiza a vivência” (Volóchinov, 2018, p. 204). Considerando essa visão, a escrita do presente texto partiria do pensamento, da psique da pesquisadora e assim se projetaria para o exterior. Todavia, para a teoria bakhtiniana, determinada pesquisa se desenvolve precisamente por conta do mundo exterior.

No que tange à segunda tendência, ela é criticada pelo Círculo devido a sua natureza de abstrair o caráter social da língua, sem levar em conta a interação. As críticas esboçadas por Volóchinov (2017) são desenvolvidas a partir das dicotomias de Saussure, sobretudo a partir da dicotomia língua X fala. A língua, tomada a partir de um sistema abstrato de signos, retirada de contexto, pode interessar apenas à linguística (como veremos de forma mais detalhada adiante). O Círculo de Bakhtin não ignora a importância da linguística, mas localiza a língua em outro lugar, aquele que o considera o sujeito e o contexto de interação, ou seja, o todo social que a envolve.

A partir das críticas do Círculo às duas tendências demonstradas acima, podemos visualizar a maneira como eles concebem a língua. Os integrantes do Círculo estudaram o que é defendido por cada uma dessas linhas de pensamento e foi a partir desses estudos que eles apresentaram uma nova perspectiva para os estudos da linguagem. Após suas considerações sobre as duas tendências na obra

Marxismo e Filosofia da Linguagem, Volóchinov resume a sua concepção (bem como a do Círculo) ao enfatizar que:

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados (Volóchinov, 2018, p. 218-219).

Dessa forma, através da citação acima, podemos compreender que, para o Círculo de Bakhtin, a verdadeira realidade da língua não consiste na visão dela como um sistema isolado, cheio de regras a serem seguidas, nem na visão dela como uma atividade puramente individual, mas sim em um processo social que se desenrola quando as pessoas interagem através de enunciados. Essa visão enfatiza a importância do contexto social na compreensão da linguagem, sendo a interação discursiva “a realidade fundamental da língua” (Volóchinov, 2018, p. 219).

Sendo assim, partindo das críticas feitas pelo Círculo às duas tendências que dominavam naquela época, iniciamos a exploração dos conceitos que julgamos importantes para a nossa pesquisa. É importante ressaltar que os conceitos que serão apresentados estão inter-relacionados dentro da teoria e existem em razão um do outro, fazendo com que seja impossível tratá-los separadamente. Embora eles não existam de forma isolada, criamos uma sequência de conceitos (a apresentada mais acima) e buscaremos trabalhá-los naquela ordem. O primeiro conceito que buscamos explorar é o conceito de **relações dialógicas**, uma vez que ele é o que dá sustentação para a concepção de linguagem defendida pelo Círculo. Flores, Teixeira (2012, p. 45) reforçam a importância desta noção para a teoria ao afirmar que “o dialogismo subjaz toda e qualquer utilização que se faça da teoria bakhtiniana.” Em outras palavras, toda teoria bakhtiniana está subordinada à noção de dialogismo, não sendo possível utilizá-la sem levar em conta este conceito, uma vez que todos os outros estão subordinados a ele, diferentemente de outras teorias, em que se pode trabalhar os conceitos separadamente e não há um que interliga todos os outros.

À vista disso, precisamos iniciar a exploração deste conceito tão importante para a teoria. O Círculo de Bakhtin visualiza o diálogo a partir de outro ponto de vista, diferente da ideia apresentada pelos dicionários que o enxergam como uma conversa que possui início e fim, ou que, como apresenta Fiorin (2018), algo que

propõe acordo ou consenso. O diálogo aqui é considerado para além da noção frequentemente admitida pelo senso comum. Para Bakhtin (2003, p. 348):

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (Bakhtin, 2003, p. 348).

Como pode-se observar a partir da citação referenciada acima, diferentemente da concepção comum de diálogo, o diálogo para o Círculo compreende não apenas aquele face a face, estruturado por meio de palavras proferidas em voz alta. O diálogo que está no centro da teoria bakhtiniana é um tipo de diálogo marcado por uma dimensão maior que a fala dialógica em uma percepção estrita (Bakhtin, 2003). Ao se praticar o simples e involuntário ato de pensar, que se crê ser um ato particular e monológico, está-se estabelecendo uma relação dialógica (Bakhtin, 2003). Ademais, o fato de estarmos sempre em constantes interações dialógicas com outros discursos não implica, de maneira alguma, que estamos em concordância com eles. Segundo Brait (2015), o diálogo que ocorre entre diversos discursos que moldam uma comunidade, cultura ou sociedade pode carecer de equilíbrio e concordância, não apresentando necessariamente simetria e harmonia. Assim, segundo Volóchinov (2018, p. 219), “o discurso verbal impresso participa de uma espécie de discussão ideológica em grande escala: responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante.”

Dessa forma, o próprio conteúdo verbal está impregnado de relações dialógicas, já que a teoria bakhtiniana concebe o texto de maneira diferente da linguística, que o vê como um emaranhado de frases. Sendo assim, Bakhtin situa seus estudos dentro de um âmbito o qual denomina metalinguística, aquele que considera alguns pontos da vida concreta do discurso desconsiderados pela linguística (Bakhtin, 2002, p. 181). Em nenhum momento, Bakhtin desqualifica a linguística ou a coloca em posição inferior à metalinguística; pelo contrário, o autor argumenta que ambas devem completar-se mutuamente (Bakhtin, 2002, p. 181). Ainda sobre as relações dialógicas:

As relações dialógicas – fenômeno bem mais amplo do que as relações entre as réplicas do diálogo expresso composicionalmente – são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância (Bakhtin, 2002, p. 42).

A partir do exposto acima, pode-se afirmar que a existência humana está intrinsecamente ligada às interações dialógicas, as quais permeiam todas as formas de linguagem, independentemente de sua forma de manifestação. Sobral (2009), apresenta três planos distintos em que o dialogismo se apresenta para a teoria bakhtiniana.

O primeiro plano apresentado por ele é aquele em que o dialogismo designa “a condição essencial do próprio ser e agir dos sujeitos” (Sobral, 2009, p. 35), aquele chamado por Fiorin (2018) de dialogismo constitutivo do indivíduo-sujeito. Essa manifestação de dialogismo é inerente a todos os seres humanos, uma vez que só existimos em relação ao outro, por causa do outro, a partir da alteridade.

Acreditamos ser importante aproveitar o momento de apresentação do denominado “dialogismo constitutivo do indivíduo-sujeito” (Fiorin, 2018) para explorarmos mais a fundo a noção de sujeito para o Círculo de Bakhtin. Como mencionado anteriormente, quando estamos pensando, estamos, na verdade, envolvidos em diálogos com outros discursos, pois nossa consciência é totalmente dialógica. De acordo com Faraco (2009, p. 84), nosso mundo interior é como um microcosmo heteroglóssico, constituído através da internalização dinâmica e constante da heteroglossia social. Em outras palavras, o universo interno de cada ser humano é um espaço em que diferentes vozes sociais estão coexistindo ao mesmo tempo.

Para a teoria, enxergar que o mundo interior de cada indivíduo pode ser único ou considerar que o ato discursivo pode ser individual é um *contradictio in adjecto* (Volóchinov, 2018, p. 225). Tal expressão, proveniente do latim, indica uma contradição em termos. Como já foi exposto anteriormente, a partir de uma citação de Bakhtin, “a vida é dialógica”, portanto considerar que um ato de fala ou uma consciência existe isoladamente contradiz a própria condição humana, pois só há existência no diálogo.

No entanto, apesar do sujeito bakhtiniano ser formado por diversas influências sociais devido a sua relação com os outros, isso não significa que ele careça de singularidade. Se o sujeito é inteiramente social, ele também é inteiramente singular,

pois uma noção não anula a outra para o Círculo de Bakhtin. A singularidade reside no fato de que cada sujeito ocupa um lugar único e insubstituível em sociedade, respondendo ao contexto de uma maneira única, uma vez que, conforme afirmado por Faraco (2009, p. 87), “os modos como cada consciência responde às suas condições objetivas são sempre singulares, porque cada um é um evento único do Ser”.

Considerando o que foi mencionado no parágrafo anterior, o fato de o sujeito ser constituído por muitas vozes sociais não deixa de torná-lo responsável pelo seu dizer. Bakhtin, em seu primeiro livro, escrito no início da década de 1920, porém publicado apenas em 1986, *Para uma filosofia do ato responsável*, afirma que não há alibi para o sujeito. Esta constatação de Bakhtin implica no fato de que todo sujeito é responsável pelo seu dizer, bem como responsivo. É responsivo porque o sujeito bakhtiniano sempre está respondendo a enunciados que chegaram anteriormente e se preparando para responder a enunciados futuros. Ao mesmo tempo, é responsável, pois responde de sua posição social e histórica, fornecendo seu tom avaliativo e sua valoração.

Dando continuidade aos níveis de dialogismo indicados por Sobral, há o segundo plano, aquele em que o dialogismo designa “a condição de possibilidade da produção de enunciados/discursos, do sentido” (Sobral, 2009, p. 36), chamado por Fiorin (2018) de dialogismo constitutivo. Essa manifestação de dialogismo nos mostra que estamos sempre dialogando, mesmo sem enunciar uma única palavra em voz alta. Todo enunciado está respondendo enunciados passados e se direcionando para elaborar respostas de enunciados que não chegaram ainda.

O terceiro e último plano apresentado por ele é aquele em que afirma que o dialogismo é “a base de uma forma de composição de enunciados/discursos, o diálogo” (Sobral, 2009, p. 36). Este último plano é chamado por Fiorin (2018) de dialogismo composicional. Essa acepção de dialogismo sustenta que cada enunciado é formado por diálogos, mesmo que não haja um diálogo explícito de forma composicional, como mencionado anteriormente.

Em *Problemas da poética de Dostoiévski* (1963), há um capítulo amplamente citado por estudiosos de Bakhtin, intitulado *O discurso em Dostoiévski*. Embora já tenhamos utilizado este capítulo como base teórica neste texto, consideramos relevante retornar a ele para apresentar os tipos de discursos identificados por Bakhtin. É na primeira seção do capítulo, aquela denominada *Tipos de Discurso na*

Prosa. O Discurso Dostoievskiano, que Bakhtin apresenta alguns tipos de discursos. Dentre os discursos apresentados pelo autor, interessa-nos o Discurso bivocal, sobretudo o Discurso bivocal de variedade ativa, uma vez que este tipo de discurso reconhece que o outro participa do discurso ativamente, intervindo diretamente sobre ele. O Discurso bivocal de variedade ativa é uma forma de discurso que emerge nas relações dialógicas, caracterizando-se pela presença de elementos como a polêmica velada, diálogo velado, réplica antecipada e réplica dialógica.

Na polêmica velada, o locutor constrói seu discurso com consideração pelo discurso do outro, de forma que sua palavra é moldada pela palavra do outro, mesmo que esta não seja explicitamente referenciada. Segundo Bakhtin (2002), esse processo também acontece na réplica dialógica, pois estamos constantemente respondendo a enunciados que nos foram apresentados anteriormente. Dentro deste contexto, “o discurso sente tensamente ao seu lado o discurso do outro falando do mesmo objeto, e a sensação da presença desse discurso lhe determina a estrutura” (Bakhtin, 2002, p. 196).

No que concerne à réplica antecipada, esta ocorre devido ao fato de estarmos constantemente não apenas respondendo a enunciados já recebidos, mas também nos preparando para responder a enunciados que ainda não chegaram. Essa dinâmica se manifesta na maneira como moldamos nossos próprios enunciados, levando em consideração as possíveis respostas dos nossos interlocutores.

O diálogo, tal como percebido pelo Círculo, só existe dentro da interação, isto é, decorre do contexto que abrange a enunciação, podendo ser tanto o contexto imediato, bem como o contexto mais amplo, que abrange diversos outros elementos. Por esse motivo, o próximo conceito a ser discutido é o de **interação verbal**, que, segundo Sobral (2009, p. 40), é concebido pelo Círculo de uma forma “radicalmente dialógica” e apresenta diferentes níveis.

O primeiro nível apresentado pelo autor refere-se a um grau mais limitado, dado que ele é o que leva em conta o aqui e o agora (ou o lá e então) da presença (ou ausência) dos interlocutores, logo, o nível do intercâmbio verbal. (Sobral, 2009). Neste nível, o contexto social mais amplo não é considerado, e quem prevalece é o aspecto material. Dessa forma, a linguagem corporal, os gestos, as expressões faciais e outros elementos não verbais desempenham um papel importante, pois podem influenciar diretamente na comunicação e na interação entre os interlocutores. Embora o autor tenha descrito como limitado, é importante salientar

que a definição decorre de sua expansão física. Sendo assim, esse nível é a base para todos os outros, visto que abrange o caráter fundamental das interações, onde a comunicação acontece em seu estado mais puro, dando forma aos níveis que serão apresentados na sequência.

O segundo nível apresentado pelo autor aborda o contexto imediato do intercâmbio verbal, onde os papéis sociais desempenhados por cada interlocutor na interação são considerados (Sobral, 2009). Enquanto no nível anterior o foco estava nas pistas deixadas pela enunciação no enunciado, que se referiam à situação material de uma comunicação específica, neste estágio, a atenção se volta para o contexto social e histórico em que a interação ocorre.

O terceiro nível apresentado pelo autor aborda o contexto social mediato, aquele que envolve o domínio mais amplo das esferas de atividade humana. (Sobral, 2009). Ele é chamado de mediato porque refere-se à influência indireta de alguns fatores em um contexto específico, que não estão presentes de forma imediata, mas sua presença é sentida.

Conforme podemos observar, o autor apresenta os níveis da interação do particular para o geral, gradativamente. À vista disso, o último nível refere-se a um contexto ainda mais amplo do que o presente no terceiro, aquele que abrange as relações entre culturas, diferentes períodos da história e o “espírito da época” (Zeitgeist) (Sobral, 2009). Um exemplo é o desenvolvimento desta pesquisa. Muito provavelmente, em outras épocas, teria sido impensável questionar a instituição da maternidade. Se até pouco tempo atrás as mulheres não podiam estudar (e em alguns lugares do mundo ainda não podem), jamais colocariam em questionamento os papéis sociais destinados a elas. Graças ao advento do movimento feminista, que vem desafiando discursos hegemônicos que colocam as mulheres em uma posição de subalternidade, estamos vivendo em uma era em que a discussão sobre os papéis atribuídos a elas é frequente.

As relações dialógicas acontecem entre enunciados concretos, na interação verbal, sendo o conceito de **enunciado concreto** o próximo a ser trabalhado. Segundo Bakhtin (2016, p. 11), a língua “efetua-se na forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos”. Partindo dessa visão bakhtiniana acerca da manifestação da língua em forma de enunciados, é fundamental compreendermos no que consiste um enunciado concreto. O termo "concreto" é empregado para enfatizar a realidade palpável do enunciado, ao contrário do uso da palavra

"enunciado" na gramática, que se refere à frase. No contexto gramatical, o enunciado é, na verdade, abstrato, carecendo de uma ancoragem sócio-histórica e, conseqüentemente, de qualquer forma de concretude. Isso significa que, ao contrário do enunciado na teoria bakhtiniana, o enunciado gramatical não está situado em um contexto específico e, portanto, permanece distante de qualquer manifestação concreta. Dessa maneira, cada enunciado escolhido para compor o *corpus* de pesquisa deste trabalho, por exemplo, está situado sócio-historicamente, sendo concreto e não abstrato, possuindo sentido e não apenas significação.

Ao contrário de algumas outras teorias do discurso, que separam estritamente o enunciado da enunciação, concebendo o enunciado como um produto acabado e a enunciação como um processo em constante fluxo, a teoria bakhtiniana destaca-se por não estabelecer uma divisão rígida entre esses dois elementos. Dentro da teoria, o enunciado concreto e a enunciação são abordados de maneira integrada e complementar, formando um todo dinâmico e interconectado. Essa abordagem permite uma compreensão mais profunda da complexidade e da riqueza do discurso humano, uma vez que reconhece que os enunciados são moldados e ganham significado dentro de contextos específicos de enunciação, nos quais interações sociais, históricas e culturais desempenham importantes papéis. Portanto, na perspectiva bakhtiniana, enunciado e enunciação se entrelaçam de maneira intrínseca, revelando a profundidade das relações dialógicas que caracterizam a comunicação humana.

De acordo com Sobral, Giacomelli (2018, p. 310)

A enunciação deixa nos enunciados marcas que são tanto materiais (marcas linguísticas) como da ordem do sentido (marcas enunciativas). As marcas da ordem da língua, da estabilidade, são um dos planos considerados, dado que todo estudo do discurso as leva necessariamente em conta, não se restringindo, porém, sob pena de parcialidade, nem aos tipos relativamente estáveis de enunciados que constituem os gêneros de discurso, nem aos elementos extra-verbais de mobilização da textualidade dos discursos para a criação de sentidos — e que estão inscritos em sua própria estrutura (Sobral, Giacomelli, 2018, p. 310).

A partir da citação apresentada acima, a enunciação deixa marcas linguísticas no enunciado, que são “palpáveis” e perceptíveis. Essas marcas linguísticas se referem às características linguísticas específicas encontradas nos enunciados, como estruturas gramaticais, classes de palavras etc., podendo ser analisadas diretamente e identificadas sem dificuldade. Já as marcas enunciativas não se

revelam em primeiro plano, pois elas são mais sutis e se relacionam com a intenção do locutor e o contexto comunicativo em que o enunciado está inserido.

Segundo Bakhtin (2016, p. 31, grifos do autor), o enunciado é *a unidade da comunicação discursiva*, isto é, não há comunicação no sentido bakhtiniano fora do enunciado. Para Volóchinov (2017, p. 184), “Todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais.” Dessa forma, não há o primeiro nem o último enunciado, uma vez que, conforme afirma Bakhtin (1988), somente o Adão Mítico poderia ser o primeiro a enunciar algo. Fora dessa realidade mítica, é impossível negar a mútua orientação dialógica de todo e qualquer discurso.

Assim, os enunciados são formados a partir de enunciados já ditos anteriormente, possuindo uma parte repetível e uma parte irrepitível, um dado e um criado. Segundo Bakhtin (2003, p. 349),

O enunciado nunca é simples reflexo de expressão de algo que lhe pré existisse, fora dele, dado e pronto. O enunciado sempre cria algo que, antes dele, nunca existira, algo novo e irreproduzível, algo que está sempre relacionado com um valor (a verdade, o bom, a beleza, etc.). Entretanto, qualquer coisa criada se cria a partir de uma coisa que é dada (a língua, o fenômeno observado na realidade, o sentimento vivido, o próprio sujeito falante, o que já é concluído em sua visão do mundo, etc.). O *dado* se transfigura no *criado* (Bakhtin, 2003, p. 349, grifos do autor).

Compreendemos, então, que o enunciado sempre cria algo que não existia antes dele, porém essa criação é sempre a partir de algo que já existia. O que se repete está no sistema da língua, nas expressões da língua que permitem que duas pessoas enunciem exatamente a mesma palavra ou expressão. No entanto, cada uma dessas pessoas, ao repetir a mesma coisa em seu sentido estritamente gramatical, vai criar algo novo a partir de algo que se repete, visto que serão duas pessoas diferentes, enunciando a partir de posições diferentes na sociedade, em contextos enunciativos diferentes. Dessa forma, a cada ato enunciativo o enunciado recobre-se de novos sentidos, sendo esta a parte criada do enunciado concreto. Segundo afirma Bakhtin (2016, p. 107), “As unidades da comunicação discursiva - enunciados integrais - são irreproduzíveis (ainda que possamos citá-las) e estão ligadas entre si por relações dialógicas.”

Se tomarmos como exemplo os enunciados coletados para análise nesta pesquisa, todos eles possuem um dado, algo repetível dentro do sistema da língua.

Ainda assim, todos eles, mesmo os que se repetem dentro do âmbito linguístico, ao se transportarem para o âmbito metalinguístico (aquele proposto por Bakhtin), possuem um sentido único e irrepitível. Esta parte irrepitível está diretamente ligada ao tema do enunciado, conceito que veremos com profundidade mais adiante.

De acordo com Sobral, Giacomelli (2016), o enunciado concreto é formado por três componentes: a referencialidade, a expressividade e a endereçabilidade. O primeiro componente é a referencialidade: todo enunciado se refere a alguma coisa, seja algo mais palpável, seja algo mais abstrato, como um sentimento, por exemplo, algo que não podemos tocar, apenas sentir. O segundo componente é a expressividade, ou seja, todo enunciado irá expressar algo, seja positivo ou negativo etc. A expressividade está relacionada com o horizonte axiológico do enunciado, permitindo que todo enunciado possua um valor dentro de uma determinada esfera social.

Segundo Bakhtin (2016, p. 47), “nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vário e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível.” Ao enunciar, estou expressando a minha posição perante alguma coisa, nunca é um “dizer em vão”. Só o enunciado, o elemento real da comunicação discursiva, pode ser verdadeiro ou falso, belo, justo etc (Bakhtin, 2016).

O último componente do enunciado é a endereçabilidade. Todo enunciado está endereçado a alguém, mesmo que não se tenha consciência de quem seja esse alguém. Isso ocorre porque todo enunciado possui um caráter ativo-responsivo. Ao se tornar autor de um determinado enunciado, o enunciador não o organiza a partir da “sua cabeça”. Como mencionado anteriormente, para a teoria do círculo de Bakhtin, tudo é dialógico, incluindo nossa consciência. Portanto, todo dizer é direcionado a alguém, e todo discurso é construído levando em consideração o interlocutor. Assim, o interlocutor, seja ele real ou típico, desempenha um papel igualmente ativo ao do locutor, influenciando diretamente a construção do discurso. Dessa forma, de acordo com Sobral (2009, p. 33),

o locutor e o interlocutor têm o mesmo peso, porque toda enunciação é uma ‘resposta’, uma réplica, a enunciações passadas e a possíveis enunciações futuras, e ao mesmo tempo uma ‘pergunta’, uma ‘interpelação’ a outras: o sujeito que fala o faz levando o outro em conta não como parte passiva mas como parceiro-colaborativo ou hostil-ativo (Sobral, 2009, p. 33).

O que podemos entender, a partir da citação, é que dentro da teoria bakhtiniana, locutor e interlocutor têm a mesma relevância no processo de comunicação. Aquele que enuncia “primeiro” não está em posição superior ao seu ouvinte, pois este enunciou “primeiro” somente porque proferiu uma palavra em voz alta antes do seu interlocutor. No plano do discurso, o “primeiro” a enunciar está, na verdade, respondendo a enunciados que lhe chegaram anteriormente e que poderão chegar futuramente. Dentro deste contexto,

A palavra (em geral qualquer signo) é interindividual. Tudo o que é dito, o que é expresso se encontra fora da “alma” do falante, não pertence só a ele. A palavra não pode ser entregue apenas ao falante. O autor (falante) tem os seus direitos inalienáveis sobre a palavra, mas o ouvinte também tem os seus direitos, têm também os seus direitos aqueles cujas vozes estão na palavra encontrada de antemão pelo autor (porque não há palavra sem dono). A palavra é um drama no qual participam três personagens (não é um dueto, mas um trio) (Bakhtin, 2016, p. 98).

Ao elaborar o seu enunciado considerando a participação do outro, o enunciador pensa inclusive nas possíveis respostas desse interlocutor ao seu enunciado, já que, de acordo com Fiorin (2017), tudo o que é enunciado objetiva uma resposta, considerando uma compreensão responsiva ativa do interlocutor, sendo este enunciado organizado para que no final a resposta seja a desejada. Contudo, por mais que o enunciador se organize de modo a alcançar a compreensão desejada por parte do seu interlocutor, é impossível prever todas as variações responsivas que possam acontecer (Stella, Brait, 2021). Segundo Volóchinov (2018, p. 232), “Toda compreensão é ativa e possui um embrião de resposta.” Ao considerar esta compreensão, o Círculo acredita que o interlocutor participa ativamente desse processo comunicativo, não apenas o absorvendo. Como vimos, ele pode concordar, discordar, questionar, estabelecendo assim uma relação dialógica com o enunciado do outro, pois, de acordo com Volóchinov (2018, p. 232, grifos do autor), “*Toda compreensão é dialógica.*”

Dessa forma, os enunciados dentro da teoria bakhtiniana possuem sentido porque estamos sempre respondendo a outros enunciados. De acordo com Bakhtin (2003), o que não responde a nenhuma pergunta não pode possuir sentido algum, pois acaba se separando da noção de diálogo posta pelo Círculo.

Esses três componentes do enunciado concreto apresentados -referencialidade, expressividade e endereçabilidade -, de acordo com Sobral,

Giacomelli (2016) não podem existir um sem o outro. Não pode existir referencialidade sem a expressividade, ou seja, sem a avaliação sobre alguma coisa, pois ao referenciar nós estamos automaticamente atribuindo um valor sobre o que estamos referenciando. Ao mesmo tempo, não pode haver expressividade (atribuição de valor) sem considerar o interlocutor, da mesma maneira que sempre nos direcionamos ao outro expressando algo, já que nenhum dizer é neutro, inclusive o dizer que se julga o mais “inocente” possível. Dentro deste contexto, também só há referência ao considerar o outro a quem nos dirigimos, da mesma maneira que não podemos nos referir ao outro sem nos referirmos a um objeto do mundo, seja ele abstrato ou não. Nesse sentido, Bakhtin (2016, p. 99) afirma que “A relação com os enunciados dos outros não pode ser separada da relação com o objeto (porque sobre eles discutem, sobre ele concordam, nele as pessoas se tocam) nem da relação com o próprio falante. Trata-se de uma tríade viva.”

Os enunciados concretos só podem existir dentro das esferas da comunicação discursiva, as quais Bakhtin chama de gêneros do discurso. Segundo Bakhtin (2016, p. 38), os gêneros do discurso

nos são dados quase da mesma forma que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo teórico da gramática. A língua materna - sua composição vocabular e sua estrutura gramatical - não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciados concretos que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam (Bakhtin, 2016, p. 38).

Segundo o filósofo russo, nascemos e crescemos em meio a gêneros do discurso sendo que, desde pequenos, aprendemos a nos comunicar em cada um deles, sem a necessidade que nos seja ensinado, assim como a própria aquisição da língua materna. De acordo com Sobral, Giacomelli (2016, p. 1079), “Aprendemos a usar a língua não nas gramáticas ou dicionários, e sim no intercâmbio verbal, no uso da linguagem, ao interagir com outras pessoas via linguagem.” Dessa maneira, não é necessário estudar formalmente cada gênero, mas sim vivenciá-los em situações reais de comunicação com outras pessoas. Assim como aprendemos nossa língua materna naturalmente, sem a necessidade de consultar dicionários ou estudar gramática, também adquirimos os diferentes gêneros do discurso da mesma maneira.

Os gêneros do discurso são “*tipos relativamente estáveis* de enunciado” (Bakhtin, 2016, p. 12, grifos do autor). O autor os define como “relativamente estáveis” porque eles podem sofrer alterações ao longo do tempo. A natureza mutável dos gêneros é exemplificada no caso do gênero carta, que, ao evoluir, encontrou seu equivalente contemporâneo no formato eletrônico, conhecido como e-mail. Isso evidencia como os gêneros do discurso não são estáticos, mas sim fluidos e adaptáveis, refletindo as mudanças nas práticas de comunicação ao longo da história.

Bakhtin classifica os gêneros discursivos em duas categorias: primários (simples) e secundários (complexos). Gêneros primários (simples) são aqueles que encontramos em situações cotidianas e na comunicação informal. Por outro lado, os gêneros discursivos secundários (complexos) englobam os tipos de comunicação presentes em contextos sociais que requerem um nível maior de formalidade por parte dos interlocutores. O autor também argumenta que os gêneros primários podem aparecer em gêneros secundários, exemplificando pela presença de elementos da vida cotidiana em algumas obras literárias. Nesse contexto, os gêneros primários adquirem uma natureza secundária, já que se manifestam em uma forma de expressão compartilhada em contextos mais formais e “perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios” (Bakhtin, 2016, p. 15).

Os três componentes dos gêneros do discurso apresentado por Bakhtin são: unidade temática, forma composicional e o estilo. O primeiro componente, o conteúdo temático, também pode ser denominado na teoria como tema. O tema, na perspectiva bakhtiniana, não pode ser confundido com o assunto, embora seja comum fazer essa associação, visto que no senso comum, essas duas palavras são usadas como sinônimo. Segundo Volóchinov (2018, p. 228), o tema do enunciado é “individual e irrepitível como o próprio enunciado.” O que a citação anterior nos revela é algo que já mencionamos anteriormente: o tema relaciona-se com o novo do enunciado, o criado, ou seja, a parte irrepitível dele. Dessa forma, o tema do enunciado tem a ver com o seu sentido, considerando o contexto real de comunicação. Os enunciados que compõem o *corpus* de pesquisa, por exemplo, foram inseridos em cinco categorias distintas e essas categorias foram criadas a partir das regularidades presentes nos enunciados. Essas regularidades são os tópicos levantados pelos interlocutores para realizar o que consideramos como um

mesmo tema: julgar uma mulher por não assumir a maternidade de uma criança fruto de um estupro. Contudo, é importante enfatizar que o tema do enunciado é diferente do tema do gênero. O tema do gênero diz respeito ao fato de que, de acordo com Filho, Santos (2013, p. 82) “cada gênero tem mais ou menos definido um certo conteúdo temático, ou seja, um mesmo gênero tende a manter uma relativa tipificação em torno do tratamento dado aos conteúdos ideologizados.” Em outras palavras, cada gênero tende a possuir um “padrão” de tema.

Não pode haver tema sem significação, já que ela faz parte dos aspectos repetíveis do enunciado. A significação pode se dividir em unidades menores, a partir dos elementos linguísticos do enunciado; já o tema não permite uma divisão. No entanto, o tema só pode ser alcançado se a significação das palavras for considerada, isto é, sem significação não há tema. Só conseguimos mostrar a significação de uma palavra ao tornar ela um elemento do tema que desejamos alcançar. De acordo com Cereja (2005, p. 202, grifos do autor), “a *significação* é um estágio inferior da capacidade de significar, e o *tema*, um estágio superior da mesma capacidade.” Dentro deste contexto, a “significação” se refere a um nível mais básico ou elementar do processo de dar significado, ou seja, nesse estágio as palavras ou símbolos em si tem um significado básico e são usadas para representar conceitos ou ideias. Já o tema é um estágio mais avançado ou elevado na mesma capacidade de dar significado. Isso implica que o “tema” está além da mera associação de palavras com significados básicos, sugerindo que as palavras são muito mais que seus significados abstratos.

Já o segundo componente refere-se a forma composicional do enunciado, ou seja, a sua organização. Esta seria a parte mais perceptível, pois, segundo Sobral, Giacomelli (2016, p. 1088), trata-se da “maneira como desenvolvemos textualmente o nosso tema”. Se tomarmos como exemplo os comentários-enunciados escolhidos para a análise, teremos enunciados que possuem diferentes composições que contribuem para a realização do tema que pretendem realizar. De acordo com Medviédev (2012), não existe conteúdo sem forma, assim como também não pode existir forma sem conteúdo. Só se chega ao tema do enunciado porque ele possui uma determinada organização que permite que isso ocorra.

O último componente citado por Bakhtin é o estilo, que se relaciona com a forma composicional e de que maneira essa forma é utilizada para atingir a unidade temática esperada. Segundo Bakhtin (2003, p. 265), “Todo enunciado [...] é

individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual”. Cada enunciador terá seu jeito único e próprio de enunciar algo, contudo, as escolhas estilísticas também sofrem influência do gênero do discurso. Conforme afirma Brait (2005, p. 83), “o estilo, longe de esgotar a autenticidade de um indivíduo, inscreve-se na língua e nos seus usos historicamente situados.”

Bakhtin expõe, em sua obra *Os gêneros do discurso*, algumas peculiaridades do enunciado, que o diferem da frase, unidade da língua. A primeira particularidade destacada pelo teórico está relacionada à alternância entre os sujeitos da comunicação discursiva. Essa alternância entre os sujeitos é marcada por uma espécie de conclusibilidade do enunciado, podendo se dar pelo fato do interlocutor realmente ter enunciado tudo que desejava (oralmente ou não). Dessa maneira, o enunciador não explicita o término de sua fala; ao contrário, conforme a teoria, o interlocutor típico prevê um espaço para responder, denominado "dixi".

O acabamento do enunciado, sua capacidade de suscitar uma resposta ou uma compreensão responsiva dependem de três fatores principais: a) a exauribilidade semântico-objetal; b) projeto discursivo ou vontade de discurso do falante; e c) as formas típicas da composição e do acabamento do gênero.

A exauribilidade semântico-objetal do enunciado está relacionada ao que já foi mencionado anteriormente, ou seja, à relativa conclusão de um enunciado; a exauribilidade implica que a comunicação foi completa, ao menos por hora e não exatamente acabada, uma vez que o enunciado nunca é especificamente concluído, pois ele está sempre em relação dialógica com outros dizeres. Em suma, o que se tem, na verdade, é a percepção da necessidade de uma resposta.

O segundo ponto colocado pelo autor diz respeito ao fato de que cada enunciado possui um projeto discursivo ou uma vontade discursiva por parte de quem enuncia. Todo enunciado concreto possui uma intenção, que pode ser consciente ou não; em outras palavras, o enunciador busca alcançar um propósito com aquele enunciado.

O terceiro e último aspecto destacado pelo autor diz respeito às características típicas de composição e acabamento que são inerentes a cada gênero. Este ponto está associado ao fato de que cada gênero discursivo apresenta uma forma característica, ou seja, cada gênero exibe uma certa regularidade. É importante lembrar, conforme observado por Bakhtin, que esses gêneros são

considerados tipos "relativamente estáveis" de enunciados, o que significa que a presença de regularidade não implica em rigidez ou imobilidade do gênero. Entretanto, um tipo de comunicação que é caracterizado por sua natureza formal, demanda que o locutor mantenha um determinado padrão.

Após a apresentação dos conceitos de relação dialógica, interação verbal, enunciado concreto, precisamos destacar ainda aspectos teóricos que são essenciais a este trabalho, cujo objetivo, como já assinalado, é analisar a valoração em enunciados-resposta a uma publicação no *Facebook*. Dessa forma, trabalharemos com os conceitos de **signo ideológico** e **valoração**, os quais se relacionam diretamente.

Para isso, inicialmente, é preciso compreender como o Círculo de Bakhtin concebe o signo, uma vez que esse conceito é abordado em outras teorias a partir de diferentes perspectivas. Na linguística tradicional, por exemplo, as palavras, compreendidas como signos linguísticos, não se relacionam com o contexto extraverbal, sendo consideradas apenas como um elemento do sistema da língua. Como já vimos anteriormente, essa é a perspectiva do denominado objetivismo abstrato criticado pelo Círculo, uma vez que não considera a participação dos usuários da língua e a situação social da comunicação discursiva.

Para a teoria bakhtiniana o signo é considerado em sua dimensão ideológica. Ao longo das últimas décadas, tomando o exemplo do Brasil, o conceito de "ideologia" tem sido associado pelo senso comum diretamente ao de política, sobretudo à uma posição político-partidária de esquerda² o que não está de todo equivocado, ainda que restrinja essa noção a um determinado grupo apenas e a uma postura de partido político. Todavia a teoria bakhtiniana compreende ideologia de uma maneira mais ampla:

Entendemos a ideologia como um conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural que ocorrem no cérebro do ser humano, que se materializa por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas sógnicas (Volóchinov, 1993, p. 224).

A partir da citação acima, extraída do texto *¿Que es el lenguaje?*, observamos que a noção de ideologia posta pelo Círculo refere-se ao fato de que cada ser humano enxerga e compreende a realidade a partir de uma determinada posição

² Consideramos aqui "esquerda" na simplificação política que se têm estabelecido no país entre esquerda e direita, em uma polarização que desconsidera os vários espectros de diferentes posições partidárias.

ocupada por ele em sociedade. Por ideologia, entende-se o universo que integra a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política, todas as manifestações da classe dominante, que ocupam a superestrutura social e que influenciam diretamente o modo do homem se posicionar no mundo (Faraco, 2009).

Segundo Volóchinov (2018), não pode existir ideologia sem signo, uma vez que a ideologia se manifesta em forma de signos. Para o autor, não há outro lugar em que os signos ideológicos são expressos de maneira melhor que na linguagem, sendo, para ele, a palavra um fenômeno ideológico *par excellence* (Volóchinov, 2018). Em consonância, Stella (2005, p. 178) afirma que, “a palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como produto ideológico, resultado de um processo de interação na realidade viva”.

Stella aponta que a palavra, enquanto signo ideológico e não enquanto algo abstrato, desprovido de contexto, pode ser definida por quatro elementos, a saber: a pureza semiótica, a possibilidade de interiorização, a participação dela em todo ato de caráter consciente e a sua neutralidade.

A pureza semiótica da palavra diz respeito ao fato de que ela pode funcionar e circular como um signo ideológico em qualquer campo da comunicação humana. Ela possui traços estáveis de significação, mas mesmo assim tem uma "pureza" semiótica que permite sua utilização nos mais variados contextos. Essa possibilidade de poder estar presente em diferentes contextos diferencia a palavra de outros materiais, dado que alguns foram criados para circular em uma esfera específica, impedindo sua circulação em outras esferas devido à sua criação, voltada exclusivamente para um determinado propósito.

O segundo componente da palavra é a sua capacidade de interiorização. Em outras palavras, as palavras estão no nosso interior, em nossa mente e em nossos pensamentos, sendo a ponte entre o nosso mundo interno e o nosso mundo externo, que está fora de nossa mente. Todavia, sempre é importante enfatizar que para a teoria bakhtiniana elas só estão no nosso interior por conta do nosso exterior, uma vez que o externo organiza o interno. Portanto, interiorizamos as palavras a partir do externo, e assim elas permeiam a nossa mente.

O terceiro elemento diz respeito à participação da palavra em qualquer ato consciente, já que ela funciona tanto no interior da nossa consciência quanto no exterior dela. No interior, ela se dá por meio da compreensão e a interpretação do

mundo pelo sujeito; no exterior, se dá nos processos externos de circulação em todas as esferas ideológicas (Stella, 2005).

O quarto elemento diz respeito à neutralidade da palavra. A neutralidade, neste sentido, refere-se ao fato de que toda palavra pode assumir qualquer caráter ideológico. A palavra não é tomada na sua significação como presente no dicionário e sim do modo como o seu enunciador quer que ela signifique em um determinado contexto de enunciação, dependendo da sua intenção ao utilizá-la naquele momento. Sendo a palavra ideológica por excelência, de modo algum pode ser neutra, revelando sempre uma ideologia, uma posição ocupada pelo interlocutor na sociedade. Como já afirmamos anteriormente, todo enunciado possui uma intenção, embora ela possa ser consciente ou não. Dessa forma, segundo Sobral, Giacomelli (2016, p. 1083), "Nenhum dizer é inocente, ingênuo, gratuito, pois sempre está ligado aos interesses de quem diz".

Quando destacamos que, na teoria bakhtiniana todos os enunciados são ideológicos, também evidenciamos que eles possuem um horizonte axiológico, ou seja, ideologia e axiologia são tratados como equivalentes. De acordo com Faraco (2009), os enunciados são ideológicos porque ocorrem em um determinado campo das ideologias e sempre manifestam uma avaliação sobre algo. Nesse sentido, Miotello (2005, p. 176) explica que:

a ideologia é o sistema sempre atual de representação de sociedade e de mundo construído a partir das referências constituídas nas interações e nas trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos sociais organizados. É então que se poderá falar do modo de pensar e de ser de um determinado indivíduo, ou de determinado grupo social organizado, de sua linha ideológica, pois que ele vai apresentar um núcleo central relativamente sólido e durável de sua orientação social, resultado de interações sociais ininterruptas, em que a todo momento se destrói e se reconstrói os significados do mundo e dos sujeitos. Se poderá então dizer: o Mundo sempre Novo, que se dá na ressurreição plena de todos os sentidos (Miotello, 2005, p. 176).

A ideologia se refere a um sistema de representação da sociedade e do mundo por certos grupos sociais. Assim, o modo de agir e pensar dos sujeitos é moldado pela ideologia, que está sempre destruindo e reconstruindo seus significados.

Acima, quando discutimos o enunciado concreto, afirmamos que, para o Círculo de Bakhtin, todo enunciado reflete e refrata o mundo, é isso se dá porque

todo signo é ideológico e não existe signo neutro. Todo signo já chega ao indivíduo carregado de valor. De acordo com Faraco (2009, p. 50, grifos do autor) “os signos não apenas *refletem* o mundo (não são apenas um decalque do mundo); os signos também (e principalmente) *refratam* o mundo.” Os signos refletem o mundo, ou seja, o modo como os indivíduos percebem a realidade, sendo esse reflexo uma construção dessa realidade; contudo eles também a refratam, em um “movimento” que faz com somente possa haver reflexo porque há refração. Segundo Faraco (2009, p. 51), “a refração é o modo como se inscrevem nos signos a diversidade e as contradições das experiências históricas dos grupos humanos”. Em outras palavras, a refração refere-se à maneira como as diferenças e conflitos das vivências ao longo da história de diferentes grupos humanos são representados e incorporados em signos ideológicos.

Em *O discurso na vida e o discurso na poesia*, publicado pela primeira vez em 1926, Volóchinov afirma que os enunciados do cotidiano e os enunciados artísticos possuem traços em comum, dado que os dois fazem parte da comunicação sociocultural e são marcados por uma extensão axiológica. Essa relação pode ser observada ao considerarmos os sistemas ideológicos formados e a ideologia do cotidiano. Os sistemas ideológicos formados são a moral social, a ciência, a arte e a religião, como já mencionado. Contudo, esses sistemas cristalizam-se, ou seja, consolidam-se através da ideologia do cotidiano e só podem existir e ganhar forma por meio dela, pois é ela quem os dá vida (Volóchinov, 2018).

Antes de adentrarmos nas ideologias do cotidiano, faz-se importante falarmos da base e da superestrutura, noções marxistas que o Círculo mobiliza ao elaborar a filosofia da linguagem, sobretudo na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929). A base, como o próprio nome já diz, é aquilo que dá sustentação a algo, neste caso, a estrutura socioeconômica da sociedade, marcada pelas relações de trabalho e as forças de produção. Já a superestrutura refere-se ao sistema ideológico vigente em uma sociedade, sendo através dela que as classes dominantes encontram um meio para manter o seu domínio.

Volóchinov (2018, p. 103), porém, critica a noção de base e superestrutura no que elas são colocadas pelo marxismo como uma relação de causa e efeito, ideia que não considera equivocada, mas vista por ele como redutora, constituindo uma “causalidade mecânica”. O que ele defende com sua filosofia da linguagem é, na verdade, que essa relação não é causal e que ela se dá a partir da base, sendo ela

quem determina a ideologia. Segundo o autor, “a essência desse problema se reduz a *como* a existência real (a base) determina o signo, e *como* o signo reflete e refrata a existência em formação”. Em outras palavras, é a base que irá determinar o signo ideológico, e esse signo irá refletir, receber essa existência e refratá-la a partir de uma posição axiológica.

Se a palavra, como já citamos, é um fenômeno ideológico “*par excellence*”, é nela que

se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social. É bastante óbvio que a palavra será o *indicador* mais sensível das *mudanças sociais*, sendo que isso ocorre lá onde essas mudanças ainda estão se formando, onde elas ainda não se constituíram em sistemas ideológicos organizados (Volóchinov, 2018, p. 106, grifos do autor).

A ideologia do cotidiano é separada em duas partes: as ideologias do cotidiano inferiores e as ideologias do cotidiano superiores. As ideologias do cotidiano inferiores referem-se, segundo Volóchinov (2018, p. 214-215), a “todas aquelas vivências vagas, pouco desenvolvidas, que relampejam na nossa alma, bem como pensamentos e palavras ocasionais e vazios.” Dessa forma, as ideologias do cotidiano inferiores seriam as conversas do dia a dia, desprovidas de qualquer profundidade. Já as ideologias do cotidiano superiores estão mais próximas dos sistemas ideológicos e são, como afirma Volóchinov (2018, p. 215), “capazes de transmitir as mudanças da base socioeconômica com mais rapidez e clareza [...] acumulam as energias criativas responsáveis pelas transformações parciais ou radicais dos sistemas ideológicos”.

Partindo do que já foi discutido a respeito do signo ideológico, chegamos ao conceito de valoração, que se relaciona diretamente com o já exposto. No texto *Les frontières entre poétique et linguistique*, Volóchinov explica o que seria a noção de valor para a teoria:

A fim de evitar mal entendidos, parece-nos necessário destacar que aquilo que entendemos por ‘valor’ não tem nada a ver com a concepção clássica idealista que era corrente na Psicologia (ver Münsterberg) e na Filosofia (ver Rickert) no final do século XIX e início do século XX. Nós operamos com o conceito de valor ideológico, que não objetiva a nenhuma ‘universalidade’, mas que carrega uma significação social e, mais precisamente, uma significação de classe (Voloshinov, 1981, p. 254).

O autor inicia sua afirmação já atentando para as possíveis confusões que podem ser feitas a respeito da noção de valor, uma vez que ela, assim como outras noções que já foram debatidas neste capítulo, terá um sentido diferente em outras teorias. Sendo assim, podemos observar que a noção de valor para a filosofia da linguagem do Círculo só possuirá sentido se relacionada à noção de ideologia, que não possui como intenção atribuir totalidade a algo. O valor dentro deste contexto está relacionado com a sociedade e com a posição social ocupada pelo interlocutor.

Não podemos falar de valoração sem falar do conceito de cronotopo, uma vez que, segundo Pereira, Rodrigues (2014, p. 187), trata-se da “a porta de entrada do estudo da valoração”. Sabendo que a valoração consiste no fato de que todo dizer possui um valor ideológico que expõe a posição ocupada pelo interlocutor na sociedade, é o cronotopo que revela essas posições nas relações entre o tempo e o espaço. A palavra cronotopo é uma combinação das palavras gregas “chronos” e “topos”, que significam, respectivamente, tempo e espaço, sendo o tempo o momento em que algo ocorre e o espaço o lugar em que ocorre. Bakhtin criou este conceito e o relacionou, sobretudo, à literatura para descrever como o tempo e o espaço estão entrelaçados nas narrativas, influenciando a maneira como os personagens se relacionam, como a trama se desenrola e como os leitores compreendem a narrativa.

Entender o conceito de cronotopo consiste em assimilar de que forma a sociedade, a história e a cultura se constituem dentro da noção de tempo e espaço, noções essas que acabam se fundindo para o autor, virando uma única noção, espaço-tempo. De acordo com Amorim (2006), cronotopo se refere a um lugar que não é individual e sim coletivo, como uma matriz espaço-temporal, onde várias histórias são contadas e escritas. Para a teoria bakhtiniana, essas histórias são transmitidas através de enunciados concretos que estão inseridos em diferentes esferas da comunicação social, que são os gêneros do discurso. Dessa forma, toda interação é constituída pelo espaço-tempo, e essas interações são representações do homem. De acordo com Pereira, Rodrigues (2014, p.180.), “O cronotopo é, portanto, responsável pela imagem-demonstração dos acontecimentos: o espaço, o tempo, os participantes, a situação imediata, a situação ampla”.

Relembramos, no início do capítulo, que o objetivo principal desta pesquisa é analisar a valoração presente nos comentários-enunciados que compõem o *corpus*, bem como apontar o discurso intolerante presente neles. É verdade que a base

teórica principal é a Análise Dialógica do Discurso; no entanto, as análises não poderiam ser feitas se não tivéssemos feito um levantamento dentro das teorias de gênero na busca de compreender o papel ocupado pela mulher na sociedade e o que se espera dela. Dessa forma, só poderemos realizar uma efetiva análise porque consideramos o cronotopo, ou seja, o tempo e o espaço dos enunciados que julgam a atitude de uma mulher de negar a maternidade e o utilizaremos como respaldo para analisar a valoração deles.

De acordo com Volóchinov (2017), a palavra não existe sem ênfase valorativa:

A camada mais evidente, mas ao mesmo tempo mais superficial, da avaliação social contida na palavra é transmitida com a ajuda da *entonação expressiva*. Na maioria dos casos a entonação é definida pela situação mais próxima, e muitas vezes pelas suas circunstâncias efêmeras (Volóchinov, 2018, p. 233, grifos do autor).

Nessa citação, Volóchinov descreve a ênfase valorativa e cita a entonação expressiva como a camada mais evidente e superficial dela. Na sequência desse momento de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, em que o autor debate tema e significação e escreve sobre a avaliação presente nos enunciados, ele cita como exemplo de entonação expressiva um trecho da obra *Diário de um escritor* (1873) do escritor russo Fiódor Dostoiévski, em que ele narra o diálogo interior de um escritor. Essa passagem inicia com o escritor contando que um dia precisou, perto do anoitecer, dar uns passos com alguns artesãos bêbados e nesse momento viu que é possível manifestar todos os pensamentos, sensações e reflexões utilizando um substantivo monossílabo obscuro. O escritor diz que um desses artesãos pronuncia o substantivo de forma intensa e enérgica, expressando uma negação, com desdém, referindo-se a algo que havia sido discutido anteriormente. Para respondê-lo, o outro rapaz cita o mesmo substantivo, mas desta vez o substantivo recebe outro tom e outro sentido, sendo utilizado para expressar uma dúvida em relação à negação manifestada pelo outro artesão, como um questionamento. Um terceiro artesão resolve se manifestar, direcionando-se ao primeiro artesão a enunciar e utilizar o monossílabo com outro tom, dessa vez com o tom de repreensão e injúria. O segundo artesão citado se intromete novamente, direcionando-se ao terceiro e questionando o porquê de ele ter se metido no assunto, utilizando mais uma vez o mesmo monossílabo, dessa vez também com outro tom (Volóchinov, 2018, p.

233-234). A citação segue, porém, nós já podemos entender que uma mesma palavra foi utilizada, por diferentes sujeitos, com diferentes acentos valorativos, ora positivo, ora negativo, ora em tom de questionamento, dúvida. Essa entonação avaliativa é impossível dentro do sistema da língua, sendo possível apenas no uso real do enunciado.

Outro exemplo de entonação expressiva pode ser observado em *A palavra na vida e a palavra na poesia* (1926), onde se expressa a importância do contexto extraverbal:

Duas pessoas se encontram em uma casa. Estão caladas. Uma diz: “Bem”. O outro não responde nada. Para nós outros, que não nos encontramos na casa na situação da conversação, todo este ‘discurso’ é absolutamente incompreensível. A enunciação “Bem”, tomada isoladamente, é vazia e absolutamente carece de sentido. Não obstante, esta singular conversação entre os dois, que consta de uma só palavra expressivamente entonada, é plena de sentido, de importância e está perfeitamente concluída (Bakhtin, 2011, p. 155).

Finalizamos, assim, o capítulo sobre a teoria do Círculo de Bakhtin, que escolhemos para ancorar o nosso trabalho. Ao longo das páginas tentamos explorar cada conceito relevante para nós: relação dialógica, interação verbal, enunciado concreto, signo ideológico e valoração. No próximo capítulo, apresentamos a metodologia de pesquisa e todos os pontos que a envolvem.

3. O caso, a publicação, o *corpus* e o método: a metodologia de pesquisa

Dando continuidade ao trabalho, neste capítulo, vamos apresentar a metodologia utilizada para ancorar as nossas análises. Diferentemente de alguns trabalhos que apresentam a metodologia em um único bloco, julgamos importante e necessário, diante do contexto, dividi-la em seções que buscam contemplar em sua totalidade determinado objeto de estudo.

Tendo em vista o objetivo deste capítulo, na seção 3.1, apresentamos o caso que deu origem e instigou o desenvolvimento desta investigação. Posteriormente, na seção 3.2, justificamos a escolha pelo veículo de informação do qual foi retirado o *corpus* de análise. Na seção 3.3, nos dedicamos a explicar de que maneira o *corpus* foi coletado. Após essas três seções que focalizam mais no caso e nos comentários-enunciados que servirão à análise, chegamos à seção 3.4, aquela em que alguns princípios metodológicos que podem ser depreendidos dos textos do Círculo de Bakhtin são apresentados, seguido dos parâmetros analíticos que escolhemos utilizar, a saber: descrição-análise-interpretação.

3.1 “Imagina se tal colunista descobre essa história”: a exposição do caso Klara Castanho

“Esse é o relato mais difícil da minha vida”. Assim inicia a carta aberta publicada por Klara Castanho, na rede social *Instagram*, no dia 25 de junho de 2022. Na carta, ela conta que foi vítima de um estupro e engravidou, entregando a criança legalmente para a adoção. Antes de discorrer sobre o motivo de a atriz vir a público, através de uma carta aberta contar sobre um momento tão íntimo da sua vida, faz-se importante e necessário compreendermos quem é a atriz, mulher de 22 anos cuja história virou objeto de pesquisa do presente trabalho, já que tem como sustentação uma violência simbólica que atravessa toda e qualquer mulher: a maternidade compulsória.

Klara Forkas Gonzalez Castanho, conhecida pelo nome artístico de Klara Castanho, atua como atriz desde 2006, quando tinha apenas cinco anos de idade. Coincidentemente, seu primeiro papel na dramaturgia brasileira foi na série *Mothers*, do canal por assinatura brasileiro GNT. No entanto, foi na novela *Viver a Vida*, transmitida pela Rede Globo de Televisão, em 2009, que ela passou a ser conhecida

por todo o país, vivendo a personagem Rafaela. Outra novela que consagrou a jovem atriz, também transmitida pela Rede Globo de Televisão, foi a novela *Amor à Vida*, onde interpretou Paulinha, uma jovem menina que caiu no gosto do público, papel lembrado pelos telespectadores até os dias atuais.

Por ser muito jovem e iniciar a carreira de atriz ainda criança, grande parte dos papéis interpretados por Klara envolvem o universo da maternidade. Como já citado anteriormente, as suas personagens e o seu profissionalismo ao interpretá-las, ainda criança, a tornaram conhecida nacionalmente e internacionalmente. Todavia, em 2022, o nome de Klara e a sua imagem estamparam a mídia brasileira, porém sua evidência não se deu pelo seu então último papel no cinema, no filme *De Volta aos 15*, do mesmo ano. A atriz, à época com 21 anos, jamais poderia imaginar ter a sua vida privada exposta para o público, quando, no dia 24 de maio de 2022, viu sua história ser compartilhada em uma publicação no *Instagram* do jornalista e apresentador Matheus Baldi (@matheusbaldi). Assim que viu o *post*, a própria Klara solicitou à Matheus o apagamento da publicação e logo após a postagem foi excluída por ele.

A exposição do ocorrido não se limitou a essa publicação; logo em seguida, o caso voltou à tona e espalhou-se pelas mídias sociais. Antes de dar continuidade às repercussões e a divulgação do ocorrido, é preciso explicar de maneira detalhada o acontecido com a atriz, que motivou o desenvolvimento da pesquisa.

Na carta aberta publicada no dia 25 de junho, ela conta que fora estuprada, porém não denunciou o agressor, pois sentiu muita vergonha e culpa pelo acontecido, sentimentos infelizmente comuns às vítimas de estupro em nossa sociedade. Também contribui para a não denúncia, o fato de Klara ser uma figura pública e o perigo de o caso tornar-se conhecido, como veio a acontecer. Assim, a atriz conta que após o estupro tomou a pílula do dia seguinte e que tentou, diante do trauma que é ser vítima de uma violência como um estupro, seguir adiante.

O que ela não poderia esperar aconteceu passados alguns meses depois do estupro. Como começou a sentir um certo mal-estar, a jovem conta que, ao procurar um médico, ele lhe disse que o desconforto poderia ser por conta de uma gastrite, uma hérnia estrangulada ou até mesmo um mioma. Na tentativa de descobrir o que se passava com sua saúde, fez uma tomografia, que acabou sendo interrompida às pressas, momento em que a atriz ficou sabendo que estava grávida, resultado do estupro vivenciado por ela. Klara teve uma gestação silenciosa, algo raro, mas

possível de acontecer. Ela, a atriz, disse não ter notado diferença em seu corpo, além do seu ciclo menstrual estar normal. Segundo a revista *Psychosomatic* de 2015, 1 a cada 457 gravidezes podem ser silenciosas até a vigésima semana, e 1 em cada 2455 podem ser silenciosas até o parto. A vítima também contou que o médico não teve empatia alguma por ela, e ainda, a fez escutar o coração do bebê, além de dizer que 50% do DNA da criança era dela e que ela tinha a obrigação de amá-la.

A atitude do médico de Klara diz muito sobre como a sociedade e sobretudo os profissionais de saúde, que deveriam priorizar o bem-estar da paciente, propagam visões moralistas acerca da maternidade. Semanas antes desse caso vir a público, uma menina de 11 anos, em Santa Catarina, engravidou em decorrência de um estupro e teve o direito ao aborto legal negado pelo hospital, sob justificativa de que o aborto não é indicado após a vigésima segunda semana de gestação, quando na verdade o Código Penal brasileiro, desde 1940, autoriza o aborto em casos de estupro independentemente do período gestacional em que a mulher se encontra. O hospital disse que só realizaria o processo com uma autorização judicial, e a juíza responsável pelo caso incentivou a menina a seguir com a gestação. No início do mês de junho de 2022, mês em que o caso de Klara foi divulgado e nem um mês depois do caso dessa menina, o Ministério da Saúde divulgou uma cartilha intitulada “Atenção técnica para prevenção, avaliação e conduta nos casos de abortamento” voltada para os profissionais da saúde, na tentativa de melhor auxiliá-los ao lidar com determinados casos. Contudo, ao invés de orientar realmente os profissionais da saúde sobre como proceder em casos de aborto permitidos pela legislação, o documento compartilha noções enraizadas sobre o aborto, de cunho fundamentalmente cristão, afirmando que “não existe aborto legal”. Era assim que profissionais da saúde, pelo menos no governo anterior, eram preparados para lidar com o abortamento no Brasil.

Mesmo possuindo o direito ao aborto legal, Klara decidiu por ter a criança e entregá-la posteriormente para a adoção. A atriz passou por todas as etapas de um processo adotivo na tentativa de permitir que a criança crescesse em um lar com uma família que a ame, com uma mãe que olhe para ela com amor e não com a lembrança de uma violência que deixa marcas para a vida toda. Não bastasse toda a dor de ser violentada sexualmente, engravidar em decorrência dessa violência, descobrir a gravidez dias antes do parto, optar por ter a criança e reconhecer que

não poderia dar a ela o amor necessário, Klara ainda se deparou com a maldade de pessoas que deveriam protegê-la e garantir a segurança da sua privacidade.

De acordo com o artigo 52 do Código de Ética dos Profissionais da Enfermagem - CEPE - é dever de todo enfermeiro manter sigilo sobre os fatos que venha a ter conhecimento em razão de sua atuação profissional, salvo algumas exceções, como por exemplo, quando há o consentimento por escrito do(a) paciente ou o consentimento do representante legal do(a) referido(a) paciente. Mas, no caso de Klara, o Código de Ética não foi cumprido como o esperado por um profissional de enfermagem. Em sua carta aberta, ela conta que, logo após o parto, ainda anestesiada, foi ameaçada por uma enfermeira de ter a sua história vazada para um colunista. Minutos depois de ouvir essa ameaça, vinda de uma profissional da saúde, logo que chegou ao quarto, já havia em seu celular mensagens do colunista citado pela enfermeira, que já sabia de tudo, menos que se tratava de um estupro. Foi dessa forma que o caso veio à público pela primeira vez pelas mãos do jornalista já citado nesta seção, Matheus Baldi, que rapidamente apagou a publicação após o apelo da atriz. No entanto, a notícia já estava no mundo midiático e os ataques a ela estavam apenas começando.

Leonardo Antônio Lima Dias, chamado popularmente pelo nome artístico de Leo Dias, é um jornalista e atua como colunista do portal Metrôpoles desde 2009, sendo conhecido na mídia por ter o seu nome sempre envolvido em polêmicas. Leo, no dia 16 de junho de 2022, esteve no Talk show *The Noite* com Danilo Gentili, transmitido pelo Sistema Brasileiro de Televisão, SBT. No programa, o jornalista foi questionado pelo apresentador se possuía alguma informação de algum famoso que o teria “chocado”. Leo inicia a sua resposta afirmando que viveu um dilema naquele mês, sobre uma informação que, segundo ele, “faz a sociedade se questionar”. O colunista do Metrôpoles continua contando que é um fato envolvendo uma atriz, algo “muito pesado” e segue dizendo que “o carma vai ser grande”. O apresentador questiona se é uma pessoa “que tá enganando todo mundo”, e o jornalista diz que “envolve vidas”. Danilo segue falando: “Você está me dizendo que é uma atriz que vende uma imagem, que todo mundo acha que é santinha...”, ao que, Leo concorda, afirmando que “a conta vai chegar” e que ele considera aquilo uma “maldade”. Embora não tenha citado nomes, Leo Dias estava se referindo o tempo inteiro a Klara Castanho.

As indiretas e especulações sobre o caso da atriz, sem citar nomes, não pararam. Antonia Fontenelle, autointitulada jornalista e atriz, esteve presente, no dia 17 de junho de 2022, no Podcast *Papagaio Falante*, comandado por Sérgio Malandro e Renato Rabelo. Na ocasião, Fontenelle, assim como Leo Dias, também citou indiretamente o ocorrido com Klara. Antonia possui um canal no *YouTube* chamado *Na Lata com Antonia Fontenelle*, com mais de dois milhões de inscritos. No dia 23 de junho de 2022 (coincidentemente o mesmo dia em que a gravação dela no Podcast *Papagaio Falante* foi para o ar), em uma live no seu canal, a qual ela denominou “A COBRA VAI FUMAR!”, ela voltou a comentar sobre o caso de Klara, mais uma vez sem citar nomes.

Dois dias após as indiretas à atriz, feitas por Antonia Fontenelle, o jornalista Leo Dias utilizou de seu espaço na coluna *Metrópoles* e publicou uma nota a respeito do caso, intitulada “Estupro, gravidez indesejada e doação: a verdade sobre Klara Castanho”. Neste mesmo dia, Klara postou a sua carta aberta no *Instagram* explicando tudo. A partir daí, uma onda de apoio à atriz se formou na internet, com pessoas anônimas e famosas comovidas com as múltiplas violências sofridas por ela, sendo uma delas a exposição de sua história pela mídia. Conforme o artigo 6 do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, é dever de todo e qualquer jornalista “II - divulgar os fatos e as informações de interesse público” e “VIII - respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão.”

Mesmo após o caso da atriz se tornar público, Antonia Fontenelle não deixou de dar suas declarações, porém dessa vez sem se utilizar da estratégia de não citar nomes, já que o caso havia se tornado do conhecimento de todos e todos sabiam de quem se tratava. Em uma entrevista concedida ao *Diário de S. Paulo*, Fontenelle disse que “estuprador não tem que ser protegido, [mas], sim, exposto”, além de afirmar que Klara deveria “colaborar com a polícia”, ou seja, entregar a identidade do homem que a violentou. Uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em 2023, apontou que o Brasil tem, por ano, cerca de dois estupros por minuto. Esses casos de estupros por minuto no Brasil apontam o número alarmante de 822 mil casos de estupro por ano no país, quase um milhão de vítimas de violência sexual. Desses, no entanto, segundo os dados levantados pelo Ipea, somente 8,5% deles são denunciados para a polícia, e 4,2% são reconhecidos pelo sistema de saúde.

À vista disso, além da rede de apoio que se formou em torno da atriz, um número significativo de pessoas se sentiu no direito de expor suas opiniões sobre a atitude de Klara de entregar a criança para a adoção ao invés de assumir a maternidade. Ela, então, ainda que, acostumada a lidar com espectadores, viu sua intimidade exibida para milhões de pessoas que não pensaram antes de condenar sua atitude. E, como já comentado na introdução deste trabalho, são alguns dos comentários em redes sociais, especificamente os da página da revista CARAS Brasil no *Facebook*, que constituem o *corpus* desta pesquisa. Dessa forma, na próxima seção será explicada como se deu a escolha por determinada publicação e revista.

Até o momento da escrita deste trabalho, houve algumas atualizações no que diz respeito ao caso da atriz brasileira. A primeira atualização, noticiada pelos veículos de informação no dia 20 de março de 2024, afirma que o Hospital e Maternidade Brasil, pertencente à Rede D'Or São Luiz e localizado em Santo André, São Paulo, que realizou o parto da atriz, foi condenado a pagar 200 mil reais a ela por danos morais. Vale salientar que, inicialmente, o valor da indenização havia sido definido em 1 milhão de reais; porém a 1ª Câmara de Direito Privado do Tribunal de Justiça de São Paulo reduziu expressivamente o valor (Honório, 2024).

De acordo com o juiz da 8ª Vara Cível de Santo André, responsável pela sentença favorável à atriz, os fatos que envolviam o acontecido com ela "foram vazados e explorados indevidamente, com requintes de crueldade moral inacreditáveis". Como já fora comentado anteriormente, um membro da equipe do hospital não agiu da forma correta e acabou infringindo a Constituição Federal e a Lei Geral de Proteção de Dados, passando informações ao jornalista Leo Dias, de acordo com a sentença declarada, "praticamente em tempo real" (Honório, 2024).

Conforme apresentado acima, a atriz e autointitulada jornalista Antonia Fontenelle também foi uma das responsáveis por trazer a situação para o foco da mídia brasileira. Em 10 de junho de 2024, o nome dela esteve mais uma vez envolvido com o caso da atriz, isso porque vazaram áudios antigos de Antonia, mais precisamente do momento em que todos os olhos estavam voltados para este acontecimento. Os áudios de *WhatsApp* foram divulgados pelo jornalista Mário Freitas Franco, conhecido popularmente como "OPortuguês", que no passado manteve uma relação de amizade com ela (Carvalho, 2024).

De acordo com o jornalista, o que o motivou a realizar essa exposição foi o vídeo feito por ela exibindo áudios dele que, de acordo com o mesmo, foram “deturpados”. Com a intenção de rebater as provocações, Mário expôs *prints* deles dois, com mensagens de texto e áudio, onde, dentre muitas conversas, Antonia diz que: “Eu falei do assunto da clara no Sérgio malandro mas dei nome ficou todo mundo choque”, seguido de dois áudios, em que ela diz: “Ele não vai me falar (Léo Dias) eu acho que não mataram a criança não, acho que deram, acho que deram a criança, entendeu?” e “levantar e pergunta ‘O Klara cadê a criança? Porque você não vai estar inventando nenhuma história, a história existe, se você levantar essa bandeira e nego vier pra cima de você, você fala eu só quero saber onde tá a criança, é só ela dizer onde é que tá a criança gente, o que que foi feito com essa criança, porque isso é um crime, Mário, não é você o criminoso, você é só um jornalista que tá reportando isso” (Carvalho, 2024).

3.2 Por que a CARAS? Uma escolha justificável

Afirmou-se, na introdução deste trabalho, a partir dos pressupostos teóricos da Análise Dialógica do Discurso, que a relação do pesquisador com seu objeto de análise nunca é neutra. Logo, para a teoria, ao escolher por seu objeto e seu *corpus*, o pesquisador está imprimindo um pouco de si, estabelecendo uma relação dialógica com o que pretende analisar. A escolha do pesquisador é permeada por seu horizonte avaliativo e, como comentado na seção citada, trabalhar com determinado acontecimento não se deu ao acaso. Trata-se de um caso que tomou uma proporção nacional, por se tratar de uma pessoa pública, o que fez com que vários veículos de comunicação divulgassem notícias sobre ele.

Para Sobral (2009, p. 12), “toda escolha é uma avaliação ou uma defesa prévia do percurso seguido”. Nesse contexto, trabalhar com a notícia veiculada pela página da revista CARAS também foi uma escolha, já que havia muitas outras páginas noticiando a mesma informação.

Logo após a violência sofrida por Klara Castanho tornar-se pública, muitas plataformas de mídias sociais noticiaram o caso da atriz e continuam, até o presente momento em que se está escrevendo este trabalho, publicando quaisquer atualizações a seu respeito, conforme vimos acima.

Pode-se observar, ao longo das últimas décadas, grandes avanços no que diz respeito ao mundo digital. Embora algumas pessoas no Brasil ainda não tenham acesso à internet, para uma parcela da população é impensável viver *off-line*. À vista disso, muitas delas se atualizam sobre notícias que envolvem os mais variados nichos que compõem a vida em sociedade de maneira *on-line*, com apenas um clique. No entanto, nem sempre foi assim, antes da migração das mídias tradicionais para a internet, como jornais e revistas, uma das formas da população informar-se sobre o que vinha acontecendo no Brasil e no mundo acontecia através de jornais e revistas impressos. Em 2024, no entanto, jornais e revistas impressos podem ser vistos como algo antiquado para algumas pessoas, sobretudo para aquelas que compõem a chamada geração Alpha, formada por aqueles cujas certidões de nascimento datam a partir de 2010, que se constitui como uma geração fortemente influenciada pelas mídias digitais.

Um exemplo de mídia tradicional que migrou para a internet é a revista CARAS do empresário argentino Jorge Fontevicchia. A revista CARAS brasileira surgiu em 1993, a partir da pioneira CARAS Argentina. Em solo brasileiro, ela foi editada, primeiramente, pela editora Abril e, posteriormente, após um acordo da Abril com o Grupo Impresa, passou a ser editada por ambos.

Assim como algumas revistas similares, a revista CARAS Brasil tem como foco o compartilhamento de informações acerca do mundo das celebridades e pessoas influentes na sociedade. O que mais interessa é compartilhar com seu público-alvo notícias sobre atores, atrizes, jogadores de futebol, modelos, empresários etc. Todavia, é importante salientar que a preferência do periódico é mostrar os ambientes “badalados” frequentados por famosos, tornando notícia, por exemplo, *hobbies*, viagens, compras etc.

Entre os veículos que noticiaram o objeto de pesquisa deste trabalho, a revista supracitada foi um deles, tanto em seu site, como em suas páginas em redes sociais como o *Facebook* e o *Instagram*. Como já comentado no início da presente seção, não apenas o vazamento da violência foi noticiado, assim como tudo o que veio a ocorrer posteriormente. Sendo assim, a página da revista no *Facebook* publicou, no dia 07 de julho de 2022, informações sobre um *post* no *Instagram* da atriz, publicado no dia 06 de julho de 2022, onze dias após a publicação da carta aberta. No *post*, ela agradeceu ao apoio que vinha recebendo de amigos e fãs e relatou a dificuldade que estava enfrentando nos dias que sucederam a exposição

do caso. A jovem atriz também compartilhou com o público que estava fazendo acompanhamento psicológico e lutando pelos seus direitos.

A escolha pela publicação em questão se deu em decorrência da notícia compartilhada por ela ser uma em que Klara divide com seus seguidores sua fragilidade e as consequências do trauma sofrido. O jornalista Leo Dias, responsável pela divulgação para a imprensa da gravidez em consequência do estupro, juntamente com Antonia Fontenelle, foram algumas das pessoas famosas que julgaram duramente a atriz por sua atitude de entregar para adoção a criança gerada a partir de uma violência.

Os julgamentos, entretanto, não se limitam a Leo e Antonia; pessoas anônimas se sentiram no direito de julgar, proferindo comentários em redes sociais. Posto isso, mesmo depois de a atriz se mostrar tão frágil diante do ocorrido, muitas pessoas continuaram julgando, sem se importar com o momento complicado que ela relatou estar enfrentando. Em um trabalho que se ancora na teoria da Análise Dialógica do Discurso, os comentários de uma publicação atuam como respostas não apenas ao que foi noticiado, mas também respondem aos enunciados que chegaram até essas pessoas anteriormente, do mesmo modo como suscitam respostas posteriores.

Essa longa explicação a respeito da escolha pela publicação que noticiou o fato, discorrida no parágrafo anterior, ainda não é suficiente, uma vez que muitas outras páginas de redes sociais também divulgaram a mesma notícia em seus perfis. Dessa forma, é preciso indicar a preferência pelo veículo em questão também deve ser justificada. Os números da revista no *Facebook* mostram que suas publicações chegam a muitos perfis, o que possibilita uma significativa interação dos usuários nas publicações. Até o momento de coleta de *corpus* a página contava com 3.293.744 curtidas e 4.498.853 seguidores. Além disso, o público-alvo da revista sempre foi o feminino, e, antes mesmo de ela chegar às plataformas digitais, o editorial já era pensado, desenvolvido e direcionado às mulheres. Muitos homens interagem com a revista, mas seu público é formado majoritariamente por mulheres.

Na próxima seção do capítulo, vamos apresentar de que maneira o *corpus* do trabalho foi coletado, bem como quais foram os critérios adotados para o seu recorte, além de dissertar um pouco mais sobre a relação do pesquisador com seu objeto de pesquisa.

3.3 Como coletar um *corpus* tão grande? - Os comentários-enunciados e o seu recorte

O *corpus* desta pesquisa é formado por 4,9 mil comentários. Além deles, a publicação³ também conta com 48 mil reações, sendo 38 mil “Curtidas”, 5,2 mil reações de “Força”, 4,4 mil reações de “Amei”, 100 reações de “raiva”, 73 reações de “Haha”, 53 reações de “Triste” e 8 reações de “Uau”. No entanto, à pesquisa interessam apenas os comentários, sobretudo os comentários proferidos por perfis femininos, dado que esta pesquisa tem como temática a questão da maternidade, algo que acarreta principalmente as mulheres.

Embora existam alguns sites *on-line* que coletam comentários de uma publicação no *Facebook* de maneira automática, a seleção desse *corpus* foi feita manualmente, através de capturas de tela. Optou-se pelas capturas devido à crença de que estas aproximam mais o pesquisador do seu objeto de pesquisa. Desse modo, cada captura de tela correspondeu, em média, a uma sequência de quatro comentários, sendo estes recortados um por um e inseridos em categorias criadas para a pesquisa.

Logo abaixo será debatida a questão do método dentro dos textos do Círculo de Bakhtin, porém é importante salientar que a ADD não dispõe de um método formal de análise. De acordo com Brait (2006), tentar definir a teoria bakhtiniana e estabelecer métodos fechados seria contrariar as afirmações presentes nos textos da própria teoria, que consideram que estamos em constantes interações dialógicas. O que Brait e outros estudiosos do Círculo defendem é que se tem um amplo arcabouço epistemológico que possibilita a construção de possíveis parâmetros metodológicos.

Dessa forma, cada pesquisador, no seu ato de fazer pesquisa, irá estabelecer suas categorias para analisar o seu *corpus*. Essas categorias serão criadas exclusivamente para a pesquisa e para os objetivos que determinada pesquisa busca alcançar; logo, uma outra pesquisa exigirá outras categorias, uma vez que apresentará outros objetivos. Muitos estudiosos brasileiros que se dedicam aos estudos do Círculo defendem que o pesquisador não pode ir para o seu *corpus* já com suas categorias definidas, é preciso que o pesquisador deixe ele se revelar, é o

³ Link da publicação:
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=10159834658709985&set=a.444416314984>

contato do pesquisador com ele que irá aguçar a criação delas, como, por exemplo, Brait, 2006; Geraldi, 2012; Oliveira; Huff; Acosta Pereira, 2019; Paula, 2013; Paulo; Moreira, 2012; Rohling, 2014; Ruiz, 2017; Santos; Almeida, 2012; Sobral; Giacomelli, 2018; Stafuzza, 2019. Observar o *corpus* de pesquisa com categorias pré-estabelecidas pode acabar frustrando o pesquisador porque ele pode procurar por suas categorias elaboradas anteriormente e não encontrá-las, além de limitar o olhar do pesquisador, não permitindo a identificação de outras categorias.

Após a exaustiva coleta do *corpus*, as pesquisadoras foram investigá-lo, sem categoria alguma desenvolvida anteriormente. Foi a partir do olhar atento das pesquisadoras que as categorias então se revelaram. Todos os comentários-enunciados que apoiavam a atriz e sua atitude foram descartados da análise.

Ao adentrar o *corpus* sem nada pré-definido, apenas com a certeza de que os comentários que a apoiavam não entrariam na análise, a pesquisadora pôde perceber regularidades nos comentários-enunciados que a julgavam, permitindo o encaixe deles em cinco categorias. A primeira categoria elaborada refere-se ao grupo que a julgava por entregar o filho para adoção; a segunda categoria refere-se ao grupo que a julgava por não ter denunciado o estupro, a terceira categoria refere-se ao grupo que duvidavam se realmente houve um estupro, a quarta categoria ao grupo que duvidava da veracidade da história em si e a quinta e última categoria, ao grupo que enunciava que um dia ela irá se arrepender.

Após a criação das cinco categorias e a inserção dos comentários-enunciados em cada uma delas, acreditou-se ser importante nomeá-las. Cada categoria foi nomeada a partir de fragmentos dos comentários-enunciados presentes no *corpus*, sendo assim, a primeira categoria recebeu o nome de “DEU O FILHO COMO SE FOSSE UM CACHORRO’: aqueles que a julgam por entregar a criança para adoção”, a segunda foi nomeada como: “PROTEGE O ESTUPRADOR’: aqueles que a julgam por não denunciar”; a terceira foi intitulada como: “SERÁ QUE FOI ESTUPRO MESMO?’: aqueles que duvidam do estupro”; a quarta foi nomeada: “ESSA CONTA NÃO BATE!’: aqueles que duvidam da veracidade dos fatos”; e a quinta e última recebeu o nome de: ‘UM DIA ELA VAI SE ARREPENDER’: aqueles que creem em seu remorso”.

A criação das categorias de análise apresentadas acima se deu após a necessidade de tatear o *corpus* de pesquisa de forma mais aprofundada, tendo em

vista a relação inicial do pesquisador com o seu objeto, conforme observamos em Volóchinov:

No início da pesquisa não se pode construir uma definição, apenas indicações metodológicas: é preciso, antes de mais nada, apalpar o objeto real da pesquisa, destacá-lo da realidade circundante e apontar previamente seus limites. No início da pesquisa, quem busca não é tanto o pensamento que cria fórmulas e definições quanto os olhos e as mãos que tentam apalpar a existência real de um objeto (Volóchinov, 2018, p.143).

Tentou-se, ao longo dessa seção e das anteriores, desenvolver algo que já havia sido indicado na justificativa de pesquisa: a relação do pesquisador com o seu objeto. De acordo com Filho (2020, p. 14), “É o sujeito pesquisador que, com sua assinatura, Torna-se responsável pela escolha do *corpus*, da vertente teórica, do encaminhamento metodológico, do método e dos critérios da análise”

3.4 “A ênfase é a interseção” - Descrição-análise-interpretação - Procedimentos metodológicos

Embora o Círculo de Bakhtin nunca tenha proposto categorias de análises para os discursos, é possível encontrar, sobretudo em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, alguns princípios que poderiam nortear uma análise ancorada na teoria dialógica. Contudo, antes de apresentarmos quais os indícios de metodologia presentes na teoria, bem como os parâmetros analíticos propostos por Sobral (2006, 2010), a partir de estudos de Brait, que serão o pilar para as análises subsequentes, faz-se importante teorizar a respeito do objeto de pesquisa para Bakhtin.

A filosofia da linguagem, desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin ao longo dos seus estudos, não serve apenas às disciplinas dentro do ramo da linguística, mas também auxilia nas pesquisas em ciências humanas no geral, já que enxerga a linguagem a partir de um viés sociológico e histórico, sendo o Círculo um nome presente nos trabalhos da área. O livro *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*, publicado pela primeira vez em 2017, reúne três ensaios de Bakhtin. Em um deles, intitulado *Por uma metodologia das ciências humanas*, o autor apresenta qual seria o “objeto” delas para ele, ou seja, “o ser expressivo e falante” (Bakhtin, 2017, p. 59).

Bakhtin elabora sua teoria a respeito do objeto das ciências humanas realizando uma crítica às ciências exatas, já que, para o autor, essas ciências

apresentam uma forma monológica de conhecimento. Essa forma monológica diz respeito ao fato de que, dentro deste tipo de ciência, tem-se um objeto, ou como o próprio autor diz, uma "coisa", e uma constatação sobre essa "coisa" é expressada. Todavia, como vimos na citação do parágrafo anterior, o objeto das ciências humanas para Bakhtin é o "ser expresso e falante"; logo, de maneira alguma pode-se atribuir-lhe uma visão monológica. Como vimos no capítulo sobre a teoria bakhtiniana, a vida é dialógica, inclusive aquilo que se crê ser monológico, para a teoria bakhtiniana, sempre é dialógico. Segundo o filósofo da linguagem, nas ciências exatas só existe um único sujeito, o pesquisador que observa algo e compartilha alguma conclusão a respeito do que é observado. Esse tipo de análise é monológica, uma vez que o objeto de pesquisa é visto como um instrumento, sem voz alguma (Bakhtin, 2017).

Conforme afirma Bakhtin, o ser humano pode ser colocado neste lugar de contemplação: porém, dentro do defendido pela teoria bakhtiniana

o sujeito como tal não pode ser percebido e conhecido como coisa [...] o sujeito não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode se tornar mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser *dialógico* (Bakhtin, 2017, p. 66, grifos do autor).

Em outras palavras, o que Bakhtin está afirmando na citação acima é que o sujeito não é algo que possa ser observado ou percebido de maneira abstrata ou passiva, desprovido de contexto. Dessa forma, o pesquisador só pode ter um conhecimento dialógico do sujeito, dado que este sujeito é composto de muitas outras vozes, assim como o pesquisador também é composto de outras vozes.

Conforme exposto no capítulo *A língua, a palavra, são quase tudo na vida do homem. O Círculo de Bakhtin e sua percepção dialógica acerca da linguagem*, o sujeito se manifesta através de enunciados concretos, sendo este conceito utilizado, em algumas obras do Círculo, como sinônimo para texto. Na obra *Os gêneros do discurso*, Bakhtin afirma que, se não há texto, "não há objeto de pesquisa e pensamento" (Bakhtin, 2016, p. 71). Dessa maneira, o ser expressivo e falante se expressa mobilizando textos, pois, segundo o autor, "O texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências)" e deve ser considerado a partir de seu "sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos" (Bakhtin, 2016, p. 71).

Tendo estabelecido o objeto das ciências humanas para Bakhtin, chegamos aos indicadores metodológicos presentes em outra obra do Círculo já mencionada acima, ou seja, *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, buscando meios para analisar este objeto. Volóchinov (2018, p. 110) apresenta três exigências metodológicas que considera fundamentais para uma análise do signo ideológico, meio pelo qual “o ser expressivo e falante” se manifesta:

1) *Não se pode isolar a ideologia da realidade material do signo (ao inseri-la na “consciência” ou em outros campos instáveis e imprecisos).* 2) *Não se pode isolar o signo das formas concretas da comunicação social (pois o signo é uma parte da comunicação social organizada e não existe, como tal, fora dela, pois se tornaria um simples objeto físico).* 3) *Não se pode isolar a comunicação e suas formas da base material (Volóchinov, 2018, p. 110, grifos do autor).*

Ao propor “passos” para o estudo dos signos ideológicos, o autor aponta que a ideologia não pode se desvincular da realidade material e palpável do signo. Do mesmo modo, ao realizar uma análise de um signo ideológico, também não se pode isolá-lo de suas formas concretas da comunicação social. Melhor dizendo, todo signo está inserido dentro de um gênero discursivo e de um campo de atividade, pois, caso o isolemos fora dessa forma concreta, ele se igualará ao objeto das ciências exatas. Por último, a comunicação e suas formas não podem ser separadas da sua base material.

Encontra-se também, em outra passagem do texto *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, uma ordem metodológica para o estudo da língua: a língua encarada como uma unidade concreta e viva, e não como mero objeto da linguística. (Bakhtin, 2002), como destacado a seguir:

1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual (Volóchinov, 2018, p. 220).

Na sequência apresentada acima, o autor nos mostra que, para analisar a língua, os variados tipos de interação discursiva não podem ser desvinculadas da situação real de comunicação. Ele segue e afirma, ao apresentar o segundo tópico, que os enunciados concretos também não podem ser desassociados dos gênero discursivo do qual fazem parte. Por último, ele enfatiza que uma revisão das formas

da língua em sua concepção linguística deve ser considerada, levando em consideração as marcas linguísticas.

Como se pode observar, os dois indícios metodológicos presentes em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* demonstram concordância. No entanto, o Círculo não os apresenta como categorias estáticas que devem ser levadas à risca; o que eles fornecem é apenas um suporte para a realização de uma análise. Tanto é assim que não se encontram obras que versam especificamente sobre metodologia dentro dos escritos do Círculo. Diante deste contexto, sem dispor de um método formal de análise, o que se espera é que cada pesquisador estipule os seus próprios fundamentos a partir do seu objeto de análise. A criação de um método rígido de análise iria contra as próprias concepções da teoria, que defende o caráter dialógico da linguagem. Dessa maneira, de acordo com Brait (2006, p. 14, grifos da autora) “Não há categorias *a priori*, aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos, com a finalidade de compreender formas de produção de sentido num dado discurso, numa dada obra, num dado texto.” Assim, a teoria da análise dialógica do discurso não defende a aplicação da teoria bakhtiniana como um meio para compreensão de um enunciado específico. O que a teoria dialógica defende, na verdade, é que o pesquisador permita que o enunciado se revele para ele por meio das relações dialógicas.

Dentro desse contexto, Sobral (2006), em consonância com o proposto por Volóchinov (2018), e a partir de estudos desenvolvidos por Brait, mas nunca publicados, desenvolveu alguns parâmetros analíticos a serem levados em consideração no momento de uma análise fundamentada pela teoria bakhtiniana, denominado descrição-análise-interpretação. O desenvolvimento de determinados parâmetros analíticos deu-se na tentativa de auxiliar pesquisadores, mas eles não constituem um método rígido de análise, não podem ser considerados uma metodologia no sentido estrito deste termo. Mais adiante, cada um dos parâmetros serão apresentados separadamente; todavia, isso será feito apenas a título de explicação, uma vez que eles se dão de forma interligada, com ênfase na interseção (Sobral, 2006).

De acordo com o autor, uma análise dentro da Análise Dialógica do Discurso deve partir do gênero do discurso a qual determinado enunciado está inserido. Em outra contribuição metodológica do Círculo, encontra-se porque uma análise que considere os diferentes campos da atividade humana é importante:

um trabalho de pesquisa acerca de um material lingüístico concreto - a história da língua, a gramática normativa, a elaboração de um tipo de dicionário, a estilística da língua, etc. - lida inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais), que se relacionam com as diferentes esferas da atividade e da comunicação: crônicas, contratos, textos legislativos, documentos oficiais e outros, escritos literários, científicos e ideológicos, cartas oficiais ou pessoais, réplicas do diálogo cotidiano em toda a sua diversidade formal, etc. É deles que os pesquisadores extraem os fatos lingüísticos de que necessitam (Bakhtin, 2003, p. 283).

Sendo assim, tendo em vista a importância para a teoria da inserção do enunciado em uma determinada esfera de atividade humana, Sobral (2009) defende que uma análise a partir de gêneros deve levar em conta princípios macrogenéricos e microgenéricos. O princípio macrogenérico está relacionado, como o próprio nome já diz, ao nível macro, ou seja, à esfera de atividade do gênero. Consequentemente, o nível micro está relacionado aos “pequenos detalhes”, ou seja, à materialidade textual e lingüística do gênero.

No macronível de análise, o autor pontua alguns procedimentos que devem ser considerados, não de forma ordenada, mas todos juntos ao mesmo tempo na realização de uma análise de gêneros. O analista deve, de acordo com Sobral (2009), “Determinar em que esfera(s) de atividade se situa o gênero que mobiliza o texto a ser analisado, a fim de descrever sua forma específica de realização de atos discursivos num dado momento histórico” (Sobral, 2009, p. 131). Também é importante, segundo o autor, o pesquisador “Desvendar o que confere, no âmbito da esfera, certas características ao gênero, reconhecendo com isso que esfera e gênero se constituem mutuamente.” (Sobral, 2009, p. 132) Além disso, ele também deve “Examinar, à luz desses elementos, as discursividades que se manifestam e as textualidades mais ou menos típicas do gênero em análise, levando em conta as discursividades e textualidades que se fazem presentes em diferentes gêneros” (Sobral, 2009, p. 132). Por último, dentro do nível macro, o pesquisador precisa

Partir ao mesmo tempo do particular (o texto dado) para o geral (o postulado a ser descoberto no plano do discurso do ponto de vista do gênero) ou seja, das marcas que a enunciação deixa nos enunciados, e do geral (o contexto em sentido amplo) para o particular (a inserção do texto num dado contexto), a fim de dar conta do fato de que o extradiscursivo só existe no discurso intradiscursivizado, mas nem por isso é menos extradiscursivo (e vice-versa) (Sobral, 2009, p. 132).

No que tange ao micronível de análise, o autor salienta que é importante “Analisar qualitativamente os elementos que permitam caracterizar os textos como

membros de um gênero, e revelar suas especificidades como gênero em termos da esfera de produção, circulação e recepção” (Sobral, 2009, p. 132). Ademais, ele também pondera que é importante observar “as estratégias de inter-auto-formação dos textos a partir dos gêneros” (Sobral, 2009, p. 132), O teórico também diz que é necessário examinar “os modos específicos de esse gênero criar interação(ões) locutor-interlocutor, ou seja, as formas de auto-atribuição de competência enunciativa pelo autor objetivado” (Sobral, 2009, p. 132). Por último, dentro do nível micro, o pesquisador precisa “Analisar os modos específicos de o locutor buscar levar o interlocutor a aceitar as “teses” defendidas em seu projeto enunciativo no âmbito do gênero.” (Sobral, 2009, p. 132)

Assim, considerando os pontos levantados tanto no nível macro quanto no nível micro, o autor propõe a descrição, a análise e a interpretação. Segundo Sobral (2006), a etapa de descrever consiste em posicionar em qual esfera de produção, circulação e recepção o enunciado a ser analisado está, assim como apontar qual a materialidade do enunciado, ou seja, de que forma ele se apresenta. Nesta etapa, o objeto de pesquisa será visualizado e descrito, considerando as marcas linguísticas e enunciativas. É neste momento que o analista coloca “a mão na massa” (Sobral, Giacomelli, 2016, p. 1093).

Transpondo a etapa anterior para esta pesquisa, a pesquisadora deverá descrever o gênero discursivo em que os comentários-enunciados estão inseridos, neste caso, a rede social *Facebook*. Logo após, ela deverá descrever a publicação em questão de onde os enunciados foram coletados, incluindo o número de comentários e verificando se o comentário-enunciado responde diretamente a algum outro enunciado presente no *corpus*. Ela deve transcrever este enunciado em termos de sua materialidade linguística e apontar suas características enunciativas.

Na sequência, vem a análise, momento em que o analista toma conhecimento sobre as duas partes do enunciado analisado: a parte linguística e a enunciativa, em que ele observará a intenção do locutor com o seu dizer, pois, como vimos no capítulo 2, não há neutralidade no discurso (Sobral, 2016).

Tendo em vista a segunda etapa apresentada, a da análise, se a situarmos nos comentários-enunciados do trabalho, a pesquisadora irá examinar se o que está na materialidade linguística coincide com o tema (tema para a teoria bakhtiniana) do enunciado e se há um subtema e um tema dominante presente ali. Aqui, todo o

contexto que envolve o enunciado deve ser considerado, incluindo suas características sociais e históricas, seu espírito de época (*Zeitgeist*).

Assim chega-se ao último passo proposto pelo estudioso: a interpretação. Na interpretação, as duas etapas anteriores, descrição e análise, unem-se para que os possíveis sentidos do enunciado sejam extraídos e mobilizados, revelando, assim, o tema do enunciado. Sendo assim, tentaremos, nos enunciados coletados no *corpus* de pesquisa, ir além do que eles nos mostram em um primeiro momento, afirmando que ele não é apenas um comentário “ingênuo” inserido em uma publicação que apareceu para o interlocutor no momento em que ele estava navegando no seu *feed* de notícias e resolveu comentar. O que se buscará mostrar, na verdade, é que aquele comentário é um enunciado concreto, que possui um autor situado historicamente e que atribui um determinado valor ideológico à atitude da atriz Klara Castanho.

Conseguimos observar, a partir da explicação de cada um dos parâmetros metodológicos propostos por Sobral, a partir de estudos de Brait e principalmente do Círculo de Bakhtin, que a teoria bakhtiniana em momento algum coloca a linguística em detrimento da metalinguística, como vimos no capítulo 2. Segundo Brait,

a abordagem do discurso não pode se dar somente a partir de um ponto de vista interno ou, ao contrário, de uma perspectiva exclusivamente externa. Excluir um dos polos é destruir o ponto de vista dialógico, proposto e explicitado pela teoria e pela análise, e dado como constitutivo da linguagem (Brait, 2006, p. 59).

A partir do que foi apresentado na citação acima, excluir um dos polos teria o mesmo valor que a elaboração de um método rígido de análise, indo contra a própria concepção dialógica de linguagem do Círculo. Ignorar um desses aspectos seria prejudicial, pois a abordagem que se crê ideal é a que mantém um equilíbrio entre eles. Isso é crucial para entender a linguagem em sua totalidade, conforme defendido pela teoria e análise em questão.

Finalizamos esta seção, na qual buscamos apresentar o objeto de pesquisa para Bakhtin, os indícios metodológicos presentes nos escritos do Círculo e os parâmetros analíticos desenvolvidos por Sobral (2006, 2010), explicitando como eles serão utilizados na análise dos enunciados, possibilitando que a analista observe o enunciado como um todo dotado de concretude, evitando que vá para o texto condicionada a enxergar o que deseja.

4. “A alma do compreendedor não é *tabula rasa*” - análise de cinco comentários-enunciados

Neste capítulo, apresentamos as análises dos comentários selecionados. Conforme mencionado anteriormente, os comentários-enunciados que julgavam a atitude da atriz de não desempenhar o papel da maternidade foram enquadrados em cinco categorias distintas. As categorias foram elaboradas tendo em vista a presença de diferentes tópicos mobilizados para tratar do mesmo tema, que consideramos uma condenação por sua conduta. Cada categoria apresenta um título derivado dos comentários recebidos: “‘DEU O FILHO COMO SE FOSSE UM CACHORRO’”: aqueles que a julgam por entregar a criança para adoção”; “‘PROTEGE O ESTUPRADOR’”: aqueles que a julgam por não denunciar”; “‘SERÁ QUE FOI ESTUPRO MESMO?’”: aqueles que duvidam do estupro”; “‘ESSA CONTA NÃO BATE!’”: aqueles que duvidam da veracidade dos fatos”; “‘UM DIA ELA VAI SE ARREPENDER’”: aqueles que creem em seu remorso”.

Vale ressaltar que, ao adotarmos a seguinte citação de Bakhtin, extraída de sua obra *Os gêneros do discurso* (2016, p. 115, grifos do autor) - “A alma do compreendedor não é *tabula rasa*” - para dar título à seção, estamos reforçando a ideia apresentada no capítulo dedicado à teoria do Círculo de Bakhtin. Determinada ideia refere-se ao fato de que o sujeito em Bakhtin não é um sujeito vazio, ou seja, ele não é uma página em branco. Dessa forma, o sujeito bakhtiniano é composto de várias vozes sociais, podendo a sua compreensão apenas ser dialógica.

- 1) “‘DEU O FILHO COMO SE FOSSE UM CACHORRO’”: aqueles que a julgam por entregar a criança para adoção”

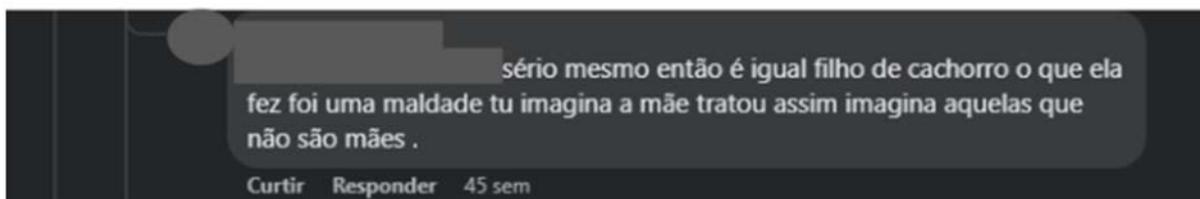


Figura 1: captura de tela elaborada pela autora.

Conforme indicado na metodologia, utilizaremos como princípios norteadores de nossas análises os parâmetros desenvolvidos por Sobral (2006): descrição-análise-interpretação. O primeiro passo indicado pelo autor é o da

descrição, aquele em que devemos situar o enunciado em questão e o contexto que o envolve, pois, segundo Bakhtin (1997, p. 280), “A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana.” Dessa forma, o enunciado está presente na publicação da Revista CARAS Brasil que noticia o retorno da atriz as suas redes sociais, através do *Instagram*. Ele foi proferido por um perfil feminino e responde de maneira direta a um comentário realizado por um perfil também feminino na postagem da revista, já que menciona este perfil ao iniciar o seu dizer, o que justifica o início do *print* do enunciado borrado.

Este enunciado trata-se, portanto, de um enunciado responsivo, em termos bakhtinianos, uma vez que, para a teoria, todo enunciado está sempre respondendo a enunciados que chegaram até ele anteriormente e respondendo a enunciados que ainda nem chegaram, estabelecendo relações dialógicas de sentido com eles. Essas relações dialógicas de sentido, como vimos no capítulo dedicado à Análise Dialógica do Discurso, não são exatamente relações de concordância, podendo ser relações de discordância também. Neste caso, este enunciado estabelece uma relação dialógica de discordância em relação ao enunciado anterior, visto que o enunciado anterior está defendendo a atriz. Ele é responsivo ao enunciado ao qual se refere, mas também é responsivo a muitos outros enunciados.

O enunciado em questão está situado em uma conversa iniciada nos comentários-enunciados da publicação, a partir de um comentário de um perfil feminino que afirmava que o que a Klara fez, doar o bebê para a adoção, foi um ato “muito valioso” e que ela seria “honrada diante de Deus”. O perfil que proferiu o enunciado que iremos analisar respondeu a este enunciado, e assim iniciou-se uma conversa nos comentários da publicação a partir do comentário que elogiava a atitude da Klara. Este perfil, dono do enunciado acima, antes de proferir tal enunciado, objeto de nossa análise, compartilhou um comentário em que afirmava discordar dos elogios proferidos à Klara e dizia que o que ela fez era “falta de amor”. Um outro perfil, também feminino, entrou na conversa que estava ocorrendo nos comentários da publicação para responder ele afirmando que: “falta de amor é pegar uma criança e jogar no lixo, falta de amor é engravidar pq não se preveniu e abortar, ela optou por ter e doar pra uma familia que pudesse dar amor e carinho pra essa criança. Deus tmb não permite que façamos julgamentos da vida de ninguém e vc ta fazendo.” E é assim que chegamos ao comentário-enunciado cuja captura de tela

está acima, que diz: “sério mesmo então é igual filho cachorro o que ela fez foi uma maldade tu imagina a mãe tratou assim imagina aquelas que não são mães .”

Passado o momento da descrição do enunciado, vamos para a análise, onde sua materialidade é apresentada. Conforme indicado por Sobral (2006), a língua não pode de forma alguma ser ignorada durante a análise, mas é necessário ir além dela. Na análise, mobilizamos as marcas linguísticas para chegar às marcas enunciativas, ou seja, tratamos o enunciado para além de seu campo estritamente linguístico. Se nos focarmos apenas na materialidade textual do enunciado, sem considerar o seu contexto extraverbal, mobilizaremos apenas as relações lógicas, conforme afirma Bakhtin (2002), e não as relações dialógicas, que ocorrem na interação.

As relações dialógicas são absolutamente impossíveis sem relações lógicas e concreto-semânticas mas são irredutíveis a estas e têm especificidade própria. Para se tornarem dialógicas, as relações lógicas e concreto-semânticas devem, como já dissemos, materializar-se, ou seja, devem passar a outro campo da existência, devem tornar-se discurso, ou seja, enunciado e ganhar autor, criador de dado enunciado cuja posição ela expressa (Bakhtin, 2002, p. 210).

De acordo com a citação acima, não há como ter relações dialógicas sem haver relações lógicas, ou seja, como já mencionamos, não há como desconsiderar a língua, ela é essencial no processo de análise, mas o trabalho não deve se limitar a ela. Para que ocorram as relações dialógicas, é preciso que o enunciado se torne um discurso de fato, com um autor, um criador.

Dessa forma, o enunciado em questão inicia da seguinte maneira:

“sério mesmo”

Neste momento inicial, a enunciativa realiza um questionamento de forma indireta, uma vez que não faz uso do sinal interrogativo ao dizer “sério mesmo”. A utilização da expressão “sério mesmo” por parte da enunciativa também indica uma surpresa ou indignação ao que foi colocado pelo outro perfil. Ao realizar esse questionamento indireto, a enunciativa demonstra incredulidade em relação ao que foi proferido pelo outro perfil, que avaliou positivamente a atitude da atriz de entregar o bebê para adoção.

Na sequência do enunciado, a locutora continua seu discurso, afirmando:

“então é igual filho de cachorro”

Neste momento, ela utiliza a conjunção conclusiva “então”, não com o sentido de concluir algo, mas sim com o sentido de proposição de resposta a sua própria incredulidade, expressa através de uma pergunta indireta. A resposta da enunciativa é dada quando ela insere: “é igual filho de cachorro”. Neste trecho do enunciado, há uma comparação evidente, observada pelo uso do adjetivo “igual”, utilizado para depreciar o ato da jovem de entregar o bebê para adoção, comparando-o com um costume presente na sociedade de doar filhotes de cachorros quando eles nascem. Além disso, ao comparar o bebê a um cachorro, ou seja, um ser humano a um animal irracional, a autora do enunciado o desumaniza.

Depois a enunciativa continua, afirmando: “o que ela fez foi uma maldade”

Nesse momento, ela utiliza o substantivo “maldade”, que, de acordo com o Dicionário Online de Português, significa: “Característica de mal, da pessoa má, cruel, ruim, perversa; perversidade: cometeu o crime com maldade” ou “Comportamento de quem busca prejudicar ou ofender; desumanidade: nunca soube lidar com a maldade humana.”, entre outros significados encontrados. Ao fazer essa afirmação, a enunciativa também qualifica a atitude de Klara como algo ruim ou até mesmo criminoso.

O enunciado é finalizado da seguinte maneira:

“tu imagina a mãe tratou assim imagina aquelas que não são mães .”

É importante ressaltar um ponto antes de prosseguirmos com a análise, pois ele se repetirá ao longo do capítulo. Conforme discutido no capítulo dedicado ao Círculo de Bakhtin, um enunciado dentro da teoria dialógica nunca é realmente “finalizado”, o que acontece é que há um aspecto interno presente no enunciado, seja ele escrito ou não, que passa a ideia de que ele pode ser respondido e que ocorre “porque o falante disse (ou escreveu) *tudo* o que quis dizer em um dado momento sob dadas condições.” (Bakhtin, 2016, p. 35, grifos do autor) Assim, usamos a expressão “finalizado” apenas para indicar que o enunciado foi concluído em seu aspecto verbal; no entanto, ele continua em relações dialógicas com outros infinitos enunciados.

Nesse momento, a enunciativa utiliza do pronome pessoal da segunda pessoa do singular “tu”, convocando a dona do enunciado mencionado no início do seu discurso para dar sequência ao diálogo. Ao utilizar o verbo “imagina”, embora não na segunda pessoa do singular e sim na terceira, algo muito comum de ocorrer

na fala, ela convoca a outra autora a se mobilizar e, com isso, imaginar e avaliar a atitude da atriz enquanto “mãe” do bebê.

Como vimos acima, as relações dialógicas transcendem a materialidade textual do enunciado. À vista disso, o enunciado em destaque estabelece relações dialógicas de sentido com discursos que consideram egoístas mulheres que não assumem a maternidade, conforme discutido no capítulo dedicado à temática. Ademais, esse enunciado também dialoga com discursos que santificam a figura materna, idealizando-a e impondo expectativas específicas sobre suas atitudes. De acordo com Badinter (1985, p. 270),

Não é boa mãe quem quer. É preciso toda uma preparação espiritual e cristã para admitir a necessidade do sacrifício, e esse esquecimento de si eleva a boa mãe acima da condição humana, espontaneamente egoísta. Ela torna-se portanto uma santa porque o esforço exigido é imenso. Mas, contrariamente às verdadeiras vocações religiosas, que são livres e voluntárias, a vocação materna é obrigatória (Badinter, 1985, p. 270).

A citação de Badinter revela a idealização e santificação da figura materna. Segundo a autora, há um discurso religioso que enfatiza que uma mãe exemplar sacrifica seus próprios desejos em favor do filho, elevando-o acima de si mesma e alcançando um status quase divino, transcendendo sua humanidade.

Dessa forma, conforme demonstrado por Sobral (2006), a interpretação seria a união das tuas etapas anteriores. Sendo assim, o que se pode interpretar a partir da mobilização das marcas enunciativas é que o enunciado avalia de forma negativa a atitude da atriz de doar a criança. Esta categoria de análise, na qual o presente comentário-enunciado está inserido, ““DEU O FILHO COMO SE FOSSE UM CACHORRO’:aqueles que a julgam por entregar a criança para adoção”, foi criada com o objetivo de reunir os enunciados que mobilizaram o tópico da adoção para avaliar o ato da atriz. Sendo assim, como indicado pela teoria bakhtiniana, a palavra, como um fenômeno ideológico, carrega o sentido que o seu enunciador dá. O verbo doar indica a transmissão gratuitamente de alguma coisa a outro – dessa forma, o sentido expresso na oposição ao ato se materializa no uso de uma palavra que expressa o sentido dessa oposição: a atriz doou o filho como se faz com um cachorro.

Além disso, esse enunciado realiza um tema (tema para Bakhtin) que decorre da significação negativa que vimos que ele dá à atitude da atriz de doar o filho, não podendo ser a doação, na visão da enunciativa, uma atitude que se espera de uma mãe. Esse tema consiste em condenar uma mulher por ter entregado o bebê para adoção e não assumir a maternidade dele.

A partir da análise, na qual mobilizamos as marcas linguísticas e enunciativas, observamos que ele dá um sentido negativo à atitude da atriz, revelando uma posição axiológica de que a mulher deve ser mãe independente do contexto em que a criança foi gerada. Segundo Bakhtin (2015, p. 40, grifos do autor),

Não tomamos a língua como um sistema de categorias gramaticais abstratas; tomamos a língua *ideologicamente preenchida*, a língua enquanto cosmovisão e até como uma opinião concreta que assegura um *maximum* de compreensão mútua em todos os campos da vida ideológica (Bakhtin, 2015, p.40, grifos do autor).

Dessa forma, a partir da análise, observamos que o enunciado apresenta uma visão de mundo tradicional e que não leva em consideração as circunstâncias individuais que levam algumas mulheres a negar o papel da maternidade, como visto neste caso, além de desconsiderar o direito de escolha de cada uma delas sobre suas próprias vidas. Ademais, essa visão de mundo a qual a autora se ancora perpetua estereótipos de gêneros que creem que toda mulher nasceu para maternar.

2) “‘PROTEGE O ESTUPRADOR’: aqueles que a julgam por não denunciar”

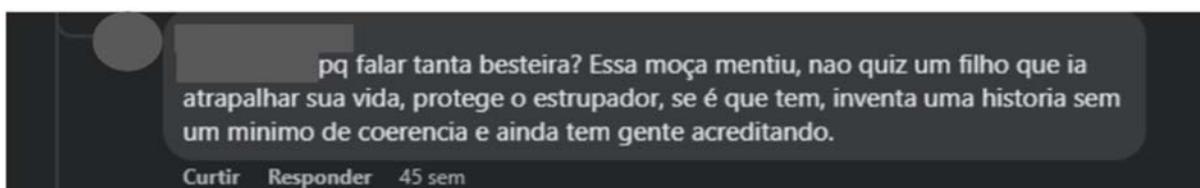


Figura 2: captura de tela elaborada pela autora.

O presente enunciado foi proferido por um perfil feminino e responde de maneira direta, uma vez que menciona outro enunciado, que também foi proferido por um perfil feminino. Ademais, o comentário-enunciado também responde à publicação da revista e a outros enunciados que o cercaram ao longo da sua vida e que ainda o irão cercar, o que transforma este enunciado em um enunciado

responsivo, pois, de acordo com Bakhtin (1997, p. 300-301) “o enunciado não está ligado apenas aos elos precedentes, mas também aos subseqüentes da comunicação discursiva.”

Antes de adentrarmos a análise do enunciado, é importante destacar que, conforme um dos parâmetros metodológicos propostos por Sobral (2006), devemos recuperar o contexto de produção desse enunciado. Como mencionado, ele responde a outro enunciado feminino na publicação, que diz o seguinte:

“Tu será horrada diante de Deus pq o que vc fez menina e muito valioso parabéns q Deus continue te abençoando”

Assim, chegamos ao enunciado objeto de nossa análise, que começa perguntando ao enunciado colocado acima:

“pq falar tanta besteira?”

Neste momento, ela convoca o outro perfil e realiza um questionamento direto, utilizando o ponto de interrogação, perguntando o motivo de estar falando “tanta besteira”. De acordo com o Dicionário Online de Português, o substantivo feminino “besteira” pode significar algo que não faz sentido. Esse questionamento da enunciativa indica uma frustração e descrença em relação ao que foi colocado pelo outro perfil, o qual menciona, observando-se, assim, por parte da autora do enunciado, um tom desaprovador ao que foi posto.

A defesa feita pelo outro perfil da atriz e de sua atitude só pode ser vista por esta enunciativa como “besteira”, já que, para ela, não tem sentido uma mulher engravidar por conta de um estupro, descobrir a gravidez quase no final da gestação e entregar o bebê para adoção, ao invés de ficar com ele. Como visto neste trabalho, todo signo é ideológico e revela uma posição assumida por seu interlocutor, que, neste caso, é aquela que crê que toda mulher deve ser mãe, sem considerar que a concepção da criança pode ter se dado de forma traumática.

Na continuação, ela coloca:

“Essa moça mentiu”

Ao utilizar o substantivo feminino “moça” e não nomear a atriz, ela a impessoaliza. Logo depois, utiliza o verbo “mentir” na terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo (mentiu), afirmando que a atriz mentiu ao declarar que fora vítima de um estupro, engravidou e descobriu a gestação só no final, decidindo assim por dar a luz a criança e entregar para adoção, desacreditando das manifestações dela.

Após, ela afirma: “nao quiz um filho que ia atrapalhar sua vida”

Neste segmento, a autora desconsidera todo o contexto que envolve a gravidez da jovem, além de insinuar que a escolha dela foi baseada em motivos egoístas, algo que pode ser constatado quando ela diz: “ia atrapalhar sua vida”. A autora do enunciado não leva em consideração as motivações pessoais para que ela não assumisse a maternidade de uma criança fruto de uma violência, visualizando a decisão dela como pura conveniência pessoal.

O enunciado estabelece relações dialógicas de concordância com enunciados que afirmam que a maternidade é uma responsabilidade que não deve ser evitada sob nenhuma circunstância, visto que é o “destino” das mulheres, supondo assim que ela é um dever ou um valor moral que não deve ser evitado. Ao mesmo tempo, entra em relações dialógicas de discordância com discursos que defendem a autonomia da mulher e o direito dela de tomar decisões sobre seu próprio corpo e futuro, incluindo a escolha de não assumir o papel da maternidade.

Na sequência do enunciado ela diz: “protege o estuprador”

Um dos significados encontrados para o verbo “proteger” no Dicionário Online de Português é o de “Afastar algo ou alguém do perigo”. A utilização deste verbo na terceira pessoa do singular do presente do indicativo sugere que a atriz tem algum “carinho” pelo estuprador e, por isso, preserva a sua imagem. Além disso, essa escolha lexical sugere também uma relação de proximidade ou conveniência entre a atriz e o estuprador, pressupondo que ela estaria agindo para evitar que ele sofresse as consequências de suas atitudes. Outrossim, o uso desse verbo põe em dúvida a credibilidade do discurso da atriz sobre o fato e insinua que ela está mais preocupada em manter a integridade dele do que denunciá-lo.

Assim, o enunciado também entra em relações dialógicas de sentido com enunciados que circulam na sociedade e que não compreendem o fato de que muitas vítimas de estupro não denunciam o estuprador, sem considerar que essas vítimas podem se sentir ameaçadas pelos agressores e, dessa maneira, não os denunciam, ou que podem sentir vergonha ou culpa pelo ocorrido. Além disso, também dialoga com enunciados que desacreditam as alegações de estupro e às palavras das vítimas.

Continuando o comentário-enunciado, ela afirma sua descredibilidade com a palavra da atriz, afirmando:

“se é que tem”

Nesta ocasião, a autora faz uso da locução condicional e concessiva “se é que”, utilizada para introduzir uma condição duvidosa, pondo em questão a veracidade ou a existência de algo, neste caso, do estuprador. Dessa forma, ela adota a postura de alguém que crê que a história pode não ter sido da forma como a atriz contou.

Na sequência, ela conclui o seu dizer:

"Inventa uma história sem um mínimo de coerência e ainda tem gente acreditando"

Neste momento, a autora faz uso do verbo “inventar” na terceira pessoa do singular do presente do indicativo (inventa), assinalando que a história é fictícia, elaborada pela atriz e que não encontra sustentação na realidade. Ela continua enfatizando a falta de sentido na narrativa contada pela jovem, afirmando que ela não tem “um mínimo de coerência”. Por último, ela usa a conjunção adicional “e”, para concluir, adicionando algo, neste caso, que “ainda tem gente acreditando”. Nesse trecho, ela expressa uma certa surpresa e desdém por aqueles que apoiam a atriz, mesmo diante de todas as incoerências que ela acredita haver na história, demonstrando desaprovação à credulidade dessas pessoas.

A categoria de análise a qual o comentário está inserida é: ‘PROTEGE O ESTUPRADOR’: aqueles que a julgam por não denunciar”. Nesta categoria temos um conjunto de enunciados que mobilizam o tópico referente ao fato dela não ter denunciado o estuprador para realizar o tema de criticar ela por não ficar com a criança. De acordo com Volóchinov (2017, p. 228),

o tema do enunciado é definido não apenas pelas formas linguísticas que o constituem - palavras, formas morfológicas e sintáticas, sons, entonação -, mas também pelos aspectos extraverbiais da situação. Sem esses aspectos situacionais, o enunciado torna-se incompreensível, assim como aconteceria se ele estivesse desprovido de suas palavras mais importantes (Volóchinov, 2017, p. 228).

Segundo a citação acima, o tema do enunciado é constituído de dois planos: o linguístico e o extralinguístico, e um não se sobrepõe ao outro. Assim como abranger o contexto em que determinado enunciado ocorre é importante, é igualmente importante considerá-lo em seus termos linguísticos, pois ele contribui para que o analista chegue ao tema do enunciado.

A análise revela que esses enunciados refletem uma visão de mundo que espera que a mulher, por ser mulher, tem que ser mãe em algum momento da vida, e que qualquer mulher que não siga essa prerrogativa é considerada egoísta, mesmo que ela tenha engravidado após um estupro.

3) “SERÁ QUE FOI ESTUPRO MESMO?’: aqueles que duvidam do estupro”

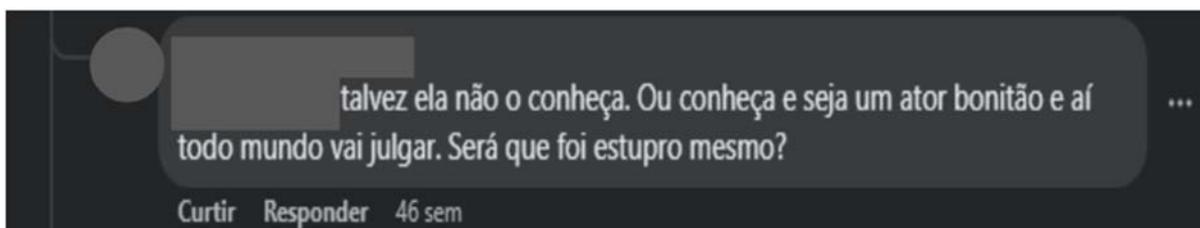


Figura 3: captura de tela elaborada pela autora.

O presente enunciado foi proferido por um perfil feminino e responde de maneira direta, uma vez que menciona outro enunciado também proferido por um perfil feminino. Contudo, como já vimos, o fato de ele dialogar diretamente com outro enunciado e indiretamente com inúmeros outros não significa necessariamente que concorde com eles, pois, conforme demonstra Faraco (2009, p. 69),

o Círculo de Bakhtin entende as relações dialógicas como espaços de tensão entre enunciados. Estes, portanto, não apenas coexistem, mas se tensionam nas relações dialógicas. Mesmo a responsividade caracterizada pela adesão incondicional ao dizer de outrem se faz no ponto de tensão deste dizer com outros dizeres (outras vozes sociais): aceitar incondicionalmente um enunciado (e sua respectiva voz social) é também implicitamente (ou menos explicitamente) recusar outros enunciados (outras vozes sociais) que podem se opor dialogicamente a ela (Faraco, 2009, p. 69).

Com base na citação acima, observamos que, para o Círculo de Bakhtin, os enunciados estabelecem relações dialógicas não apenas pela coexistência, mas pela tensão mútua que exercem entre si. Um enunciado só pode aceitar outro porque, simultaneamente, está em desacordo com outros. Assim, ao aceitar certas vozes sociais, automaticamente rejeita outras.

Antes de darmos continuidade à análise, é importante recuperar o enunciado com o qual este interage diretamente. O enunciado diz: “Sem julgamentos. Não

denunciou o estupro, por quê? Quais as chances de ser feliz sabendo que existe um ser humano com o seu sangue solto no mundo, sem ter tido culpa alguma?” A partir da recuperação do enunciado ao qual ela responde, podemos ver que a autora do enunciado que estamos analisando não demonstra discordância ao que foi colocado; pelo contrário, ela tenta responder à pergunta sobre o fato da atriz não denunciar o estupro. Dessa forma, após recuperarmos o contexto de produção do enunciado, chegamos ao enunciado escolhido para análise, o qual inicia da seguinte maneira:

“talvez ela não o conheça.”

Nesse momento, a enunciadora se utiliza do advérbio de dúvida “talvez”, introduzindo a possibilidade e levantando a hipótese de que a jovem não o conhecesse e que por isso não o denunciou. Na sequência, ela diz:

“Ou conheça e seja um ator bonito”.

Nesse momento, a locutora insere uma opção, ao fazer o uso da conjunção “ou” e insere uma outra possibilidade para a história, a de que ele pode ser um “ator bonito” e que ela sim o conheça. Neste instante, ao levantar a hipótese de que o estupro da atriz pode ser um “ator bonito”, dado que ela também é atriz, a enunciadora levanta estereótipos sociais com relação à aparência e ao *status* que circundam este ambiente cercado de pessoas famosas. Ao atribuir a característica de “bonito” ao agressor ela demonstra que a aparência física pode influenciar na percepção pública e no julgamento do caso.

A continuação do enunciado é: “e aí todo mundo vai julgar.”

Aqui, a enunciadora utiliza a conjunção aditiva “e” para adicionar outra ideia ao que já foi colocado por ela anteriormente, que é a de que, caso o estupro seja um ator, todas as pessoas irão julgar, pressupondo uma reação social ao ocorrido. Nesse momento, a autora do enunciado dialoga com enunciados onde a aparência e a profissão, neste caso de “ator famoso”, têm um peso grande no julgamento das pessoas. Além disso, ela também dá a entender que a atriz estaria preservando a imagem dele ao não denunciá-lo já que as pessoas expostas à mídia sofrem muitos julgamentos por parte da sociedade.

A autora finaliza o seu enunciado realizando um questionamento direto, uma vez que utilizado o ponto de interrogação, dizendo:

“Será que foi estupro mesmo?”

Nesse segmento, através do verbo “ser” no futuro do presente do modo indicativo(será), a autora indica uma ponderação sobre a possibilidade de o acontecimento ter se dado da forma como descrita pela atriz. Ao realizar essa ponderação ela coloca em dúvida a alegação de estupro da jovem e utiliza do questionamento como forma de sugerir que se busque por esclarecimento ou confirmação sobre o ocorrido.

Este enunciado entra em relações dialógicas de sentido com enunciados que duvidam da palavra da vítima em casos de estupro, ancorando-se na ideia de que a vítima pode ter provocado a situação, invalidando a caracterização como estupro. Também entra em relações dialógicas de sentido com enunciados que acreditam que a vítima “queria” ou “desejou” a relação em algum momento, mas ignoram que, ao dizer “não”, a relação se torna estupro, pois o consentimento da vítima é o que realmente importa.

A categoria de análise que o comentário está inserido é: “SERÁ QUE FOI ESTUPRO MESMO?': aqueles que duvidam do estupro”. Nesta categoria, estão presentes os comentários que mobilizam o tópico da dúvida em relação ao estupro para realizar o tema de criticar a atitude da atriz frente a gravidez em decorrência dele. A partir da análise, podemos observar que o enunciado reflete uma visão de mundo moldada pela cultura do estupro, que tende a normalizar a desconfiança em relação às denúncias das vítimas.

4) “ESSA CONTA NÃO BATE!': aqueles que duvidam da veracidade dos fatos”

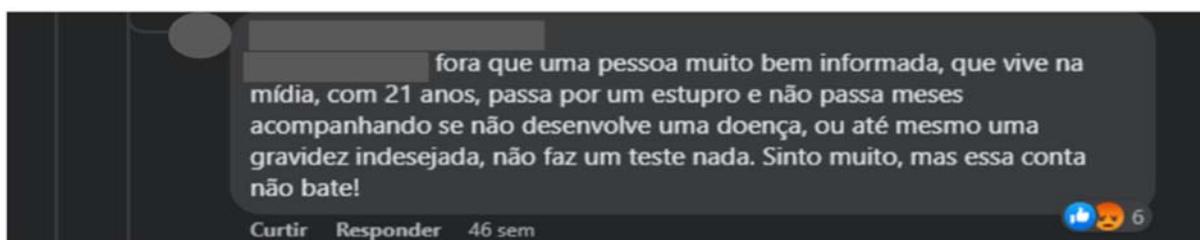


Figura 4: captura de tela elaborada pela autora.

O presente comentário foi proferido por um perfil feminino e inicia o seu dizer mencionando outro perfil que também realizou um comentário na publicação. Ele é um enunciado responsivo dentro dos termos dialógicos, uma vez que responde a publicação da revista, ao enunciado do perfil o qual menciona e a muitos outros

enunciados que não estão demonstrados de forma verbal e que chegaram antes deste enunciado e que ainda irão chegar, constituindo a interação verbal.

De acordo com Volóchinov (2017, p. 218-219, grifos do autor),

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados. Desse modo, a interação discursiva é a realidade fundamental da língua (Volóchinov, 2017, p. 218-219, grifos do autor).

Conforme demonstrado na citação acima, as relações dialógicas ocorrem dentro da interação verbal. Os enunciados não podem, como já vimos anteriormente, ser tomados apenas a partir de seu plano linguístico, dado que, se forem tomados dessa forma, serão identificadas apenas relações monológicas. As relações dialógicas, por sua vez, devem considerar o contexto extraverbal do enunciado.

Antes de realizarmos a análise do enunciado, é necessário recuperar o seu contexto de produção, pois, ainda de acordo com Volóchinov (2017, p. 145, grifos do autor),

a unidade do meio social e do acontecimento da comunicação social mais próximo são duas condições totalmente necessárias para que o conjunto físico-psicofisiológico apontado por nós possa ter uma relação com a língua, com o discurso, possa tornar-se um fato da língua-discurso (linguagem) (Volóchinov, 2017, p. 145, grifos do autor).

Dessa maneira, conforme a citação acima, conseguimos compreender a importância de recuperar o momento de produção do enunciado em questão. Considerar a unidade do meio social é importante porque os sujeitos envolvidos na comunicação compartilham um contexto social comum, que inclui normas culturais e práticas sociais fundamentais para que a compreensão seja possível. Da mesma forma, considerar o acontecimento da comunicação social mais próximo diz respeito ao contexto situacional em que aquela comunicação ocorre, exigindo certas adequações por parte dos interlocutores. Sendo assim, para que a análise do enunciado ocorra, um ponto que não pode ser ignorado é o contexto social

compartilhado entre os interlocutores em resposta a uma situação comunicativa específica.

O enunciado acima responde a um enunciado colocado anteriormente na publicação, dessa forma, é importante recuperarmos este diálogo. O outro comentário-enunciado que ele responde foi proferido por um perfil masculino, que diz: “e em poucos dias passou por todo processo legal para doar o bebê para adoção, tá sabendo que é um processo sério para evitar doações no impulso e não se resolve em dias, e muita mentira nesta história .” Este comentário também responde a outro comentário posto na publicação, proferido por um perfil feminino, que diz: “Ela descobriu poucos dias antes da criança nascer ,se fosse antes,talvez teria feito.” Por fim, o comentário-enunciado responsável por dar origem a essa sequência de enunciados diz: “Tu foi muito GRANDE em força coragem e atitudes pra ajudar outras pessoas que foram encanadas parabéns que és uma pessoa de caráter e atitudes abraçao fica com deus”

Passada a recuperação do contexto em que tal enunciado foi proferido, chegamos ao nosso enunciado, que diz “fora que uma pessoa muito bem informada, que vive na mídia, com 21 anos, passa por um estupro e não passa meses acompanhando se não desenvolve uma doença, ou até mesmo uma gravidez indesejada, não faz um teste nada. Sinto muito, mas essa conta não bate!” O presente enunciado possuía, até o momento de coleta do *corpus*, seis curtidas e um *emoji* de “Grr”.

A locutora inicia o seu dizer afirmando:

“fora que uma pessoa muito bem informada”

Sendo assim, a autora inicia o seu dizer mencionando o enunciado recuperado acima e utilizando a expressão coloquial “fora que”, usada geralmente para introduzir um argumento adicional ou algum outro ponto para complementar ou reforçar algo que já foi dito anteriormente. Essa expressão é equivalente a, por exemplo, “além disso” e é utilizada para adicionar informações a uma ideia já expressa. Na sequência da expressão, ela traz a informação a qual quer adicionar ao que já foi afirmado antes, que é: “uma pessoa muito bem informada” Neste momento, ela faz referência a atriz, embora sem citar seu nome, já que usa o substantivo feminino “pessoa” e, ainda nesta sequência, pressupõe que ela é “muito bem informada”. O que se pode compreender a partir da mobilização da marca linguística em enunciativa é que a enunciativa crê que a Klara é muito bem

informada por ser uma atriz famosa, pressuposto que pode ser confirmado logo em seguida, quando ela diz: “que vive na mídia, com 21 anos”. Neste trecho do enunciado, ela supõe que pessoas de 21 anos, jovens, são bem informadas, mais do que pessoas mais velhas podem ser.

Após levantar o ponto da fama e juventude da atriz, ela segue o seu dizer:

“passa por um estupro e não passa meses acompanhando se não desenvolve uma doença, ou até mesmo uma gravidez indesejada, não faz um teste nada”.

Aqui há, por parte da enunciativa, uma expectativa implícita de que a atriz, por ser jovem e viver na mídia (devido ao fato de ser famosa), deveria ter “consciência” e “responsabilidade” sobre as questões de saúde após sofrer uma violência como um estupro. Essa pressuposição da enunciativa entra em relações dialógicas de sentido com enunciados de pessoas que esperam certas atitudes das vítimas de estupro, desconsiderando que elas passam por um trauma grande e tudo o que mais desejam, muitas vezes, é esquecer o ocorrido e seguir a vida, como a própria Klara afirma em sua carta aberta. Para a autora do enunciado, não tomar medidas após um estupro é inconsistente com a realidade esperada para uma pessoa nova e informada, dialogando com enunciados que não levam em conta o choque, o medo e outras barreiras psicológicas que acabam sendo desenvolvidas em vítimas de estupro.

Continuando, ela finaliza o seu enunciado afirmando:

“Sinto muito, mas essa conta não bate!”.

Neste momento, ela utiliza a expressão “Sinto muito”, como que lamentando alguma coisa, ou, neste caso, todos os pontos argumentativos que ela expõe anteriormente que comprovariam o que ela pensa sobre o ocorrido com a jovem atriz. Logo depois, a enunciativa finaliza o seu comentário-enunciado na publicação, afirmando:

“mas essa conta não bate!”

Nesse momento, ela insere a conjunção adversativa “mas”, porém a utiliza como forma de concluir o seu dizer, a partir dos pontos levantados anteriormente por ela. Isso pode ser comprovado quando diz: “essa conta não bate!” Nesse instante, a autora faz uso de uma expressão muito comum em nossa sociedade, que é usada para indicar que algo está errado, que não faz sentido ou é incoerente. Essa expressão vem da ideia de fazer cálculos ou até mesmo comparações e, ao final, perceber que os resultados não coincidem. Dessa forma, ao mobilizarmos essas

marcas enunciativas, podemos observar que a enunciadora elenca uma série de atitudes esperadas da atriz que não foram realizadas e que justificam a inconsistência do ocorrido com ela, na visão da autora.

Também há, no fim do enunciado, o sinal exclamativo, utilizado geralmente para expressar uma emoção forte. Ele também é utilizado para dar ênfase a uma determinada ideia, como é o caso deste uso.

Ademais, o enunciado entra em relações dialógicas de sentido com enunciados que circulam na sociedade que colocam em dúvida as palavras da vítima, buscando muitas formas de justificar porque seria uma mentira, além de dialogar com enunciados que não compreendem que cada mulher vivencia esse trauma de formas diferentes, já que, como a própria teoria bakhtiniana diz, cada Ser é um evento único.

A categoria de análise a qual o comentário está inserida é: “ESSA CONTA NÃO BATE!': aqueles que duvidam da veracidade dos fatos”. Nesta categoria temos um conjunto de enunciados que mobilizam o tópico da veracidade dos fatos para realizar o tema de condenar a atitude da atriz de não assumir a maternidade. A partir da análise, podemos observar que o enunciado carrega uma visão de mundo que tende a colocar em dúvida a veracidade presente nas palavras dos testemunhos das vítimas. Essa visão está ancorada na cultura patriarcal e machista e demonstra que há uma tendência presente na sociedade a desacreditar as vozes das mulheres, principalmente quando elas desafiam normas sociais tradicionais como a maternidade.

- 5) “UM DIA ESSA MULHER VAI SE ARREPENDER': aqueles que creem em seu remorso”

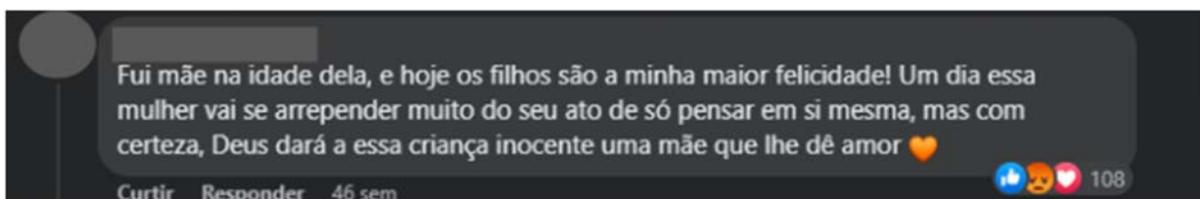


Figura 5: captura de tela elaborada pela autora.

O presente comentário foi proferido por um perfil feminino e também está presente na publicação da página da Revista CARAS Brasil no *Facebook*. No entanto, diferentemente dos enunciados analisados anteriormente, este não

responde diretamente a nenhum outro enunciado colocado por outro perfil nos comentários da publicação. Entretanto, é responsivo na medida em que responde à postagem da revista, além de responder a enunciados que surgiram antes e aqueles que ainda irão surgir, estabelecendo, assim, relações dialógicas com eles, pois, de acordo com Bakhtin (2016, p. 59),

O enunciado é pleno de *tonalidades dialógicas*, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria ideia - seja filosófica, científica, artística - nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizadas do nosso pensamento (Bakhtin, 2016, p. 59, grifos do autor).

De acordo com a citação acima, o enunciado, no viés bakhtiniano, é sempre dialógico, e não considerar esse fato torna difícil sua compreensão. Os pensamentos não surgem de forma isolada e nem se criam no vácuo; eles se desenvolvem a partir da nossa interação com outros interlocutores. Dessa maneira, a forma como expressamos o que pensamos, no caso do enunciado em questão, a forma verbal, é resultado desses processos de interação.

A locutora inicia o seu dizer proferindo:

“Fui mãe na idade dela e hoje os filhos são a minha maior felicidade!”.

Neste trecho, a locutora faz uso do verbo ir na primeira pessoa do pretérito perfeito do modo indicativo(fui), assumindo a responsabilidade e posição do seu dizer, trazendo uma voz pessoal e experiencial para o seu enunciado. Ao trazer esse tom pessoal, compartilhando a sua vivência, a enunciativa compara a idade em que foi mãe com a idade da atriz, que pode ser considerada jovem, uma vez que ela tinha 21 anos quando engravidou. Ao trazer a semelhança da idade ela estabelece um vínculo com a jovem. Após delimitar a equivalência entre a idade das duas, ela insere, a partir da conjunção adicional “e”, o seguinte: “hoje os filhos são a minha maior felicidade!” Neste momento, o seu enunciado transmite um sentimento de realização com a sua experiência de assumir a maternidade de seus filhos mesmo em uma idade bem jovem como a da Klara. Também é importante ressaltar que a enunciativa termina essa afirmação com o sinal exclamativo, com a intenção de dar ênfase ao que foi colocado por ela.

Todavia, conforme indicado pela teoria, no momento da análise devemos observar as marcas enunciativas do enunciado. Como visto no capítulo 2, o signo é sempre ideológico para Bakhtin, ou seja, expressa sempre a posição ocupada pelo interlocutor em sociedade. De acordo com Faraco (2009, p. 49),

Os signos emergem e significam no interior de relações sociais; estão **entre** seres socialmente organizados; não podem, assim, ser concebidos como resultantes de processos apenas fisiológicos e psicológicos de um indivíduo isolado; ou determinados apenas por um sistema formal abstrato. Para estudá-los, é indispensável situá-los nos processos globais que lhes dão significação (Faraco, 2009, p. 49, grifo do autor).

A partir da citação acima, os signos só podem ser observados e analisados de maneira adequada se considerarmos sua natureza social. Analisar um signo sem levar em conta a estrutura social que o envolve é tratá-lo como meramente linguístico, negligenciando seu aspecto ideológico. Dessa maneira, os signos são usados nas interações sociais e são moldados pelos discursos de poder que circulam na sociedade. Deste modo, a enunciativa não está “apenas” contando sua experiência, mas também perpetuando discursos sobre o ideário da maternidade. Além disso, a autora do enunciado também espera que a experiência da atriz seja como a sua, desconsiderando que ambas passaram por processos diferentes.

Na sequência da análise do enunciado, a autora afirma:

“Um dia essa mulher vai se arrepender muito do seu ato de só pensar em si mesma,”

Neste segmento do enunciado, a enunciativa não nomeia a atriz, dado que utiliza a expressão “essa mulher” e faz uma previsão de que um dia ela irá se arrepender do seu ato de “só pensar em si mesma”. A enunciativa estabelece relações de sentido com enunciados que circulam na sociedade de que a mulher que escolhe não ter filhos irá se arrepender em algum momento de sua vida, como vimos no capítulo teórico a respeito do gênero. Ademais, ela também retoma discursos moralistas a respeito da maternidade, que tratam ela como algo inegociável na vida de uma mulher, onde aquelas que não assumem são egoístas e só podem vir a se arrepender no futuro. Segundo Badinter (2023, p. 184-185),

A mulher que não tem filhos ou é digna de pena ou de censura. Como observa a socióloga Pascale Donati, “a não procriação é um afastamento da norma” que tem um preço: a desaprovação social. [...] Os estereótipos negativos sobre essas mulheres abundam: egoístas, incompletas, insatisfeitas, imaturas, materialistas, carreiristas etc. (Badinter, 2023, p. 184-185).

Como podemos observar, a partir da citação colocada acima, a mulher que não possui filhos não é bem vista na sociedade, sendo censurada muitas vezes, como é o caso do enunciado proferido. A pressão social para que as mulheres se tornem mães é grande e as que não escolhem seguir esse caminho, independente do motivo, são frequentemente vistas como individualistas. Ainda na citação, Badinter (2023) menciona uma socióloga que afirma que quem não assume a maternidade sofre retaliações na sociedade, sendo elas caracterizadas com todos adjetivos negativos possíveis. A noção de que uma mulher se realiza verdadeiramente só quando se torna mãe está enraizada na sociedade e acaba desconsiderando as várias formas pelas quais as mulheres podem encontrar propósito em suas vidas.

Na continuação, ela afirma:

“mas com certeza, Deus dará a essa criança inocente uma mãe que lhe dê amor”.

Neste momento, a autora faz a utilização da conjunção adversativa “mas”, inserindo uma oposição ao que foi dito anteriormente. Acompanhada da conjunção, está a expressão de afirmação “com certeza”, utilizada para dar confiança ao que será dito e inserir uma contraposição ao que foi dito anteriormente, ou seja, ela irá acabar sofrendo uma consequência negativa do seu ato, na visão da autora, que é o arrependimento.

Continuando, ela afirma: “Deus dará a essa criança inocente uma mãe que lhe dê amor”. Nesse segmento, a autora traz a voz da religião, personificada na figura de Deus, para afirmar que o futuro da criança será melhor do que a atitude de Klara para com ele. Nesse momento ela também utiliza do verbo dar no futuro do presente do modo indicativo, confiando na ação divina, que a conforta sobre o futuro do bebê.

Ela também faz utilização do adjetivo “inocente”, manifestando um senso de justiça, de que a criança não tem culpa pelo ocorrido. De fato, a criança não tem

culpa alguma, mas ao ver somente a criança como inocente disso tudo a enunciativa se esquece que a atriz também é uma vítima dentro desta história.

Ela finaliza seu enunciado com: “uma mãe que lhe dê amor” Nesse segmento, a autora não observa como uma atitude de amor a da atriz de reconhecer que não teria condições emocionais de criar essa criança e que por isso deveria doá-la para alguém que pudesse dar todo amor que ela merece.

A categoria de análise a qual o comentário está inserida é: “‘UM DIA ESSA MULHER VAI SE ARREPENDER’: aqueles que creem em seu remorso”. Sendo assim, a autora do enunciado analisado mobiliza um tópico, que neste caso é o do arrependimento, para realizar um tema, que é condenar a atriz por ter entregado o bebê para adoção, utilizando-se de sua experiência própria como comparação. Conforme observamos, o plano linguístico não pode ser desconsiderado no momento de análise, porém, para se atingir o tema (o que o enunciado nos diz de fato), é preciso ir além do que as palavras significam no dicionário, pois, de acordo com Volóchinov (2017, p. 229, grifos do autor), “a significação é *um artefato técnico de realização do tema*”, ou seja, ela é uma espécie de “ferramenta” que auxilia o analista a alcançar o tema do enunciado.

O enunciado ancora-se em uma visão de mundo predominante no Ocidente, aquela que socializa a mulher desde a infância para, ao chegar à fase adulta, assumir o seu principal papel: o da maternidade. Essa visão é influenciada pelo cristianismo, que, através de suas crenças e doutrinas, é um dos principais responsáveis por colocar a mulher em posições de subalternidade. Desde os mais remotos tempos até os dias atuais a religião cristã perpetua a ideia de que a mulher deve se dedicar principalmente às funções domésticas, ao marido e aos filhos. Sendo assim, a maternidade é posta como uma norma, e qualquer desvio dessa norma só pode resultar em arrependimento.

Considerações finais

Por fim, a presente pesquisa foi criada a partir da necessidade desta pesquisadora de compreender por que a sociedade julga uma mulher que decide não assumir a maternidade de um bebê resultado de um estupro. Embora tenhamos partido de um objeto de pesquisa pontual, o caso da atriz brasileira Klara Castanho, cujo ocorrido tornou-se de conhecimento público durante a seleção de mestrado em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), foi possível observar que a visão da mulher como um ser humano feito para gestar e, sobretudo, maternar, faz parte de um pensamento enraizado na sociedade ocidental. Embora essa problemática seja cada vez mais estudada na atualidade, ela ainda está longe de estar saturada, o que demonstra a importância social desta dissertação.

Sendo assim, a presente pesquisa buscou responder a pergunta central de pesquisa: De que maneira um enunciado, que sempre é valorado, ou seja, sempre expressa um juízo de valor, produz discursos intolerantes perpetuando a ideia de maternidade compulsória? Bem como outras duas questões: 1) O que esses enunciados podem explicar sobre por que se espera que uma mulher assuma sempre o papel da maternidade mesmo em casos de estupro? e 2) Qual a relação da exigência da maternidade com o discurso intolerante proferido a uma mulher vítima de uma violência como o estupro? Essas perguntas partiram da hipótese de que a sociedade tem uma crença arraigada de que toda mulher é naturalmente destinada à maternidade. Essa convicção é amplamente disseminada desde a infância, pois as meninas aprendem desde cedo que esse é o principal papel que podem desempenhar ao longo de suas vidas. Assim, negar esse papel, colocado como o mais importante socialmente para as mulheres, é ir contra algo inquestionável para uma parcela significativa da população.

Para responder às perguntas apresentadas no parágrafo anterior, estruturamos o texto de modo a tentar respondê-las neste momento final da pesquisa. Dessa forma, o primeiro capítulo, intitulado “‘corpo feminino como corpo materno’: a maternidade como o principal papel social desempenhado por uma mulher”, traçou um panorama histórico sobre a maternidade e como ela foi encarada ao longo do tempo na sociedade. Nele, exploramos as transformações e continuidades nas percepções e expectativas sociais relacionados ao papel materno. Também tentamos demonstrar como as influências culturais, religiosas e

econômicas que moldaram essas percepções, evidenciando como a maternidade foi frequentemente vista como uma obrigação e um destino natural para as mulheres.

Ressaltamos que, embora tenhamos trabalhado para proporcionar uma visão abrangente da maternidade compulsória neste capítulo, somos conscientes de que não conseguimos abarcar completamente essa questão complexa devido às limitações de tempo e escopo. Reconhecemos que esta temática, embora muito trabalhada em outras pesquisas a algum tempo, é vasta e multifacetada, e que cada aspecto abordado poderia ser objeto de estudos mais aprofundados e específicos. No entanto, procuramos fornecer uma base sólida a respeito do que permeia o imaginário social a respeito da maternidade para realizar as nossas análises.

Ainda no primeiro capítulo, criamos a seção “1.2 ‘O poder das palavras’ e os ‘sujeitos considerados como maus cumpridores de certos contratos sociais’ - violência simbólica e discurso intolerante”, onde tratamos a questão da violência simbólica a partir dos estudos do sociólogo francês Pierre Bourdieu e o discurso intolerante a partir da pesquisadora brasileira Diana Luz Pessoa de Barros.

Já no segundo capítulo, intitulado “2. ‘A língua, a palavra, são quase tudo na vida do homem.’ O Círculo de Bakhtin e sua percepção dialógica acerca da linguagem”, indicamos a teoria linguística na qual o nosso trabalho se encaixa, ou seja, a Análise Dialógica do Discurso, e apresentamos os conceitos dessa teoria que interessam ao nosso trabalho e que nos ajudariam a responder a nossa pergunta de pesquisa. Esses conceitos são: relação dialógica, interação verbal, enunciado concreto, signo ideológico e valoração.

No terceiro capítulo, denominado “O caso, a publicação, o *corpus* e o método: a metodologia de pesquisa”, apresentamos a metodologia de pesquisa adotada e sentimos a necessidade de dividi-lo em seções, com vistas a desenvolver plenamente todos os pontos que julgamos importantes serem tratados neste momento do trabalho. Dessa forma, na primeira seção, intitulada “3.1 ‘Imagina se tal colunista descobre essa história’: a exposição do caso Klara Castanho”, situamos o nosso objeto de pesquisa, relatando as informações a respeito do caso, bem como todas que saíram na mídia sobre ele ao longo desses dois anos de investigação. Na segunda seção, aquela que nomeamos como “3.2 Por que a CARAS? Uma escolha justificável”, consideramos importante justificar ao nosso leitor a escolha por esse veículo de comunicação em detrimento de outros. A seção “3.3 Como coletar um *corpus* tão grande? - Os comentários-enunciados e o seu recorte”, foi criada para

informar de que forma lidamos com um *corpus* tão grande, que, justamente devido ao seu tamanho, nos levou à criação de cinco categorias distintas para inseri-los.

Por último, temos o capítulo 4, nomeado por nós como “4. ‘A alma do compreendedor não é tabula rasa’ - análise de cinco comentários-enunciados”. Este capítulo foi apresentado anteriormente, no momento de qualificação, como uma seção pertencente ao capítulo 3. Todavia, em conversa, decidimos torná-lo um capítulo único, primeiro por uma questão estética, dado que, comparado aos demais capítulos, o capítulo 3 ficaria muito grande; depois, devido ao fato de entendermos que ele é um dos capítulos mais importantes da dissertação, visto que apresenta as análises dos comentários-enunciados e, por isso, merecia destaque.

Assim, a partir de todo referencial teórico apresentado ao longo da dissertação e principalmente a partir das análises que realizamos no último capítulo, com foco em conceitos bakhtinianos importantes para nós, sobretudo o conceito de valorização, podemos observar que tais enunciados mobilizam diferentes tópicos (assuntos, dentro da teoria) para julgar uma mulher vítima de uma violência sexual por não assumir a maternidade de uma criança gerada dentro deste contexto, revelando uma visão de mundo ancorada em estereótipos de gênero.

As análises também demonstraram que quando uma mulher não realiza o que é esperado por ela socialmente, a sociedade profere discursos intolerantes a ela, ou seja, aqueles discursos encaminhados a certos atores sociais que não cumpriram com as expectativas convencionais de comportamento esperadas por eles.

Os sentidos apreendidos a partir da observação analítica confirmam a hipótese levantada por nós de que a mulher que não assume a maternidade é mal vista pela sociedade, mesmo que a criança tenha vindo ao mundo por meio de uma violência. Dessa forma, o enunciado condena a mulher que engravida e não age da forma que a sociedade esperaria que uma mãe fosse agir.

Finalmente, destacamos a importância desta investigação, realizada com fomento público, ao propor reflexões críticas a respeito do papel da maternidade imposto às mulheres. Não se espera que o trabalho realize uma mudança de paradigmas e que às mulheres não seja mais negado o direito de escolher pela maternidade ou não. O que se espera, na verdade, é que as análises que realizamos destes enunciados possam gerar novos enunciados, com outras valorizações.

Referências

- ALLEGRETTI, F. E. ABORTO E MATERNIDADE COMPULSÓRIA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS DIREITOS REPRODUTIVOS DAS MULHERES. **Anais Ciências Criminais**, v. 1, n. 1, 2019.
- AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. *In*: BRAIT, Brait. (org.). **Bakhtin**: Outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 95-114.
- BADINTER, Elisabeth. **O conflito**: a mulher e a mãe. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. 2ª ed. Nova Fronteira, 1985.
- BAKHTIN, M. A Palavra na vida e na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica. *In*: VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich; BAKHTIN, Mikhail. **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 145-181.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes. 2003. (Tradução do russo por Paulo Bezerra. publicação original de 1979).
- BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. – Notas da edição russa de Serguei Botcharov. – 1ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTI, M. O discurso no romance. *In*: **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. São Paulo: Unesp; Hucitec, 1988. p. 71-210
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Paulo: Pedro & João, 2017.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BARROS, D. L. P. Estudos discursivos da intolerância: o ator da Enunciação Excessivo. **Cadernos de ESTUDOS LINGUÍSTICOS** – (58.1), Campinas, pp. 7-24 - jan./abr. 2016.

BARROS, D. L. P. **O discurso intolerante: primeiros estudos. 2009.**

BARROS, D. L. P. **Preconceito e Intolerância. Reflexões Linguístico-Discursivas.** São Paulo: Mackenzie, 2011.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo:** A experiência vivida. 2ª edição. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo:** Fatos e Mitos. 4ª edição. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BELANDI, C. 161,6 milhões de pessoas com 10 anos ou mais de idade utilizaram a Internet no país, em 2022. **Agência IBGE Notícias**, 09 de nov. de 2023. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38307-161-6-milhoes-de-pessoas-com-10-anos-ou-mais-de-idade-utilizaram-a-internet-no-pais-em-2022> Acesso em: 25 de jul. de 2024.

BERNARDO, M. A. **O NÃO DESEJO DE SER MÃE: UMA LEITURA A PARTIR DAS PERCEPÇÕES DE MULHERES QUE NÃO DESEJAM PASSAR PELA EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE.** Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). TCC. Palhoça, 2022.

BITTENCOURT, C. *Mothers* – Manual da série brasileira. Apaixonados por Séries, 2010. Disponível em:

<https://apaixonadosporseries.com.br/series/mothers-manual-da-serie-brasileira/>.

Acesso em: 24 de mar. de 2023.

ESTUPIÑÁN, A. E. B. O poder na teoria feminista da segunda onda: visões complementares. **Universitas Philosophica**, 38(77), 2021.

BOGADO, M. Rua. *In*: HOLLANDA, H. B. **Explosão feminista:** arte, cultura, política e universidade. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BORTOLOTTI, R. G. Reflexo e refração sígnica no espaço público de Arendt: interferências bakhtinianas. **Acta Scientiarum**. Education Maringá, v. 39, n. 3, p. 301-310, July-Sept., 2017.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina** - a condição feminina e a violência simbólica - 20ª ed- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022

BOURDIEU, P. **A Economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRAIT, B. **Bakhtin: Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, B. **Bakhtin**: Outros Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem In: **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: UNICAMP, 2015.

BRAIT, B. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. In: **Gragoatá** Publicação de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense Niteroi, n. 20, pp. 47-62. 1º sem, 2006.

V SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO. BRITO, Laís Emanuelle Borba de. PROGRAMADAS PARA GERAR: A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA DE GÊNERO PRESENTE NA MATERNIDADE COMPULSÓRIA. **Simpósio Temático nº 40: Violências, Marcadores Sociais da Diferença E Pandemia: Nomeações, Políticas e Enfrentamentos**, 2021.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade - 24ª ed - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

CARAS Brasil. Klara Castanho usou as redes sociais para agradecer todo o apoio que está recendo dos amigos, fãs e colegas de profissão. "Os últimos dias não foram fáceis, mas eu queria vir aqui para agradecer por cada palavra de amor, de afeto e de acolhimento que eu recebi e venho recebendo. Todo esse carinho tem sido muito importante para mim e eu precisava dividir a minha gratidão com vocês. Obrigada do fundo do meu coração", disse ela. Em seguida, a atriz contou que está

tendo acompanhamento psicológico e também está cercada por profissionais que estão preservando seus direitos. "Eu sei que muitos de vocês estão preocupados comigo, mas quero dizer que estou me cuidando, fazendo acompanhamento psicológico e sigo cercada de profissionais que estão trabalhando para a preservação dos meus direitos." "Quero agradecer a minha família, aos meus amigos, aos meus colegas de profissão, aos fãs que me acompanham e, também, a imprensa séria e responsável, que vem me respeitando durante esse momento. Com amor, Klara Castanho", completou ela. Reprodução/Instagram. São Paulo, 07 de julho de 2022. Facebook: CARAS Brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/carasbrasil/photos/a.444416314984/10159834658709985/> Acesso em: 29 de abr. de 2023.

CARVALHO, K. Antônia Fontenelle tem áudio vazado sobre polêmica com Klara Castanho. **O TEMPO**, 12 de junho de 2024. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/entretenimento/2024/6/12/antonia-fontenelle-tem-audio-vazado-sobre-polemica-com-klara-cas> Acesso em: 10 de jul. de 2024.

CASTANHO, K. Carta aberta. (Arraste para o lado). 25 de junho de 2022. Instagram. @klarafgcastanho. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CfPvGDkuii1/> Acesso em: 29 de abril de 2023.

CASTELLANOS, G. (2011). Las mujeres y el poder; diferencia, dominación y democracia. M. L. Femenías e P. Soza Rossi (Comps.), **Saberes situados/teorías trashumantes** (pp. 39-72). Universidad Nacional de La Plata.

CASTRO, S. Feminismo decolonial: origem e ideias centrais. **Revista Cult**. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/dossie-o-que-e-o-feminismo-decolonial/> Acesso em: 10 de fev. de 2024.

CASTRO, S. O que é o feminismo decolonial? **Revista Cult**. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/feminismo-decolonial-origem-e-ideias/> Acesso em: 10 de fev. de 2024.

CEREJA, W. Significação e tema. In: BRAIT, Brait. (org.). **Bakhtin: Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM - COFEN - RESOLUÇÃO COFEN Nº 564, ART 52, 2017.

COSTA, C. Rede. *In*: HOLLANDA, H. B. **Explosão feminista**: arte, cultura, política e universidade. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

COSTA, M. M. M.; SOARES, Etyane Goulart. BIOPOLÍTICA E CONTROLE DOS CORPOS FEMININOS: um debate sobre maternidade compulsória e aborto. **Revista Húmus**, v. 12, num 35, 2022.

DA REDAÇÃO. Klara Castanho - Biografia, Últimas Notícias, Curiosidades, Idade e muito mais! Seção Perfil das Celebidades. Metropolitana 98.5 FM, 2023. Disponível em: <https://metropolitanafm.com.br/klara-castanho>. Acesso em: 24 de março de 2023.

DAVID, R. S. IDEOLOGIA E DIALOGISMO: MIKHAIL BAKHTIN, HISTÓRIA E CONCEITOS QUE CABEM NA SALA DE AULA. **Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Ano 13 - n.21 – 2º Semestre – 2017**.

DELPHY, C. Patriarcado (teorias do). *In*: HIRATA, H., et. al. (orgs.) Dicionário Crítico do Feminismo. Tradução: Francisco Ribeiro Silva Júnior. São Paulo, Editora Unesp, 2009.

DESTRI, A.; MARCHEZAN, R. C. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. **Abralin**. V. XX, N. 2, 2021.

DI FANTI, M. G. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. Verdeas: **Revista de Estudos da Linguagem**. Juiz de Fora. V.7, n.1 e n.2. p.95-111. jan/dez.2003.

DONATH, O. **Mães arrependidas**: uma outra visão da maternidade. 1ª edição. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

DORNE, D. G. **DE SINAL A SIGNO: A “PALAVRA” (DISCURSO) EM BAKHTIN**.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. Tradução de Leandro Konder.

FANTÁSTICO. Advogada explica que, mesmo que não tivesse sido estuprada, Klara Castanho poderia legalmente entregar a criança para adoção. Seção Fantástico. **G1 - O portal de notícias da Globo**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/06/27/advogada-explica-que-mesmo-que-nao-tivesse-sido-estuprada-klara-castanho-poderia-legalmente-entregar-a-crianca-p-ara-adocao.ghtml>. Acesso em: 24 de março de 2023.

FANTÁSTICO. Klara Castanho: veja como começou o vazamento de história pessoal com especulações e ataques à atriz na internet. Seção Fantástico. **G1 – O portal de notícias da Globo**, 2022. Disponível:

<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/06/27/klara-castanho-veja-como-comeco-u-o-vazamento-de-historia-pessoal-com-especulacoes-e-ataques-a-atriz-na-internet.ghtml>. Acesso em: 24 de mar. de 2023.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. - São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FILHO, F. A.; SANTOS, Eliane Pereira. O TEMA DA ENUNCIÇÃO E O TEMA DO GÊNERO NO COMENTÁRIO ONLINE. **Forumlinguist.**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 78-90, abr./jun. 2013.

FILHO, U. C. ESTUDOS DO DISCURSO NAS CIÊNCIAS HUMANAS E DA LINGUAGEM: DESAFIOS E RESPONSABILIDADES. **Revista Saridh (Linguagem e Discurso)** – Editorial Páginas 9 – 15 (v. 2, n. 1, 2020).

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. - São Paulo: Contexto, 2018.

FLORES, V. N.; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

Foucault, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRANCHINI, B. S. (2017). O que são as ondas do feminismo? *In: Revista QG Feminista*. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismoeeed092dae3a>>. Acesso em: 07 de novembro de 2023.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: MIOTELLO, Valdemir. (org.). **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. São Carlos: Pedro e João editores, 2012. p. 19–39.

GOMES, R. N.; BALESTERO, Gabriela Soares.; ROSA, Luana Cristina de Faria. Teorias da dominação masculina: uma análise crítica da violência de gênero para uma construção emancipatória. **Libertas – Ouro Preto-MG- Volume 2/ n. 1/ jan./jun. 2016**.

GUIMARÃES, P. CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR: “A MATERNIDADE NÃO PODE SER UMA IMPOSIÇÃO”. Catarinas, 27 de setembro de 2016.

Disponível em:

<https://catarinas.info/catolicas-pelo-direito-de-decidir-a-maternidade-nao-pode-ser-uma-imposicao/> Acesso em: 05 de outubro de 2023.

HADDAD, M. I. D.; HADDAD, Rogério Delbone. JUDITH BUTLER: PERFORMATIVIDADE, CONSTITUIÇÃO DE GÊNERO E TEORIA FEMINISTA. **Revista Sexualidade e Relação de Gênero**, 2019.

HOOKS, B. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 193-210.

HOLLANDA, H. B. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HONÓRIO, G. Hospital deve pagar R\$ 200 mil por vazar dados de Klara Castanho; funcionária passava informações em tempo real sobre parto. **G1 - O portal de notícias da Globo**, São Paulo, 20 de mar. de 2024. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/03/20/hospital-deve-pagar-r-200-mil-por-vazar-dados-de-klara-castanho-funcionaria-passava-informacoes-em-tempo-real-sobre-parto.ghtml> Acesso em: 15 de maio de 2024.

JÚNIOR, E. Q. O. A divulgação do estupro de Klara Castanho. Portal de notícias jurídicas - MIGALHAS, 3 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/coluna/leitura-legal/369034/a-divulgacao-do-estupro-de-klara-castanho>. Acesso em: 24 de mar de 2023.

KARAM, H.; CASTRO, R. L. A. Direito, narrativa e imaginário social: A representação do feminino e a legitimação da violência contra a mulher. **Revista de Direito da Faculdade Guanambi** | Guanambi | v. 7 | n. 02 | e314 | jul./dez.|2020.

LAGUARDIA, li. Geração NoMo: A rebelião das mulheres que não contemplam a maternidade. EL PAÍS, 23 de ago. de 2014. Seção Sociedad. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/08/23/sociedad/1408813287_310188.html Acesso em: 07 de nov. de 2023.

LE MOS, C. T. **RELIGIÃO E PATRIARCADO: ELEMENTOS ESTRUTURANTES DAS CONCEPÇÕES E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO**. Caminhos - Goiânia, v. 11, n. 2, p. 201-217, jul./dez, 2013.

LEONEL, F. **Depressão pós-parto acomete mais de 25% das mães no Brasil. Ensp/Fiocruz. 18 de abril de 2016. Disponível em:** <https://portal.fiocruz.br/noticia/depressao-pos-parto-acomete-mais-de-25-das-maes-no-brasil> Acesso em: 15 de set. de 2023.

LIMA, S. M. M. **SUJEITO EM BAKHTIN: AUTORIA E RESPONSABILIDADE**. PERcursos Linguísticos • Vitória (ES) • v. 8 • n. 19 • 2018 • Dossiê- O dialogismo nos estudos contemporâneos da linguagem •

MACIEL, L. V. C. **Os elementos constitutivos do enunciado em suas relações dialógicas: um exemplo de análise**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 15, n. 2, p. 249-266, maio/ago. 2015.

MACIEL, L. V. C. **Além de “Os gêneros do discurso”**. Cad. Est. Ling., Campinas, 53(1), Jan./Jun. 2011.

MACHADO, D. F.; CASTANHEIRA, Elen Rose Lodeiro.; ALMEIDA, Margareth Aparecida Santini de. Interseções entre socialização de gênero e violência contra a mulher por parceiro íntimo. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2021.

MARQUES, C. J. C.; SANTOS, Kassia Cintia dos.; DANIEL, Natasha Saney Silva. **A ROMANTIZAÇÃO DA MATERNIDADE E SEUS IMPACTOS PSICOLÓGICOS**.

MARTELETO, R. M.; PIMENTA, Ricardo Medeiros (orgs.) **Pierre Bourdieu e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação**. 01. ed. - Rio de Janeiro : Garamond, 2017.

Maternidade nas mídias: entre a crítica, a romantização e a pressão social.

Revista Arco – Jornalismo Científico e Cultural. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Disponível em:

<https://www.ufsm.br/midias/arco/maternidade-nas-midias-entre-a-critica-a-romantizacao-e-a-pressao-social> Acesso em: 10 de out. de 2023.

MARTINS, L. **QUASE METADE DAS MULHERES SE SENTE PRESSIONADA A TER FILHOS**. Jornal A Tribuna, 03 de outubro de 2023. Disponível em:

<https://tribunaonline.com.br/cidades/quase-metade-das-mulheres-se-sente-pressionada-a-ter-filhos-151607?home=esp%C3%ADrito+santo> Acesso em: 25 de out. de 2023.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política. Livro I – o processo de produção do capital**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 167.

MEDVIÉDEV, P. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. São Paulo: Contexto, 2012.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 167-176.

MORAES, M. L. Q. Prefácio. In: **Reinvidicação dos Direitos da Mulher**. São Paulo: Boitempo, 2016.

MONTEIRO, A. A. C.; ANDRADE, Laura Freire de. SER MÃE OU NÃO SER: UMA PRESSÃO SOCIOCULTURAL NA CONTEMPORANEIDADE. **Faculdade Ciências da Vida**, v. 6, n. 2, 2018.

MONTEIRO, K. F.; GRUBBA, L. S. A LUTA DAS MULHERES PELO ESPAÇO PÚBLICO NA PRIMEIRA ONDA DO FEMINISMO: DE SUFFRAGETTES ÀS SUFRAGISTAS. **Direito e Desenvolvimento**, João Pessoa, v. 8, n. 2, p. 261-27, 2017.

NA LATA COM ANTONIA FONTENELLE. A COBRA VAI FUMAR! YouTube, 23 de jun. de 2022. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=vsrEhmQRr0Q&t=368s>. Acesso em: 24 de março de 2023.

OLIVEIRA, A. M.; HUFF, L. A.; PEREIRA, R. A.. **Considerações Teórico- Metodológicas para estudo da palavra-discurso: respostas a dois ensaios de Mikhail Bakhtin**. Caminhos em Linguística Aplicada, Taubaté-SP, v. 20, n. 1, p. 131–151, 2019.

Oliveira. O caso Klara Castanho: quando a violência estrutural contra as mulheres é exposta como espetáculo pelos meios de comunicação. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Paraíba, 2022.

OMS: UMA EM CADA 3 MULHERES EM TODO O MUNDO SOFRE VIOLÊNCIA.
Organização das Nações Unidas - OMS, Brasília, 10 de março de 2021.

Disponível em:

<https://brasil.un.org/pt-br/115652-oms-uma-em-cada-3-mulheres-em-todo-o-mundo-sofre-viol%C3%Aancia> Acesso em: 20 de abril de 2023.

O que é um feed? Ajuda do Google AdSense. Disponível em:

<https://support.google.com/adsense/answer/9189559?hl=pt-BR> Acesso em: 22 de out. de 2023.

Para entender de uma vez os conceitos de infraestrutura e superestrutura em Marx. CAFÉCOMSOCIOLOGIA.COM, 2016. Disponível em:

<https://cafecomsociologia.com/infraestrutura-e-superestrutura-em-marx/> Acesso em: 19 de out. de 2023.

Passe Livre: conheça a história do movimento. Summit Mobilidade. **Estadão**, 14 de outubro de 2021. Disponível em:

<https://summitmobilidade.estadao.com.br/compartilhando-o-caminho/passe-livre-conheca-a-historia-do-movimento/> Acesso em: 19 de maio de 2024.

PEREIRA, R. A.; RODRIGUES, R. H. **O CONCEITO DE VALORAÇÃO NOS ESTUDOS DO CÍRCULO DE BAKHTIN: A INTER-RELAÇÃO ENTRE IDEOLOGIA E LINGUAGEM**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014.

PODCAST PAPAGAIO FALANTE. Antônia Fontenelle | Podcast Papagaio Falante. YouTube, 23 de junho de 2022. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=9slOgVMTGpg>. Acesso em: 12 de abril de 2023.

ROHLING, N. **A PESQUISA QUALITATIVA E ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: CAMINHOS POSSÍVEIS**. Cadernos de Linguagem e Sociedade, 15(2), 2014.

ROSA, T. B. O PODER EM BOURDIEU E FOUCAULT: CONSIDERAÇÕES SOBRE O PODER SIMBÓLICO E O PODER DISCIPLINAR. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v.6, n.1, p. 3-12, jan./jun. 2017.

SANTANA, W. K. F.; LEAL, J. L. M.; SILVEIRA, E. L. **O ENUNCIADO CONCRETO SOB AS VESTES DO DIALOGISMO: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-ANALÍTICAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN**. RevLet – Revista Virtual de Letras, v. 11, nº 01, jan/jul, 2019.

SCAVONE, L. **Nosso corpo nos pertence? Discursos feministas do corpo**. Gênero, Niterói, v. 10, n. 2, p. 47-62, 2010.

sem autor. **TIPOS DE VIOLÊNCIA**. Instituto Maria da Penha - IMP. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html> Acesso em: 29 de abril de 2023.

SILVA, C. G. **Uma reflexão bakhtiniana sobre a palavra e seus sentidos: signoideológico, significação e tema em perspectiva dialógica.** Cadernos do IL, PortoAlegre, n.º 52, dezembro de 2016.

SILVA, D. S.; LEITE, Francisco de Freitas. **O subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato noCírculo de Bakhtin.** Miguilim–Revista Eletrônica do Netllij V.2, N.2, ago. 2013,p. 38-45.

SILVA, J.; ARANHA, M. F. **Pode uma mãe não gostar de ser mãe? as controvérsias acerca do feminino.** 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

SILVA, J. P. A.; CARMO, V. M.; RAMOS, G. B. J. R. AS QUATRO ONDAS DO FEMINISMO: LUTAS E CONQUISTAS. **Revista de Direitos Humanos em Perspectiva** | e-ISSN: 2526-0197 | Encontro Virtual | v. 7 | n. 1 | p. 101 – 122 | Jan/Jul. 2021.

SOARES, A. C. R.; MAZZARINO, J. M. Feminismo de internet: como as redes sociais contribuem para o desenvolvimento da Quarta Onda Feminista no Brasil. **Contratexto** n.º 36, diciembre 2021, ISSN 1025-9945, pp. 261-286.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin.** - Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. **Das Significações Na Língua Ao Sentido Na Linguagem: Parâmetros para uma Análise Dialógica.** Linguagem em (Dis)curso [online] v. 18, n. 02, pp. 307-322, 2018.

SOBRAL, A. U. Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase “parasitária” de uma vertente do gênero de auto-ajuda. 2006. 325 f. Tese (**Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem**). LAEL/PUC-SP, 2006.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. **Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD.** Domínios de Lingu@gem | Uberlândia | vol. 10 n.3| jul./set. 2016. STELLA, P. R; Palavra. In: BRAIT, B. (org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2016. p. 177-190.

SOBRAL, A. Texto, discurso, gênero: alguns elementos teóricos e práticos Nonada: Letras em Revista. **Laureate International Universities**. Vol. 2, núm. 15, pp. 9-29. Porto Alegre, Brasil. 2010.

STELLA, P. R.; BRAIT, B. **Tensão e produção de sentidos em Bakhtin e o Círculo**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 21, n. 1, p. 151-169, jan./abr. 2021.

TELLES, R. **Klara Castanho teve gravidez silenciosa. É possível gerar um bebê e não sentir nada? Especialista responde**. Revista GLAMOUR. Seção Saúde, 26 de junho de 2022. Disponível em: <https://glamour.globo.com/bem-estar/saude/noticia/2022/06/klara-castanho-teve-gravidez-silenciosa-e-possivel-gerar-um-bebe-e-nao-sentir-nada-especialista-responde.g.html>. Acesso em: 24 de março de 2023.

TOURINHO, J. G. **A mãe perfeita: idealização e realidade - Algumas reflexões sobre a maternidade**. IGT na Rede ISSN 1807-2526, [S. l.], v. 3, n. 5, 2006.

VAZQUEZ, G. G. H. SOBRE OS MODOS DE PRODUZIR AS MÃES: NOTAS SOBRE A NORMATIZAÇÃO DA MATERNIDADE. **Revista Mosaico**, v. 7, n. 1, p. 103-112, jan./jun. 2014.

VERASTEGUI, B. A. DISCUTINDO GÊNERO, POLIGAMIA E MATERNIDADE COMPULSÓRIA ATRAVÉS DA OBRA LITERÁRIA *FIQUE COMIGO EM UM CLUBE DE LEITURA*: IMPRESSÕES INTERCULTURAIS. **REVISTA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**, v. 3, n. 2, mar-abr, 2021.

VERONA, E. M. O DISCURSO MÉDICO E A CONSTRUÇÃO DA IDEIA DE SEXO FRÁGIL NO BRASIL OITOCENTISTA. OPSIS, Catalão, v. 12, n. 1, p. 311-327 – jan./jun. 2012.

VI SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS. MEDEIROS, Raissa Rayanne Gentil de. Quem violenta mulheres?: a construção social da masculinidade e sua influência na violência de gênero. **GT 21 – Gênero e Violência**, 2020.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Grillo, Sheila; Américo, Ekaterina Vólkova. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLOCHINOV, V. N. **Les frontières entre poétique et linguistique**. Tradução de Georges Philippenko. In: TODOROV, T. M. B.: le principe dialogique – suivi de Écrits du cercle de Bakhtine. Paris: Éditions du Seuil, 1981. p. 243-285.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo - São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLOSHINOV, V. ¿Qué es el lenguaje? Tradução do italiano de Ariel Bignami. In.: SILVESTRI, A.; BLANCK, G. **Bajtín y Vigotsky: la organización semiótica de la conciencia**. Barcelona: Anthropos, 1993[1929]. p. 217-243.

XAVIER, A. K. O. DA SACRALIZAÇÃO AO PURGATÓRIO: MATERNIDADE COMPULSÓRIA E O MITO DO AMOR MATERNO. **Facit Business and Technology Journal**, v. 3, págs. 24-37, 2022.

ZYLBERSZTAJN, J. Direito Internacional dos Direitos Humanos; proteção às Mulheres no STF. In: AMARAL JUNIOR, A.; JUBILUT, L. L. (Org). *O STF e o Direito Internacional dos Direitos Humanos*. São Paulo: Quartier Latin, 2009.